



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**SILVANA MARIA CALIXTO DE LIMA**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE PÓS-DOCTORADO:  
REFERENCIAÇÃO E MULTIMODALIDADE**

**FORTALEZA**

**2016**

**SILVANA MARIA CALIXTO DE LIMA**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE PÓS-DOCTORADO:  
REFERENCIAÇÃO E MULTIMODALIDADE**

**Relatório de estágio de pós-doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito para a aprovação do Estágio Pós-Doutoral realizado de março de 2015 a fevereiro de 2016.**

**Supervisor: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.**

**FORTALEZA**

**2016**



## ANEXO XI

### Relatório de Cumprimento do Objeto RELATÓRIO FINAL ( X ) RELATÓRIO PARCIAL ( )

<b>Nome do Beneficiário:</b> SILVANA MARIA CALIXTO DE LIMA	<b>Período a que se refere o Relatório:</b> De 02/03/2015 a 29/02/2016
<b>Auxílio nº:</b>	
<b>Instituição vinculada:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	

## 1 RESULTADOS ALCANÇADOS

### 1.1- Descrição dos resultados

Os resultados do desenvolvimento deste Projeto de Pós-Doutorado, ao longo de seus doze meses de execução, estão em conformidade com os seguintes objetivos específicos:

- Propor um redimensionamento das categorias de análise da referencialização, a partir do exame dessas categorias em diversos gêneros textuais multimodais, promovendo uma descrição mais refinada desse processo, com vistas a um modelo de aplicação ao ensino.
- Analisar, no processo de construção de sentidos de textos multimodais, a relação entre os fenômenos da recategorização e da intertextualidade.

Com relação aos resultados alcançados por meio do desenvolvimento do primeiro objetivo, temos a publicação do artigo “Revisitando os parâmetros do processo de recategorização”, na Revista Revel, trabalho em que discutimos a trajetória dos estudos sobre o processo referencial da recategorização, ou seja, das abordagens textual-discursivas às abordagens cognitivo-discursivas, defendendo essa última como potencial para o tratamento dos textos multimodais e propondo a categoria “recategorização sem menção de expressão referencial”, para dar conta de peculiaridades desse processo reveladas tanto nos textos verbais como nos multimodais. Nessa mesma direção de uma abordagem cognitivo-discursiva do processo de recategorização, a comunicação “A recategorização de referentes numa perspectiva cognitivo-discursiva”, apresentada no 4º Congresso Internacional de Gramática e Texto, em Lisboa-Portugal, também proporcionou a discussão de elementos fundamentais, em termos teórico-metodológicos, para o trato da construção de sentidos de textos multimodais. Os resultados dessa discussão estão em artigo submetido para publicação na Revista do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Outra comunicação intitulada “A construção de referentes em textos verbo-visuais: uma abordagem sociocognitiva” foi apresentada no I Simpósio de Linguística Textual, realizado em Fortaleza-CE, do qual também fizemos parte da Comissão Organizadora e da Comissão Científica. Nesse trabalho, delineamos caminhos para a descrição da construção de sentidos de textos verbo-visuais, com foco no processo referencial da recategorização, que se afigura como uma estratégia

bastante produtiva para a construção de referentes em textos verbo-visuais. O artigo que resultou dessa comunicação foi publicado na Revista *Intersecções*, do Centro Universitário Padre Anchieta Jundiaí/SP, numa edição especial sobre Linguística Textual. Dois outros artigos produzidos em coautoria com alunos do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí, do qual fazemos parte, também trazem resultados quanto ao desenvolvimento desse primeiro objetivo. O primeiro, intitulado “A reconstrução de referentes em perfil fake do facebook: uma análise cognitivo-discursiva”, foi publicado na Revista *Signótica*. O segundo, “Recategorização metafórica no gênero notícia satírica”, foi publicado na Revista *Investigações*.

Com relação ao segundo objetivo, encontra-se em fase de conclusão um artigo com os resultados das discussões empreendidas principalmente a partir do desenvolvimento de um projeto de Iniciação Científica, sob nossa orientação, que abordou especificamente a temática da recategorização e da intertextualidade em textos multimodais.

Ainda no que diz respeito ao primeiro objetivo, especificamente quanto à proposição de modelos para aplicação ao ensino, participamos da produção do capítulo intitulado “Coerência e Referenciação”, em coautoria com a supervisora deste projeto e mais três membros do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação, capítulo este que integra o livro *Linguística Textual e Ensino* (no prelo).

Por último, é preciso dizer que o amadurecimento das questões pertinentes aos objetivos deste projeto, que culminou com os resultados ora apresentados, também foi viabilizado pela nossa participação efetiva nas aulas das disciplinas Linguística Textual e Tópicos Avançados II, ministradas pela Professora Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, supervisora deste projeto, nos semestres 2015.1 e 2015.2, respectivamente. Os resultados das discussões das temáticas desenvolvidas nessas disciplinas servirão de base para a produção de um livro, em coautoria com a referida supervisora e dois outros membros do Grupo de Pesquisa Protexto, ainda durante o ano de 2016.

## **2- COMENTÁRIOS ADICIONAIS: (PUBLICAÇÕES, TESES, DISSERTAÇÕES, ARTIGOS CIENTÍFICOS, CITAÇÕES, CONGRESSOS, PATENTES E OUTROS)**

### **2.1 ARTIGOS COMPLETOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS E CAPÍTULO DE LIVRO**

1. LIMA, Silvana Maria Calixto de; CAVALCANTE, Mônica, Magalhães. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. *ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br], p. 295-315. ISSN: 1678-8931.
2. MONTEIRO, Beatrice Nascimento; LIMA, Silvana Maria Calixto de. Recategorização metafórica no gênero notícia satírica. *Revista Investigações*, vol. 8,

n 2 (2015), p. 1-21. ISSN: 2175-294X.

3. OLIVEIRA, Ananda Veloso Amorim; LIMA, Silvana Maria Calixto de. A reconstrução de referentes em perfil fake do facebook: uma análise cognitivo-discursiva. *Revista Signótica*, vol. 27, n 2 (2015), p. 375-394. ISSN: 2316-3390.

4. SOUSA, Márcia Ananda Soares Siqueira de; LIMA, Silvana Maria Calixto de. Operação sanguessuga, operação castelo de areia e operação sexto mandamento: meras designações ou verdadeiras caixas de pandora? *Veredas*, vol. 19, n 2 (2015), p. 344-356. ISSN: 1982-2243

5. LIMA, Silvana Maria Calixto de. Processo de recategorização metafórica: um gatilho para a construção do humor no gênero piada. In: CARMELINO, Ana Cristina (org.). *Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015, p. 117-135. ISBN: 978-85-249-2362-3.

6. LIMA, Silvana Maria Calixto de. A construção de referentes em textos verbo-visuais: uma abordagem sociocognitiva. *Intersecções*. Edição 18, Ano 9, Número 1, fevereiro/2016 – p. 61-80. ISSN: 1984-2406

## **2.2 APRESENTAÇÃO DE TRABALHO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTO**

1. IV Conferência Internacional de Gramática e Texto. Participação na Sessão Coordenada "Estudos sobre referenciação no âmbito da Linguística Textual no Brasil" com apresentação da comunicação intitulada "A recategorização de referentes numa perspectiva cognitivo-discursiva". Período: 02 a 04/07/2015. Local: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

2. II Encontro Nacional de Ficção, Discurso e Memória: cultura, linguagens e ensino. Participação em mesa-redonda com apresentação do trabalho "A construção do humor em tirinhas memes via processos de recategorização". Período: 17, 18 e 19 de junho de 2015. Local: Universidade Federal do Piauí.

3. VIII Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Apresentação da comunicação "Estratégias de referenciação em gêneros multimodais: trabalhando a construção de referentes". Período: De 08 a 10 de setembro de 2015. Local: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

4. I Simpósio de Linguística Textual. Participação como membro da Comissão Organizadora e da Comissão Científica. Apresentação da comunicação intitulada "A construção de referentes em textos verbo-visuais: uma abordagem sociocognitiva". Período: De 10 a 12 de novembro de 2015. Local: Universidade Federal do Ceará.

## **2.3 PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE MESTRADO E DE DOUTORADO**

1. LIMA, S. M. C. de; SILVA, F. O.; ALVES FILHO, F. Participação em banca de LUZIANA DE SOUSA LEAL. A referenciação em cartazes de campanhas socioeducativas: um diálogo entre o verbal e o não verbal. 2015. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Federal do Piauí.

TATIANA CELESTINO DE MORAIS. Estratégias de referenciação: o encapsulamento anafórico como um processo de reelaboração de objetos de discurso no gênero editorial, 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal de Sergipe.

12. LIMA, G. O. S.; LIMA, S. M. C. de; SANTOS, W. J. B. Participação em banca de DANIELA CYNTHIA DE SÁ ROCHA. Recategorização metafórica como função argumentativa nos fatos da petição inicial, 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal de Sergipe.

### 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Avaliamos que as atividades desenvolvidas ao longo dos doze meses de execução do presente projeto de pesquisa, comprovadas em seus anexos, atestam o alcance de seus objetivos, bem como resultam em contribuições significativas para o desenvolvimento da área específica da investigação, ou seja, a Linguística de Texto.

Assinatura/carimbo do Executor  
(Reitor ou Pró-Reitor de Pós-Graduação ou equivalente)



## REVISITANDO OS PARÂMETROS DO PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO

**Silvana Maria Calixto de Lima<sup>1</sup>**

**Mônica Magalhães Cavalcante<sup>2</sup>**

scalixto2003@yahoo.com.br

monicamco2@gmail.com

**RESUMO:** Neste artigo, a partir do estudo pioneiro de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) sobre o processo referencial da recategorização, fazemos uma incursão pela trajetória de desenvolvimento desse objeto de estudo no âmbito da Linguística Textual, com o objetivo de promover uma discussão sobre os parâmetros de tratamento desse processo na literatura da área da referenciação. Para o cumprimento desse propósito, apresentamos os estudos desenvolvidos sob o lastro da concepção de recategorização, fixando-nos em dois momentos: i) o das abordagens textual-discursivas e ii) o das abordagens cognitivo-discursivas. Esses momentos não são concebidos como antagônicos, mas como complementares, admitindo-se também a possibilidade de seu entrecruzamento. Não obstante, cada um deles tem um foco diferenciado, que abrange, respectivamente, a função das expressões referenciais recategorizadoras na cadeia textual/discursiva e a construção e processamento dessas ocorrências. Assim sendo, como parte do primeiro momento, destacamos os trabalhos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e de Matos (2005). Como parte do segundo, figuram os trabalhos de Marcuschi e Koch (2002), Cavalcante (2005), Lima (2003; 2009; 2011), Ciulla e Silva (2008) e Custódio Filho (2011). As discussões realizadas em torno do processo de recategorização, a partir da literatura da área, permitiu-nos chegar à constatação de que houve uma evolução nos parâmetros de definição do referido objeto de estudo, para o qual hoje convergem necessariamente aspectos de ordem textual, discursiva e cognitiva, em consonância com uma concepção sociocognitiva do texto assumida na atualidade pela Linguística Textual.

**Palavras-chave:** Texto; Referenciação; Recategorização.

### INTRODUÇÃO

Com o artigo pioneiro de Denis Apothéloz e Marie-José Reichler-Béguelin, *Construction de la référence et stratégies de désignation*, publicado em 1995, o

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística e professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e professora da Universidade Federal do Ceará (UFC).

estudo do fenômeno linguístico da recategorização toma lugar na agenda da Linguística Textual. No referido trabalho, os autores, assumindo a concepção de referência não extensional, ou referencial, na terminologia proposta por Mondada e Dubois (1995), postulam que o léxico de uma língua natural representa não um estoque de etiquetas prontas para rotular a realidade do mundo, mas um conjunto de recursos utilizados pelos sujeitos nas operações de designação. Dessa forma, definem a recategorização lexical como o processo pelo qual os falantes designam os referentes, durante a construção do discurso, selecionando a expressão referencial mais adequada a seus propósitos. Isso significa que o falante dispõe de uma série aberta de expressões para nomear um referente, mas essas expressões podem sofrer constantes reformulações, de acordo com as diferentes condições enunciativas.

É fato que o trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) propulsionou um significativo número de pesquisas cujos fundamentos vão desde a concepção primeira do fenômeno como uma estratégia de designação na atividade discursiva até o seu redimensionamento em termos de processo cognitivo-discursivo. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é fazer uma discussão sobre os parâmetros de tratamento da recategorização na literatura da área da referencial, com o intuito de refletir sobre os desdobramentos e produtividade desse mecanismo na análise da construção dos sentidos do texto. Para o cumprimento desse propósito, traçamos uma trajetória dos estudos desenvolvidos sob o lastro da concepção de recategorização, fixando-nos em dois momentos: i) o das abordagens textual-discursivas e ii) o das abordagens cognitivo-discursivas. Esses momentos não são concebidos como antagônicos, mas como complementares, admitindo-se também a possibilidade de seu entrecruzamento. Não obstante, cada um deles tem um foco diferenciado, que abrange, respectivamente, a função das expressões referenciais recategorizadoras na cadeia textual e a construção e processamento dessas ocorrências. Assim sendo, como uma amostra do primeiro momento, destacamos os trabalhos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Matos (2005). Como parte do segundo, figuram os trabalhos de Marcuschi e Koch (2002), Cavalcante (2005), Lima (2003; 2009; 2011), Ciulla e Silva (2008) e Custódio Filho (2011). É preciso considerar ainda o fato de que há, no interior desses dois momentos, diferentes níveis de gradação no trato do fenômeno. Encerrando essa revisitação dos parâmetros do processo de recategorização, apresentamos os resultados de alguns estudos, dentre eles Capistrano Júnior (2011) e Lima (2013), que, com base em Ramos (2007), já



estendem a aplicação dessa categoria para os textos verbo-visuais. Nessa última parte, cremos que o redimensionamento da concepção de recategorização proposto por Lima (2009) tem potencial para recobrir a descrição de textos configurados por mais de uma semiose.

As discussões realizadas em torno do processo de recategorização, a partir da literatura da área, permitiu-nos chegar à constatação de que houve uma evolução nos parâmetros de definição do referido objeto de estudo, para o qual hoje convergem necessariamente aspectos de ordem textual, discursiva e cognitiva, em consonância com uma concepção sociocognitiva do texto assumida na atualidade pela Linguística Textual. Ademais, vimos que a descrição desse fenômeno já extrapola o nicho dos textos verbais, considerando o atual interesse da referida área numa abordagem sistemática dos textos multimodais, em que o processo de recategorização ganha novos contornos em sua descrição pelas peculiaridades das semioses não verbais, porém nunca desvinculados do tripé texto-discurso-cognição.

## **1. O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA TEXTUAL-DISCURSIVA**

Como frisamos, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) são os precursores da abordagem da recategorização no âmbito da Linguística Textual, concebendo tal fenômeno como uma estratégia de designação pela qual os interlocutores podem rerepresentar os objetos de discurso remodulados de acordo com as diferentes condições enunciativas. Segundo os autores, uma característica essencial das línguas naturais é a plasticidade dos significados lexicais, e a recategorização lexical, tal como por eles definida, ancora-se nessa propriedade. Assim, sendo adeptos de uma concepção de referência não extensional, eles assumem a dinamicidade dos objetos de discurso, que não são dados *a priori*, mas construídos *no e pelo* discurso. Dessa forma, os referentes instaurados na atividade discursiva podem sofrer recategorizações em vista dos propósitos comunicativos dos interlocutores. É o que ilustra o exemplo clássico dos autores apresentado na sequência.

- (1) Um rapaz suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias atrás pela polícia de Paris. Ele havia ‘utilizado’ a linha de seus vizinhos para fazer ligações para os Estados Unidos em um montante de aproximadamente 50000 francos. *O tagarela...* (citado por APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995: 262).

Nesse exemplo, a expressão referencial “o tagarela” tanto retoma como recategoriza o referente inicialmente introduzido (“um rapaz suspeito”). Ressalte-se que essa recategorização fornece uma informação nova, investida do julgamento do interlocutor acerca do ato cometido (desvio e uso abusivo de uma linha telefônica).

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) são também precursores na elaboração de uma proposta de classificação das recategorizações lexicais, a partir do tipo de manifestação das expressões anafóricas no texto. Trabalhando com um conceito redimensionado de anáfora, eles consideram que as expressões anafóricas não têm valor apenas referencial, o que significa que podem ser usadas tanto para apontar para um objeto de discurso quanto para modificá-lo, posição que consiste na concepção mesma da recategorização assumida pelos autores. Por economia, não vamos nos deter na descrição da proposta dos referidos teóricos, limitando-nos a destacar a sua importância como estudo pioneiro para o desenvolvimento dos trabalhos subsequentes sobre o fenômeno da recategorização, conforme apresentado ao longo deste artigo. Vale ressaltar também que esse artigo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) é a base do que vimos tratando sobre a perspectiva textual-discursiva da recategorização, não se podendo negar o mérito dos autores em sistematizar diferentes tipos de recategorização com lugar na atividade discursiva.

Não obstante, essa abordagem ainda se faz reducionista quando atrela a realização desse processo a ocorrências de retomadas anafóricas, alcançando apenas a dimensão textualmente manifesta do fenômeno. Há que se reconhecer, por outro lado, que, coerentes com o seu foco de abordagem, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) acabam por evidenciar muito mais os aspectos interacionais do processo, priorizando as funções discursivas que ele pode comportar. Como veremos no item 2, a consideração dos aspectos cognitivos na concepção do mecanismo linguístico da recategorização pode revelar outras facetas bem interessantes desse processo.

Nessa linha de abordagem da recategorização numa perspectiva textual-discursiva, destacamos o trabalho de Matos (2005), que investiga as funções discursivas das recategorizações lexicais em oitenta textos de diversos gêneros. A autora parte do pressuposto de que a recategorização é configurada por escolhas lexicais por parte de um enunciador. Essas opções lexicais, por sua vez, estão relacionadas a uma intencionalidade desse enunciador. Assim sendo, Matos (2005: 98) define o ato de recategorizar nos seguintes termos:

Entendemos que a recategorização, enquanto estratégia textual-interativa, realiza-se por meio de marcas formais, materializadas regularmente nos textos. Por outro lado, coexistem marcas interacionais subjacentes a essa estratégia, porque a recategorização sempre acontece impulsionada por uma intencionalidade do interlocutor, a qual determina o desenvolvimento argumentativo do texto.

Nessa definição, ressaltamos a ênfase da autora na concepção da recategorização como uma estratégia que se configura por marcas formais que se materializam nos textos, conduzindo a sua abordagem para os casos de recategorização por anáfora direta, como ilustra o exemplo seguinte por ela apresentado:

- (2) Estão abertas as inscrições para o curso de Redação para o Vestibular de Direito, Medicina e Enfermagem (UVA/UFC). O curso será ministrado pelo professor Vicente Martins, mestre em educação e docente do curso de Letras, com larga experiência no ensino de redação para o vestibular, (...) Durante o curso, o ministrante vai utilizar o método processual de escrita que consiste na elaboração de textos em partes. (...). (Reportagem Jornal da UVA, 2005: 4, citado por MATOS, 2005: 107).

Na análise desse exemplo, Matos (2005) destaca a recategorização do referente “professor Vicente Martins”, marcada formalmente pelo sintagma anafórico “o ministrante”. Tal recategorização lexical é por ela classificada como uma anáfora com função não avaliativa explícita, pelo fato de não agregar nenhum juízo de valor. Além dessa função, a autora propõe mais três funções argumentativas das recategorizações: a avaliativa, a de glosa e a estético-conotativa. Para não fugir ao nosso foco de abordagem, remetemos ao trabalho de Matos (2005) para maiores detalhes sobre a sua proposta.

Em face do que foi apresentado sobre a abordagem textual-discursiva do processo de recategorização, compreendemos que esse ponto de vista tem um papel relevante na concepção do fenômeno, resultando em descrições profícuas e exaustivas sobre as funções desse mecanismo na atividade textual-discursiva.

Porém, é preciso dizer que os estudos em recategorização avançaram em direção à consideração de todos os aspectos do texto, não mais se fixando necessariamente nas expressões explícitas formalmente na superfície textual. Esse processo apresenta outras formas de realização muito menos explícitas que demandam uma imersão nos aspectos cognitivos que lhe são inerentes, conforme detalhamos na seção seguinte, para que se alcance a totalidade de sua descrição.

## 2. O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA COGNITIVO-DISCURSIVA

Em estudo realizado sobre as recategorizações metafóricas em piadas, Lima (2003) apresenta algumas evidências de que o processo de recategorização não necessariamente é homologado por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão referencial recategorizadora na superfície textual, estando a sua (re)construção, em maior ou menor grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos do plano contextual. Essa conjectura da autora pode ser melhor compreendida da análise do exemplo seguinte, apresentada em Lima (2009):

- (3) Um amigo conta pro outro:  
– Minha sogra caiu do céu!  
– Ela é maneira assim mesmo?  
– Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa. (Piadas Seleccionadas, 2003: 10, citada por LIMA, 2009: 40).

Como explica a referida autora, a recategorização do referente “sogra” como “bruxa” não é homologada explicitamente no cotexto, mas pode ser (re)construída pelas pistas co(n)textuais que evocam, principalmente, o conhecimento de mundo partilhado de que bruxas voam sobre vassouras. É exatamente essa recategorização que engatilha o efeito cômico da piada, devendo-se levar em conta também a existência de um estereótipo de sogra como *persona non grata*, normalmente tratada de forma pejorativa.

Em vista disso, Lima (2009) defende como patente a natureza cognitivo-discursiva do processo de recategorização, propondo um redimensionamento desse fenômeno desde sua concepção primeira, realizando tal empreitada por meio de uma interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva, mais precisamente com a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987)<sup>3</sup>. Nessa direção, admite que os primeiros passos já foram dados em Lima (2003), quando propõe um critério cognitivo na descrição das recategorizações metafóricas que engatilham a construção do humor na piada, como ilustrado no exemplo anterior. Porém, esse

---

<sup>3</sup> Os Modelos Cognitivos Idealizados podem ser definidos sumariamente como estruturas cognitivas que constituem domínios nos quais os conceitos adquirem significação. Remetemos ao trabalho da autora na íntegra, para um maior detalhamento do percurso teórico-metodológico por ela traçado.

estudo de Lima (2003) não resultou ainda num redimensionamento da natureza propriamente dita do fenômeno da recategorização.

Vale ressaltar os avanços promovidos por Marcuschi e Koch (2002) na definição do fenômeno. Para os autores, “a recategorização acha-se fundada num tipo de remissão a um aspecto co(n)textual antecedente que pode ser tanto um item lexical como uma ideia ou um contexto que opera como espaço informacional (mental) para a inferenciação” (MARCUSCHI; KOCH, 2002: 46), definição que já amplia os limites do conceito primeiro da recategorização (APOTHÉLOZ; REICHLER-BEGUÉLIN, 1995), pelo fato de não restringir as remissões a itens lexicais. Ademais, Marcuschi e Koch (2002: 46) postulam também que “a recategorização não envolve necessariamente correferencialidade, isto é, nem sempre designa o mesmo indivíduo referido pelo item que opera como antecedente”, numa clara alusão aos casos de anáfora indireta, praticamente deixados à margem na proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995).

A despeito das contribuições, como explica Lima (2009), Marcuschi e Koch (2002) não chegam a sistematizar nenhuma proposta de classificação das recategorizações que amplie a concepção em termos de sua natureza cognitivo-discursiva. Para a autora, a ampliação do conceito de recategorização, principalmente na extensão do fenômeno aos casos de anáfora indireta, como ocorreu em Lima (2003), só é possível pela admissão dos aspectos cognitivos que permeiam o processo.

Outro estudo que fundamenta a proposta de Lima (2009) é o de Cavalcante (2005). A autora, defendendo que anáfora e referência não podem ser consideradas como termos intercambiáveis, admite – mas não avança na descrição – a possibilidade de um tipo de recategorização que não se explicita por expressões referenciais.

A ‘recategorização’ é, por definição, uma alteração nas associações entre representações categoriais parcialmente previsíveis, portanto, em nossa visão pública de mundo. A menor ou maior desestabilização da categoria em mudança é o próprio traço, explícito ou implícito, que define a recategorização de um referente, quer tenha ele sido já introduzido no discurso para ser transformado, quer não tenha sido e se recategorize apenas mentalmente, no próprio momento em que o anafórico remete indiretamente à sua âncora (CAVALCANTE, 2005: 132).

Na análise do poema seguinte, podemos entender melhor o posicionamento da autora.

(4) A rosa de Hiroxima

Pensem *nas crianças*  
Mudas telepática  
Pensem *nas meninas*  
*Cegas inexatas*  
Pensem *nas mulheres*  
*Rotas alteradas*  
Pensem *nas feridas*  
*Como rosas cálidas.*  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroxima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida inválida  
A rosa com cirrose  
A anti-rosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada  
(Vinícius de Moraes – citado em CAVALCANTE, 2005: 129)

No exemplo (4), Cavalcante (2005) admite a possibilidade de refletir sobre a existência do fenômeno da recategorização nas introduções referenciais puras<sup>4</sup>, o que pode ser constatado na introdução referencial que serve como título para o poema “A rosa de Hiroxima”. Nessa ocorrência, segundo Cavalcante (2005), embora o referente recategorizado não se explicita na superfície textual, é possível, pelo nosso conhecimento de mundo, recuperá-lo e compreender as transformações que se operam no momento mesmo em que ele é introduzido no poema. Entretanto, Lima (2009) entende que faltou à autora perceber, nessa explicação, que esse processo de recategorização não necessariamente se dá na linearidade do texto. Ademais, a autora argumenta que não seria próprio afirmar que a recategorização ocorra no momento mesmo em que a expressão referencial “A rosa de Hiroxima” é introduzida no texto, conforme afirma Cavalcante (2005), pois há outros elementos no cotexto que servem

---

<sup>4</sup> Essa mesma reflexão, segundo a autora, já é sugerida por Jaguaribe (2005), em projeto de tese. Em Jaguaribe (2007), encontramos a definição do postulado de que uma introdução referencial pode ser feita por meio de uma recategorização. Igualmente, Silva (2013) assume esse tipo de introdução referencial recategorizadora, porém a descrição do processo feita pelo autor é de uma perspectiva textual-discursiva, não adentrando ele nos aspectos cognitivos que defendemos como inerentes ao fenômeno da recategorização.

como âncora para a inferência do referente recategorizado. Assim, no âmbito da conjectura de que a recategorização é um processo cognitivo-discursivo, Lima (2009) diz que, nesse caso, seria próprio afirmar que a transformação não se dá pontualmente, mas vai acontecendo à medida que as inúmeras pistas dadas por expressões referenciais ou não ajudam o leitor a compor novos sentidos e novas referências, daí ser esse caso muito mais complexo, em que a recategorização se realiza de forma circular. Ou seja, é preciso passar pelos vários elementos em que ela se ancora para, num movimento inverso, chegar-se à (re)construção do processo.

Não obstante essas ponderações de Lima (2009), Cavalcante (2005) pontua que não se sustenta a ideia de que a recategorização só se aplica às anáforas correferenciais. Para Lima (2009), o mais importante nessa reflexão suscitada pela autora é que corrobora o seu pressuposto de que o fenômeno da recategorização ultrapassa as fronteiras da superfície textual, ficando o seu grau de explicitude, muitas vezes, também condicionado pela ativação dos mecanismos cognitivos que lhe são constitutivos, e não depende apenas de uma expressão lexical que lhe homologue o sentido. Assim, Lima (2009) reconhece os *insights* de Cavalcante (2005) como elucidativos para o seu propósito de redimensionar a concepção de recategorização.

Na trajetória de um redimensionamento da concepção de recategorização, Lima (2009) também convoca o trabalho de Ciulla e Silva (2008), que faz uma proposta de simplificação do fenômeno, ao propor que a oposição categorização/recategorização se faz desnecessária, sob o argumento de que se a recategorização é compreendida como uma alteração de categorias parcialmente previsíveis – e sendo as categorias sempre mais ou menos previsíveis –, então seria próprio dizer que a atividade de categorização implica sempre uma recategorização. A respeito dessa posição, Lima (2009) avalia que, embora a proposição da autora tenha por base o caráter da instabilidade das categorias, a simplificação dos dois processos pode incorrer numa generalização excessiva, pois, com tal conjectura, Ciulla e Silva (2008) pode esvaziar a concepção primeira do fenômeno da recategorização (APOTHÉLOZ; REICHLER-BEGUÉLIN, 1995), posição que compromete a abordagem da recategorização pretendida por Lima (2009), para quem a categorização e a recategorização são fenômenos teoricamente distintos, embora guardem relações bastante estreitas.

Nesse sentido, a referida autora explica que a noção de categorização, oriunda da Linguística Cognitiva, não se restringe a categorias linguísticas, mas, antes de

tudo, a categorias conceptuais ou estruturas cognitivas que estão na base dessas categorias linguísticas. Dessa forma, o processo de categorização excede a manifestação linguística, enquanto a recategorização é um fenômeno linguístico que se manifesta na atividade discursiva. Contudo, apesar desses pontos de discordância, a autora reconhece que Ciulla e Silva (2008) avança com relação à concepção pioneira da recategorização, quando não admite o fenômeno restrito a operações meramente lexicais, assumindo que depende simultaneamente do léxico e das operações cognitivas, de forma indissociável.

Assim sendo, Lima (2009), reconhecendo os avanços dos estudos apresentados no trato do mecanismo da recategorização, conjectura ser este um processo de natureza cognitivo-discursiva, que deriva da categorização na atividade de referir. Tal conjectura, segundo a autora, tem os seguintes desdobramentos:

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais (LIMA, 2009: 57).

O redimensionamento da concepção de recategorização nos termos proposto pela autora permite alcançar os vários níveis de sua realização em termos de explicitude, bem como dá margem à possibilidade de ampliar a sua descrição por meio da reconstrução da rede conceitual/inferencial subjacente às expressões linguísticas recategorizadoras. É nesse contexto que ela argumenta que a metáfora e a metonímia são fenômenos exemplares para explorar o papel dessas redes conceituais/inferenciais no processo de recategorização, ampliando, assim, seu tratamento, de modo a promover uma interface com a Linguística Cognitiva, por meio da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, conforme já dito. Dessa conjuntura, Lima (2009) propõe uma classificação do processo de recategorização em três tipos: i) metafóricas; ii) metonímicas; iii) por interação metáfora-metonímia. Na análise do exemplo (5), podemos compreender como os aspectos cognitivos podem necessariamente ser evocados na construção das recategorizações.

(5) A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:



- Doutor, o senhor esqueceu a porta da sua garagem aberta!
- Ele fecha rapidamente a braguilha e diz, com a voz cheia de malícia:
- Por acaso a senhora viu a minha Ferrari vermelha?
- Não senhor! Tudo que eu vi foi um fusquinha desbotado e com os pneus dianteiros totalmente murchos! (Sarrumor, 2000: 187, citado por LIMA, 2009: 59).

Recorremos à análise mais detalhada do exemplo feita em Lima (2011: 319-320):

[No exemplo (5) ], damos destaque a quatro ocorrências de recategorização que engatilham a comicidade do texto: i) a de “braguilha como porta de sua garagem” (do Doutor); ii) a de “genitália masculina” como “Ferrari vermelha”; iii) a de “genitália masculina” como “fusquinha desbotado”; iv) a de “testículos” como “pneus dianteiros totalmente murchos”. Em (i) temos uma ocorrência de recategorização metafórica textualmente explícita. Já em (ii), (iii) e (iv) ocorre uma integração de metonímias e metáforas no licenciamento das respectivas recategorizações, pois, por um processo metonímico, temos as marcas (Ferrari e fusquinha) pelo objeto (carro) e a parte (pneus dianteiros) pelo todo (carro). Simultaneamente, o referente “genitália masculina” é recategorizado metaforicamente como “Ferrari vermelha” e “fusquinha desbotado”, assim como o referente “testículos” é recategorizado como “pneus dianteiros totalmente murchos”. Note-se que as expressões linguísticas recategorizadoras (“Ferrari vermelha”, “fusquinha desbotado”, “pneus dianteiros totalmente murchos”) trazem em sua subjacência os dois processos: metáfora e metonímia. Ressaltamos também que essas três últimas ocorrências de recategorização descritas constituem casos em que o referente recategorizado não se explicita na superfície textual. A sua (re)construção e conseqüente recategorização ocorrem a partir de pistas textuais que evocam a abertura do “frame” de relacionamento sexual. A própria recategorização metafórica explícita de braguilha como “porta de garagem” pode funcionar como uma pista importante para a abertura desse modelo cognitivo, em que a genitália masculina metaforicamente é concebida como um meio de transporte.

Note-se, pelas explicações da autora, que a identificação das três últimas ocorrências do processo de recategorização somente é possível pela abertura do processamento cognitivo. Isso se dá em razão de que a (re)construção dos referentes recategorizados exige necessariamente a evocação de um *frame*<sup>5</sup> que pode ser chamado de RELACIONAMENTO SEXUAL, que faz emergir a estrutura dessa experiência na qual se ancoram os referentes recategorizados, processo em cuja subjacência estão os modelos cognitivos metafóricos e metonímicos apresentados na análise do exemplo. Cumpre ressaltar, ainda, que o redimensionamento da concepção de recategorização proposto por Lima (2009), conforme a autora se posiciona em

<sup>5</sup> Os *frames* são concebidos por Lima (2009), em consonância com a leitura de Feltes (2007) da teoria lakoffiana, como um modelo cognitivo idealizado do tipo proposicional, podendo ser definidos sumariamente como “uma esquematização das experiências (uma estrutura de conhecimento), que está representada em nível conceitual e armazenada na memória de longo prazo e que relaciona elementos e entidades associados a uma cena, situação ou evento particular, culturalmente arraigada à experiência humana” (EVANS, 2007: 85).

Lima (2011), traz as seguintes consequências: i) o fenômeno da recategorização deixar de ser concebido como de natureza meramente textual-discursiva, no sentido de sua necessária manifestação textualmente explícita, passando a receber um tratamento de uma perspectiva cognitivo-discursiva, para abarcar outras ocorrências implícitas do fenômeno que demandam um maior grau de inferência; ii) o entendimento de que o processo de recategorização pode, ou não, revelar-se por e concentrar-se em expressões referenciais, de forma que a sua construção não se restringe a uma relação explícita lexicalmente entre um referente e uma expressão referencial recategorizadora; iii) em decorrência de ii), por ter diferentes graus de explicitude, o processo de recategorização pode estar ancorado em elementos fora da superfície textual, isto é, elementos radicados em modelos cognitivos evocados a partir das próprias expressões linguísticas.

Como veremos no item 3, as postulações de Lima (2009) também se aplicam ao tratamento da recategorização em textos multimodais, muito embora a autora tenha restringido a sua análise aos textos verbais. Cumpre-nos destacar, ainda, nesse esforço de uma abordagem cognitivo-discursiva da recategorização, a hipótese levantada por Custódio Filho (2011) da existência de um tipo de recategorização rotulada como “recategorização sem menção referencial”. Entendemos que esse tipo de recategorização postulado pelo autor possa ser recoberto pelo redimensionamento da concepção de recategorização proposto por Lima (2009), não consistindo em nenhuma nova formulação sobre o fenômeno. Entretanto, reconhecemos o seu mérito em trazer à cena outros contextos de realização do processo de recategorização ainda não explorados, sobretudo os que envolvem a multimodalidade e as narrativas ficcionais. Para não incorrerem em afirmações sem fundamentos consistentes, passemos então ao detalhamento da proposta do autor, para, então, apresentarmos o nosso contra-argumento.

Custódio Filho (2011) lança mão do exemplo seguinte para o desenvolvimento de sua conjectura da “recategorização sem menção referencial”.

- (6) Que vergonha ver a atual prefeita censurar o uso de imagens de Ciro e Lula, grandes companheiros de Patrícia, no horário eleitoral! Será que essa prefeita tem vergonha de ver que Patrícia foi vice-líder de Lula no Senado??? Será que ela não se contenta em ver Lula longe dela, tal qual em 2004, quando o presidente estava com Inácio Arruda??? Antes era uma defensora da democracia, agora, no poder, se vestiu com as piores armas do autoritarismo e da censura! Liberdade de expressão JÁ! Patrícia é MULHER de RESPEITO e quer apenas ter o direito de mostrar a sua biografia, pena que a prefeita se

[de]sespera com o passado histórico dela! (Texto recebido por e-mail). (CUSTÓDIO FILHO, 2011: 170) (grifos do autor).

Na análise desse exemplo, o autor tece as seguintes considerações:

O texto alude a uma situação ocorrida durante a campanha eleitoral para a prefeitura de Fortaleza (CE), em 2008: a coligação de apoio à prefeita Luiziane Lins (PT), candidata à reeleição, vetou judicialmente as propagandas da concorrente Patrícia Sabóia (PDT) em que esta aparecia ao lado do presidente Lula e do então deputado Ciro Gomes. A partir do texto, emerge uma representação negativa de Luiziane, que, além de autoritária, seria uma competidora desleal. Trata-se, portanto, de uma recategorização referencial, pois diz respeito à forma como o objeto de discurso se dá a conhecer no/pelo texto” (CUSTÓDIO FILHO, 2011: 170-171).

Como vimos, Custódio Filho (2011) defende que as recategorizações negativas do referente “Luiziane Lins”, como “prefeita autoritária” e “competidora desleal”, não estão atreladas diretamente às expressões usadas para identificar esse referente no texto (ver grifos do autor). Elas são construídas a partir das inferências engatilhadas pelas predicções. O autor propõe o tratamento dessas ocorrências como casos de “recategorização sem menção referencial”.

A esse respeito, entendemos que esse tipo de recategorização, mesmo que não consista numa retomada correferencial do referente “Luziane Lins”, não homologado textualmente, mas reconstruído pela ancoragem no *frame* ELEIÇÃO DA PREFEITURA DE FORTALEZA-CE, evocado a partir das pistas textuais, não é propriamente designado pelo rótulo proposto pelo autor. Isso em razão da ambiguidade que pode gerar a expressão “sem menção referencial”. De fato, não há, no texto, a menção das expressões referenciais recategorizadoras, entretanto, se admitimos a natureza cognitivo-discursiva da recategorização nos termos postulados por Lima (2009), não há como negar a homologação do referente “Luziane Lins” no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo.

Assim sendo, não discordamos do autor quando ele afirma que o processo de recategorização possa ser construído a partir das inferências engatilhadas pelas predicções. Ou melhor, compreendemos que, além das predicções, outras pistas linguísticas verbais ou não verbais, a depender do caso, podem engatilhar esse processo. Foi o que vimos no exemplo (3) analisado por Lima (2009), em que a recategorização do referente “sogra” como “bruxa” não é homologada por uma expressão referencial recategorizadora, mas inferida a partir do modelo cognitivo de bruxa que povoa o nosso imaginário, evocado, na piada, principalmente pela

expressão referencial “vassoura”. Com isso, não queremos dizer que os dois exemplos possam ser totalmente equiparados em termos de sua construção textual-discursiva, pois, no caso do exemplo trazido por Custódio Filho (2011), o referente “Luziane Lins” não tem a sua construção homologada textualmente ao modo do referente “sogra” do exemplo (3), mas é inferido a partir de uma ancoragem em um *frame* evocado pelas pistas linguísticas. Dessa forma, essa última é um tipo de recategorização que tem a sua homologação plena apenas no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, o que vai ao encontro dos resultados da proposta de Lima (2009) nos termos que aqui retomamos: ii) o entendimento de que o processo de recategorização pode, ou não, revelar-se por e concentrar-se em expressões referenciais, de forma que a sua construção não se restringe a uma relação explícita lexicalmente entre um referente e uma expressão referencial recategorizadora; iii) em decorrência de ii), por ter diferentes graus de explicitude, o processo de recategorização pode estar ancorado em elementos fora da superfície textual, isto é, em elementos radicados em modelos cognitivos evocados a partir das próprias expressões linguísticas.

A nosso ver, se mantida a classificação proposta por Custódio Filho (2011), seria mais apropriado falar de um tipo de recategorização “sem menção de uma expressão referencial”, rótulo que também recobriria o exemplo (3) de Lima (2009) e outros casos semelhantes. Assim, entendemos que o rótulo daria conta dos casos mais complexos de recategorização em termos de explicitude do processo, a saber: 1) quando o referente recategorizado não é homologado na superfície textual, mas a sua recategorização é confirmada por uma expressão referencial; 2) quando o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial, mas a sua recategorização somente é construída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém evocada por outras pistas linguísticas; 3) quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados por expressão referencial na superfície do texto, mas ambos elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais. Como ilustração da situação 1, temos o exemplo (5); da situação 2, o exemplo (3) e da situação 3, o exemplo (6), fornecido por Custódio Filho (2011), particularmente no que diz respeito às recategorizações do referente “Luziane Lins” como “prefeita autoritária” e “competidora desleal”.

A despeito dessas nossas considerações, compreendemos que mais importante do que um rótulo preciso que designe todas essas situações é a exploração

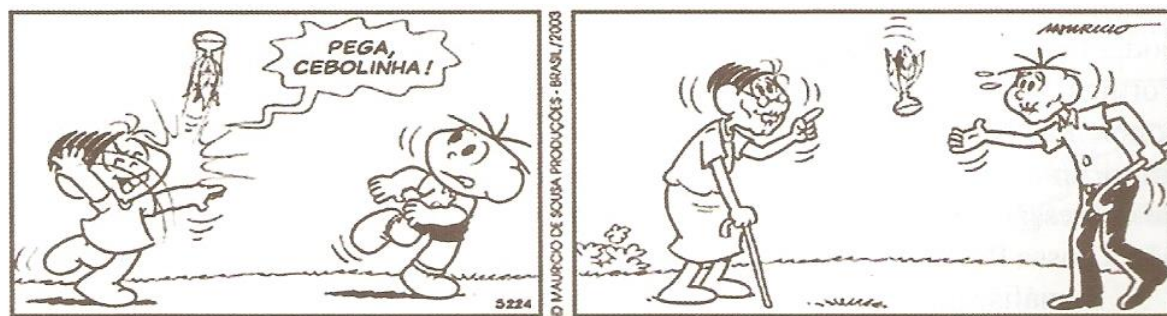
dos vários contextos de ocorrência do fenômeno, mas não temos dúvida de que a proposta de redimensionamento do fenômeno apresentada em Lima (2009), centrada em sua natureza cognitivo-discursiva, seja um caminho viável para tal empreitada. Nesse sentido, é que trazemos à discussão um novo desafio lançado à Linguística Textual quando se trata de traçar estratégias produtivas para a aplicação de suas categorias aos textos multimodais, interessando-nos aqui, particularmente, o processo referencial da recategorização, nosso foco de apreciação neste artigo. Passemos, pois, ao desenvolvimento desse tema no próximo item.

### **3. PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO: NOVOS OLHARES DIRECIONADOS AOS TEXTOS MULTIMODAIS**

Cavalcante e Custódio Filho (2010) argumentam que a natureza multifacetada do texto, assumida pela Linguística Textual atualmente, a partir de uma concepção sociocognitiva do texto, comporta outros recursos semióticos em sua constituição e não apenas a linguagem verbal. De fato, como advertem Cavalcante e Custódio Filho (2010: 10), “a consideração das múltiplas semioses faz estremecerem os alicerces de uma disciplina que quase sempre, mesmo em seus estágios mais avançados do ponto de vista da capacidade explicativa, centralizou-se na primazia do verbo”, e não se pode negar o interesse crescente dessa disciplina na inclusão dos textos multimodais no rol de suas investigações.

Nessa direção, em se tratando especificamente do objeto da recategorização, já encontramos em Capistrano Júnior (2011) e em Lima (2013) uma aplicação dessa categoria na descrição da construção dos sentidos de textos verbo-visuais, particularmente dos gêneros tirinha e charge. Tais trabalhos assumem o pressuposto de Ramos (2007) de que os objetos de discurso podem ser homologados por meio de signos linguísticos ou de signos icônicos. Como consequência, considerando a natureza dinâmica da construção dos objetos de discurso, estes podem ser também recategorizados por meio da semiose imagética. Vejamos a ilustração dessa conjectura em dois exemplos apresentados respectivamente por Capistrano Júnior (2011) e Lima (2013).

(7)



Fonte: Disponível em: [http://www.monica.com.br/egibin/load.cgi?file=news/welcome.htm&pagina=../../mural/colecao\\_Ipm.htm](http://www.monica.com.br/egibin/load.cgi?file=news/welcome.htm&pagina=../../mural/colecao_Ipm.htm). Acesso em: 11 nov.2009, citado por CAPISTRANO JÚNIOR, 2011: 231).

Conforme Capistrano Júnior (2011), no segundo quadro da tirinha do exemplo (7), ocorre, por meio do desenho (imagem), uma recategorização dos referentes “Mônica” e “Cebolinha” como “idosos”. Tais referentes são introduzidos no primeiro quadro da tira como duas crianças. De fato, a ativação do conhecimento de que a personagem Mônica é dotada de muita força se faz necessária para a compreensão da tira e, conseqüentemente, da recategorização dos referentes descritos.

Agora vejamos o exemplo de Lima (2013), que consiste numa análise do processo de recategorização na construção da charge seguinte, que tematiza o uso das redes sociais na sociedade contemporânea.

(8)



Fonte: Jornal Meio Norte (dez/2012). (Disponível em: <http://portalaz.com.br>. Acesso em: 21.03.13, citado por LIMA, 2013: 108).

Na análise da charge do exemplo (8), a autora destaca duas ocorrências do processo de recategorização como imprescindíveis para a construção dos sentidos da charge: a de “redes sociais” como “uma droga” e a de “usuários de redes sociais” como “viciados”. Ela acrescenta que essas recategorizações são licenciadas pela metáfora conceitual<sup>6</sup> REDE SOCIAL É UM VÍCIO e pela metonímia PARTE PELO TODO, considerando que o símbolo do Facebook integrante da charge está pelas redes sociais como um todo. Note-se que as duas recategorizações descritas pela autora são homologadas pela semiose imagética.

Para encerrar essa nossa apreciação sobre a recategorização em textos verbo-visuais, vejamos mais um exemplo desse processo na construção de sentidos de uma tirinha *meme* que tematiza os escândalos da política brasileira.

(9)



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ConselhosDaMaePretaa?fref=ts>. Acesso em: 13 mar. 2015.

As recategorizações que engatilham o efeito cômico-irônico do texto do exemplo (9) constituem um caso interessante porque são construídas a partir das definições do referente “Congresso Brasileiro”, introduzido na charge pelas semioses

<sup>6</sup> Um dos objetivos da autora é também descrever as metáforas e metonímias conceituais que licenciam as recategorizações nas charges analisadas. Para tanto, recorre ao modelo da Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

verbal e imagética. Nesses termos, identificamos cinco recategorizações bastante pejorativas, e grotescas, do referente “Congresso Brasileiro”, homologadas a partir das cinco definições desse referente, a saber: 1. a de Congresso Brasileiro como um zoológico; 2. a de Congresso Brasileiro como um presídio; 3. a de Congresso Brasileiro como um circo; 4. a de Congresso Brasileiro como uma zona (puteiro); 5. a de Congresso Brasileiro como um vaso sanitário. Ocorre-nos que a construção dos sentidos da tirinha *meme* demanda ainda a (re)construção de mais cinco ocorrências do processo de recategorização, dessa feita ancoradas nos *frames* evocados a partir das cinco definições do referente “Congresso Brasileiro”. Temos, assim, por um processo metonímico de PARTE PELO TODO, em que os políticos são tomados pelo Congresso Brasileiro, as seguintes recategorizações: 1. a de políticos brasileiros como animais irracionais; 2. a de políticos brasileiros como ladrões; 3. a de políticos brasileiros como palhaços; 4. a de políticos brasileiros como prostitutas; 5. a de políticos brasileiros como excrementos.

Observe-se que esse último grupo de recategorizações pode ser equiparado ao exemplo de Custódio Filho (2011), que ilustra a sua hipótese da “recategorização sem menção referencial”, uma vez que a construção do referente políticos brasileiros” e de suas recategorizações não são homologadas textualmente, mas inferidas a partir das pistas textuais já descritas. Porém, como argumentamos no item anterior, optamos por abrigar esse exemplo sob o rótulo de “recategorização sem menção de expressão referencial”, mais especificamente no caso 3, ou seja, “quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados na superfície textual, mas ambos os elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais”.

Como vimos pela análise dos três últimos exemplos, a complexidade do processo de recategorização pode ser revelada também nos textos multimodais. Reafirmamos que o redimensionamento da concepção de recategorização em termos de sua natureza cognitivo-discursiva, conforme proposto em Lima (2009) e ilustrado na análise dos dois últimos exemplos, pode abarcar também o tratamento dessa modalidade textual. Isso em razão de que a proposta da autora avança na descrição dos aspectos cognitivos inerentes ao fenômeno, mas sem perder de vista também a sua dimensão discursiva nos processos de referenciação.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, revisitamos os parâmetros do processo de recategorização com base na literatura da área, a partir de uma trajetória que envolve dois momentos: o das abordagens textual-discursivas e o das abordagens cognitivo-discursivas. Como desdobramento dessa última abordagem, apresentamos uma amostra de como os estudos do objeto da recategorização vêm também ampliando os seus limites para contemplar a análise de textos multimodais.

Podemos dizer que as duas abordagens descritas são complementares no sentido de revelar as várias faces da recategorização e o seu papel na atividade textual-discursiva. Não obstante, para nós, é patente que houve um grande salto na descrição desse processo de referenciação a partir da incorporação dos aspectos cognitivos que lhe são constitutivos, o que deu margem para ampliar o seu raio de investigação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BEGUELIN, Marie-José. Construction de la reference et stratégies de désignation. IN: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. (Eds.) *Du syntagme nominal aux objects-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.
2. CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, Vanda Maria (org.). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011: 227-235.
3. CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges. Maria, BENTES, Anna Christina. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005: 125-149.
4. CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do GELNE*, Piauí, v. 12, n. 2, 2010. p. 56-71.
5. CIULLA E SILVA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

6. CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referência*, 2011. 330f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
7. EVANS, Vivian. *A glossary of cognitive linguistics*. Salt Lake City: University of Utah Press, 2007.
8. FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
9. JAGUARIBE, Vicência Maria Freitas. *A recategorização no texto literário: as negociações discursivas em poemas*. Fortaleza: UFC, Projeto de Tese, 2005.
10. \_\_\_\_\_. Os caprichos e condescendências do discurso literário. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; COSTA, Maria Helnice Araújo; JAGUARIBE, Vicência Maria Freitas.; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. (orgs.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares: referência e outros domínios discursivos*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 221-249.
11. LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
12. LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
13. LIMA, Jorgelene de Sousa. *O processo de recategorização no gênero charge: um estudo à luz da perspectiva sociocognitiva*. 2013. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.
14. LIMA, Silvana Maria Calixto de. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
15. \_\_\_\_\_. *Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
16. \_\_\_\_\_. A construção de sentidos do texto literário via processos de recategorização metafórica e metonímica. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. v.7- n. 2. jul./dez. 2011. p. 312-330.

17. MARCUSCHI, Luís Antônio.; KOCH, Ingedore Villaça. Estratégias de referencialização e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. Bernadete, RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002. p. 31-56.
18. MATOS, Janaína Gomes. *As funções discursivas das recategorizações*. 2005. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
19. MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. *TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)*, n. 23, 1995. p. 273-302.
20. RAMOS, Paulo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
21. SILVA, Franklin de Oliveira. *Formas e funções das introduções referenciais*. 2013. 126f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

**ABSTRACT:** In this paper, based on the seminal study by Apothéloz and Reichler-Béguelin (1995) about the referential process of recategorization, we propose an excursion into the development of this object of study within the Text Linguistics field in order to promote a discussion about the treatment parameters for this process in the works related to referentiation. For the fulfillment of this purpose, we present the studies which were carried out with the recategorization notion and then we will focus on two moments: i) the text-discursive approaches and ii) the cognitive-discursive approaches. These moments are not perceived as antagonistic, but as complementary, and it is assumed that they can be intertwined. Besides, each moment has a different focus, which covers, respectively, the function of the referential recategorizing expressions in the text/discursive chain and the construction and processing of such occurrences. Therefore, for the first moment we will consider the works by Apothéloz and Reichler-Béguelin (1995) and Matos (2005). As for the second moment, we'll consider the works by Koch and Marcuschi (2002), Cavalcante (2005), Lima (2003; 2009, 2011), Ciulla e Silva (2008) and Custódio Filho (2011). The discussions about the process of recategorization, based on the works that deal with it, allowed us to realize that there was an enlargement of the parameters that define recategorization, to which converge aspects from the text, discursive and cognitive nature, which is in line with the socio-cognitive conception of text that is in the core of the current Text Linguistics.

**Keywords:** Text; Referentiation; Recategorization.

Recebido no dia 25 de junho de 2015.

Aceito para publicação no dia 23 de julho de 2015.

# Recategorização metafórica no gênero notícia satírica

---

Beatrice Nascimento Monteiro<sup>1</sup>

Silvana Maria Calixto de Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo investigar como o processo da recategorização metafórica contribui para a construção de sentidos do gênero notícia satírica. Partindo de uma proposta de interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva, previamente delineada por Lima (2009), analisamos o processo de recategorização metafórica, nesse gênero, com base na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, mais especificamente, na concepção de modelos cognitivos metafóricos desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987). Seleccionamos como *corpus* de análise três notícias satíricas publicadas pelo portal *Sensacionalista*, referentes às eleições presidenciais de 2014.

**Palavras-chave:** Modelos cognitivos. Metáfora conceptual. Recategorização metafórica. Notícia satírica.

**Abstract:** The present article aims to analyze how the metaphorical recategorization contributes to the construction of meanings of the satirical news genre.. Based on an interfacial proposal between Text Linguistics and Cognitive Linguistics, previously outlined by Lima (2009), we will analyze the process of metaphorical recategorization in this genre, based on the Theory of Idealized Cognitive Models and, more specifically, in the conception of the conceptual metaphor developed by Lakoff (1987) and Lakoff and Johnson (2003). We selected, as *corpus* of analysis, three satirical news published by the *Sensacionalista* website page, regarding the presidential elections of 2014.

**Keywords:** Metaphorical recategorization. Conceptual Metaphor. Satirical News.

**Résumé:** Ce travail vise à analyser comment le reclassement métaphorique contribue à la construction du sens du genre nouvelle satiriques. Basé sur l'interface proposée entre la linguistique textuelle et la Linguistique Cognitive, il a été déjà annoncée pour Lima (2009), nous analysons le processus de reclassement métaphorique dans ce genre, basé sur la théorie des modèles cognitifs idéalisés et,

---

<sup>1</sup> Mestranda na Área de Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UFPI.

<sup>2</sup> Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), professora do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e professora do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

plus spécifiquement, dans la conception développée métaphore conceptuelle Par Lakoff (1987) et Lakoff et Johnson (2003). Nous avons choisi comme un corpus d'analyse trois nouvelles satiriques publiées par le "*portal Sensacionalista*", que parue sur l'élection présidentielle de 2014.

**Mots-clés:** Le recatégorisation métaphorique. Métaphore conceptuelle. Nouvelles satirique.

## Introdução

Os estudos da perspectiva da Referenciação (MONDADA; DUBOIS, 1995) encontram-se, na atualidade, em um processo de desdobramentos, com o alargamento de diversas noções a partir dos enfoques proporcionados pelas pesquisas mais recentes na área da Linguística Textual. Há uma tendência crescente de se deixar de enfocar apenas os sintagmas nominais como mecanismos de homologação dos objetos do discurso para abranger os múltiplos fatores que integram o processo de referenciação. Entre as concepções que passam por desdobramentos está a do mecanismo da recategorização.

Proposto inicialmente por Apothéloz e Reicher-Béguelin (1995) como uma estratégia de designação na atividade discursiva, esse mecanismo linguístico tem passado por redimensionamentos quanto a sua concepção primeira, a fim de abarcar outros contextos não focalizados pelos referidos autores. Nesse sentido, Lima (2009), em sua investigação dos processos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias, propõe uma interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva, particularmente com a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, postulando que esse processo não está atrelado apenas à materialidade textual-discursiva, ou seja, não é

homologado somente por retomadas anafóricas textualmente explícitas. Desse modo, a autora propõe um redimensionamento da concepção de recategorização, que passa a ser vista de uma perspectiva cognitivo-discursiva. Em outros termos, isso significa que o processo de recategorização pode ter diferentes graus de explicitude. A sua ancoragem pode se dar tanto por expressões referenciais quanto por elementos radicados fora da superfície textual, ou seja, por elementos radicados em modelos cognitivos sinalizados pelas pistas linguísticas.

Neste trabalho, seguindo a proposta de Lima (2009), investigamos a recategorização metafórica, sob um enfoque cognitivo-discursivo, na construção de um gênero ainda pouco explorado, embora bastante produzido e divulgado na contemporaneidade: a notícia satírica. Tais notícias circulam em portais especializados que as divulgam como forma de gerar humor e, ao mesmo tempo, criticar fatos e práticas sociais vigentes. Acreditamos que a recategorização metafórica seja uma estratégia importante para atingir os propósitos desse gênero.

Para o alcance do fito deste estudo, inicialmente discutimos a concepção de recategorização, desde a sua concepção primeira até os desdobramentos pelos quais esse mecanismo tem sido refinado em pesquisas recentes no âmbito da Linguística Textual. Em seguida, focalizamos particularmente a proposta de abordagem da recategorização sob um viés cognitivo-discursivo. No tópico subsequente, discorreremos sobre a sátira e sobre a forma como essa se materializa no gênero notícia satírica. Por fim, apresentamos os resultados e discussões que foram proporcionados a partir da análise do *corpus* constituído para o presente estudo, ou seja, três exemplares de notícias satíricas que tematizam as eleições presidenciais de 2014 no Brasil.

## O processo de recategorização: visão precursora e ampliações do conceito

O estudo do mecanismo linguístico da recategorização tem como precursores Apothéloz e Reicher-Béguelin (1995), os quais cunharam o termo, originalmente, para dar conta das diversas transformações que poderia sofrer um objeto do discurso ao longo de um texto através de retomadas anafóricas. Podemos ilustrar esse processo no exemplo seguinte fornecido pelos autores:

- (1) [...] se ninguém duvida da piedade da rainha Isabel, muitos consideram que as medidas implementadas para impor sua fé não foram muito católicas. É ela, com efeito, que assina o édito de banimento de 1500 judeus da Espanha e fez perseguir, espionar, deportar, torturar **estes infieis**. (grifos do autor) (APOTHÉLOZ; REICHER BÉGUELIN, 1995, p. 19, tradução nossa).<sup>3</sup>

Em (1), se observarmos a anáfora correferencial “estes infieis”, que se reporta ao objeto de discurso “1500 judeus”, veremos que não se trata apenas de identificação ou retomada desse objeto de discurso, mas principalmente de uma confirmação da transformação por ele sofrida na progressão referencial. É essa a grande inovação de perspectiva empreendida por Apothéloz e Reicher-Béguelin (1995), quando propõem o conceito de recategorização, ou seja, enfatizar as diferentes reformulações que um objeto do discurso pode sofrer na atividade

---

<sup>3</sup> No original: “si nul ne doute de la piété de la reine Isabelle, beaucoup estiment que les moyens mis en oeuvre pour imposer sa foi n’ont pas été très catholiques. C’est elle, en effet, qui signa l’édit de bannissement de 150000 juifs d’Espagne et fit persécuter, espionner, dépouiller, torturer ces infidèles” (grifos do autor).

textual-discursiva, de acordo com os propósitos comunicativos dos interlocutores.

Contudo, alguns trabalhos recentes têm se dedicado a expandir a concepção seminal de recategorização para dar conta de aspectos para os quais a concepção de Apothéloz e Reicher-Béguelin (1995), de viés textual-discursivo, não atenta. Autores como Custódio Filho (2012) têm defendido que a recategorização pode efetuar-se, inclusive, sem que ocorra menção referencial. Para ele, tal fenômeno “é uma estratégia referencial absurdamente frequente (e, na verdade, constitutiva do processo de interpretação), mas ainda pouco investigada (CUSTÓDIO FILHO, 2012, p. 853). Para melhor compreender como se dá essa estratégia, vejamos o seguinte exemplo, apresentado pelo autor:

(2) Que vergonha ver a atual prefeita censurar o uso de imagens de Ciro e Lula, grandes companheiros de Patrícia, no horário eleitoral! Será que essa prefeita tem vergonha de ver que Patrícia foi vice-líder de Lula no Senado??? Será que ela não se contenta em ver Lula longe dela, tal qual em 2004, quando o presidente estava com Inácio Arruda??? Antes era uma defensora da democracia, agora, no poder, se vestiu com as piores armas do autoritarismo e da censura! Liberdade de expressão JÁ! Patrícia é MULHER de RESPEITO e quer apenas ter o direito de mostrar a sua biografia, pena que a prefeita se [de]sespera com o passado histórico dela! (CUSTÓDIO FILHO, 2012, p. 849, grifos do autor).

Nesse exemplo, Custódio Filho (2012) defende que, embora não haja uma expressão referencial que explicita a recategorização do referente “Luziane Lins” (atual prefeita) como uma “candidata desleal e autoritária”, diversas pistas cotextuais sinalizam essa recategorização,



como a expressão predicativa de que ela “se vestiu com as piores armas do autoritarismo e da censura” e a afirmação de que é uma vergonha ver ela “censurar o uso das imagens de Ciro e Lula”. Temos, portanto, uma recategorização que não se explicita por um sintagma nominal, mas que pode ser recuperada por diversas porções contextuais, como expressões predicativas, por exemplo.

Em trabalho recente, Lima e Cavalcante (2015) sugerem que a recategorização sem menção referencial, proposta por Custódio Filho (2012), seja designada como “recategorização sem menção de uma expressão referencial”, por entenderem que esse último rótulo seja mais eficaz para dar conta de outros casos mais complexos de recategorização, em termos de explicitude do fenômeno. Tais casos, segundo as autoras, dizem respeito a três situações de ocorrência do fenômeno:

- 1) quando o referente recategorizado não é homologado na superfície textual, mas a sua recategorização é confirmada por uma expressão referencial; 2) quando o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial, mas a sua recategorização somente é construída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém evocada por outras pistas linguísticas; 3) quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados por expressão referencial na superfície do texto, mas ambos elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais. (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 308)

Neste trabalho, levamos em consideração as revisões que têm sido operadas sobre o conceito de recategorização, fundamentando-nos principalmente no trabalho de Lima (2009), que, além de reconhecer que a recategorização pode se efetuar através de várias porções cotextuais, inclusive sem que haja menção referencial explícita, amplia

a visão do processo de recategorização ao sobrelevar a natureza cognitiva desse processo. Para tanto, Lima (2009) propõe uma interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, particularmente com a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, modelo teórico do qual tratamos no tópico seguinte.

### **A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados**

A tese central da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, erigida por Lakoff (1987), é a de que nosso conhecimento é organizado por meio de estruturas complexas, que funcionam como *gestalts*, as quais constituem as fontes das categorizações que empreendemos. Essas estruturas são o que Lakoff (1987) denomina de Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCI's), os quais resultam da interação de nosso aparato cognitivo com a realidade que experienciamos, por isso, a teoria de Lakoff é frequentemente caracterizada como um realismo experiencialista.

Feltes (2007) esclarece que esses modelos são construtos idealizados porque não se ajustam de forma perfeita à realidade. Segundo ela, “podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser, inclusive, contraditórios entre si” (FELTES, 2007, p. 89).

Um exemplo clássico apresentado por Lakoff (1987), tomado por empréstimo de Fillmore (1982), é a categoria SOLTEIRÃO. Comumente esse conceito é atribuído a um homem adulto que não se casou. O uso de tal categoria, para ser adequadamente entendido, precisa estar estruturado dentro de um MCI no qual se espera que homens na idade

adulta contraíam casamento. Nesse modelo, um homem adulto, mas não casado, pode ser categorizado como um SOLTEIRÃO. Entretanto, tal modelo não se ajusta perfeitamente à realidade. De fato, há homens adultos não casados aos quais não caberia a categorização como SOLTEIRÃO: padres e homens que vivem uma união estável, por exemplo. Assim, o MCI no qual se estrutura a categoria SOLTEIRÃO exemplifica o caráter idealizado desses modelos.

Lakoff (1987) distingue quatro tipos de MCI's: os modelos proposicionais, os modelos de esquemas imagéticos, os modelos metafóricos e os metonímicos. Segundo o autor, os modelos proposicionais “especificam elementos, suas propriedades, e as relações mantidas entre eles” (LAKOFF, 1987, p. 113)<sup>4</sup>. Um exemplo dado pelo autor se refere ao conceito FOGO. Um modelo proposicional que estrutura o conceito FOGO, por exemplo, inclui diversas propriedades associadas a este, como a concepção de que FOGO É PERIGOSO. Já os modelos de esquemas imagéticos correspondem aos esquemas que adquirimos a partir de nossa experiência corpórea, como o esquema imagético de TRAJETÓRIA, por exemplo, que internalizamos a partir de experiências de ir de um ponto a outro. Os modelos metafóricos, por sua vez, correspondem a “mapeamentos de um modelo proposicional ou de esquema imagético em um domínio para uma estrutura correspondente em outro domínio” (LAKOFF, 1987, p. 114)<sup>5</sup>. É o caso da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, que mapeia os domínios AMOR e VIAGEM, estruturando-se a partir do esquema de TRAJETÓRIA. Os modelos metonímicos, por sua vez, são aqueles nos quais se utiliza uma

---

<sup>4</sup>No original: “specify elements, their properties, and the relations holding among them”.

<sup>5</sup>No original: “mappings from a propositional or image-schematic model in one domain to a corresponding structure in another domain”.

parte de um todo para representá-lo. Um exemplo é quando se utiliza a subcategoria MÃE DONA DE CASA para representar a categoria mais ampla MÃE, por exemplo.

Neste trabalho, concentrar-nos-emos nos modelos metafóricos. Para tanto, esmiuçaremos a noção de metáfora conceptual, elaborada em detalhes por Lakoff e Johnson (1980). Os autores criticam a concepção tradicional de metáfora, que a considera simplesmente como uma figura de linguagem utilizada para criar um efeito estilístico. Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora está presente no nosso cotidiano não apenas como figura de linguagem, mas como elemento estruturante de nossas ações e pensamentos.

Tomemos como exemplo a metáfora A VIDA É UMA HISTÓRIA, descrita pelos autores. Essa metáfora está presente em muitas expressões que utilizamos cotidianamente como: “Nossa amizade já é *página virada*” e “Aquela época foi o *clímax* da minha vida”. Contudo, não é apenas em expressões linguísticas que o efeito dessa metáfora pode ser sentido. Em nossa cultura, nós efetivamente encaramos a vida como uma história e isso, de algum modo, estrutura a forma como vivemos. Como uma história, a vida pode ser *contada*, por isso nós escrevemos e lemos biografias, assistimos a filmes e seriados que contam histórias de vida. Além disso, procuramos sempre encontrar motivos para os fatos que experienciamos, como se a vida fosse uma sucessão de episódios que formassem um todo coerente, como numa história.

Portanto, não apenas *falamos* da vida como sendo uma história, mas também *pensamos* e *agimos* conforme essa concepção, de modo que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem. Mais do que isso, “metáforas como expressões linguísticas são possíveis

precisamente porque existem metáforas no sistema conceitual das pessoas” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 7)<sup>6</sup>.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a essência da metáfora está na compreensão e experiência de uma coisa em termos de outra, como no exemplo de A VIDA É UMA HISTÓRIA, ao qual nos referimos. Na metáfora conceptual, tem-se traços de um domínio-fonte sendo mapeados para um domínio-alvo. Esse mapeamento é parcial e seletivo, pois nem todos os traços do domínio-fonte são mapeados para o domínio-alvo, mas apenas aqueles que forem contributivos para a construção do sentido pretendido.

A partir da interface com a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, Lima (2009) reformula a noção de recategorização para dar conta daquilo que está além da superfície textual na configuração desse processo, como veremos no tópico seguinte.

### **Uma proposta de interface: analisando a recategorização sob um viés cognitivo-discursivo**

Numa interface com a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, Lima (2009) propõe que a recategorização seja considerada em uma perspectiva cognitivo-discursiva, que dê conta não só da recategorização enquanto fenômeno da superfície textual, mas, principalmente, das metáforas e metonímias conceptuais que licenciam o processo de recategorização.

---

<sup>6</sup> No original, “metaphors as linguistic expressions are possible precisely because there are metaphors in a person’s conceptual system”.

Partindo do pressuposto de que a recategorização é um processo de natureza cognitivo-discursiva, a autora levanta os seguintes desdobramentos dessa proposta:

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo(i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais. (LIMA, 2009, p. 57)

Lima (2009) propõe, portanto, não o abandono da noção de recategorização tal como proposta por Apotheloz e Reicher-Beguelin (1995), mas sim uma ampliação desta noção, de forma que a natureza cognitiva do processo possa ser levada em consideração. Além disso, a proposta de Lima permite que se dê conta de recategorizações em que não ocorre remissão a um elemento anteriormente expresso na superfície textual. Vejamos um exemplo fornecido por Lima (2011):

(3) A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:

– Doutor, o senhor esqueceu a porta da sua garagem aberta!

Ele fecha rapidamente a braguilha e diz, com a voz cheia de malícia: – Por acaso a senhora viu a minha Ferrari vermelha?

– Não senhor! Tudo que eu vi foi um fusquinha desbotado e com os pneus dianteiros totalmente murchos! (SARRUMOR, 2000, p. 187 *apud* LIMA, 2011, p. 319)

No exemplo dado por Lima (2011), podemos identificar uma série de recategorizações. A primeira recategorização refere-se a um elemento evocado na superfície textual: a recategorização da braguilha

como porta da garagem. Já as recategorizações seguintes extrapolam o nível textual e precisam ser recuperadas pela evocação de estruturas radicadas no nível cognitivo: a recategorização da genitália do chefe como “Ferrari vermelha” e as recategorizações, presentes na fala da secretária, da genitália masculina como “fusquinha desbotado” e dos testículos como “pneus dianteiros totalmente murchos”. Nesse exemplo, podemos constatar como o processo de recategorização extrapola o nível textual-discursivo.

A proposta original de Lima (2009) abarcou tanto os processos de recategorização metafórica quanto de recategorização metonímica, até mesmo porque a autora constatou, através de suas análises, um movimento de constante interação entre modelos metafóricos e metonímicos. Em nosso trabalho, entretanto, decidimos nos ater às recategorizações licenciadas por metáforas, de modo a podermos nos aprofundar mais neste MCI, conforme veremos na seção de análise deste trabalho. Antes, porém, no tópico seguinte, trataremos de nosso objeto de análise, a notícia satírica, caracterizando-a como um gênero que lança mão da sátira para gerar humor e realizar críticas.

### **A notícia satírica como gênero textual**

A sátira pode ser compreendida como uma cosmovisão crítica que atravessa diversos gêneros textuais, na qual se encara a sociedade como meio de denunciar seus vícios e incoerências. Segundo Moisés (1974), ela tem como marca o ataque. Esse ataque costuma ser realizado de um modo indireto, frequentemente através da ironia e do riso.

Bergson (2007) destaca a natureza social do riso satírico, pois quando o leitor reconhece a comicidade das situações está, na verdade, reconhecendo a incoerência da própria sociedade em que está inserido. É, portanto, um riso que castiga os costumes, do qual nem o próprio leitor sai impune.

Um gênero que tem atualmente lançado mão da sátira são as notícias satíricas. Ainda pouco estudadas, essas notícias (também chamadas de sátiras noticiosas) possuem uma estrutura bastante semelhante às notícias verídicas. Contudo, o conteúdo e o propósito dos dois gêneros é bastante diverso.

Segundo Sousa e Alves Filho (2013, p. 244), a notícia satírica “contrasta a forma reconhecida de noticiar algo relevante para um grupo social com um conteúdo fictício que busca satirizar práticas e fatos sociais”, isto é, embora a forma da notícia tradicional seja mantida, o conteúdo divulgado é bastante característico, pois, ao invés de se divulgar fatos relevantes socialmente, são construídas situações cômicas e esdrúxulas, que funcionam como uma forma de crítica às figuras sociais retratadas nesses textos. Vejamos o seguinte exemplo de notícia satírica, retirado do site *Sensacionalista*:

**(4) Com Feliciano, Datena e Russomanno, horário eleitoral de SP vai substituir reprises dos Trapalhões**

O canal Viva, de propriedade da TV Globo, anunciou na manhã de hoje que vai mexer na sua grade de programação a partir do meio do ano que vem.

Sai Os Trapalhões, reprises do humorístico clássico que foi ao ar no Brasil entre os anos 70 e 2000 e entra o horário político eleitoral e os debates da corrida pela prefeitura de São Paulo.

“É uma oportunidade única de reinventar esse humorístico”, disse o diretor de programação do canal, Juliano Vieira.



“Temos pela primeira vez um elenco com capacidade de se equiparar a Didi, Dedé, Mussum e Zacarias. Podemos esperar por trapalhadas de alto nível durante os meses de campanha.”

Segundo o diretor de programação, os candidatos até carregam consigo características dos trapalhões originais.

“Feliciano sem dúvida é o novo Zacarias. O Didi é o Russomanno, que está sempre levando vantagem e posa de defensor do povo. O Datena daria um bom Dedé, porque também se acha o máximo mas no fim não tem muita graça”, disse.<sup>7</sup>

Nessa notícia satírica, o elemento cômico é ocasionado pela situação inusitada do horário eleitoral e dos debates políticos serem utilizados como substitutos de um programa humorístico. Essa situação ficcional funciona como crítica às personalidades políticas que são mencionadas (Feliciano, Russomano e Datena), os quais são, ainda, comparados aos “Trapalhões”, personagens que ficaram famosos por se envolverem em diversas circunstâncias esdrúxulas e apresentarem personalidades cômicas.

No tópico seguinte, retomaremos as características desse gênero em maiores detalhes, quando da análise do *corpus* constituído para esta investigação.

---

<sup>7</sup> Fonte: <http://sensacionalista.uol.com.br/2015/09/01/com-feliciano-datena-e-russomanno-horario-eleitoral-de-sp-vai-substituir-reprises-dos-trapalhoes/> (Acesso em 01 out.15)

## Metodologia e análise dos dados

A pesquisa desenvolvida neste artigo faz uma abordagem qualitativa dos dados e é do tipo descritiva. Ela insere-se no campo da Linguística de Texto, fazendo uma interface com a Linguística Cognitiva.

O *corpus* analisado foi coletado do portal de notícias satíricas *Sensacionalista*, disponível no endereço eletrônico <http://sensacionalista.com.br/>. Escolheu-se, como recorte temático, notícias satíricas que tivessem as eleições presidenciais de 2014 como tema. Foram selecionadas três notícias a respeito dessa temática no referido portal humorístico.

Em seguida, procedemos à análise das notícias, partindo da identificação das ocorrências de recategorizações presentes nos textos coletados. Feito isso, identificamos e descrevemos as metáforas conceituais que licenciam as ocorrências de recategorizações identificadas. Por fim, analisamos como as recategorizações metafóricas podem contribuir para o cumprimento do propósito comunicativo desse gênero, que é o de satirizar fatos e atores sociais.

Passemos, então, à análise da primeira das três notícias satíricas constituintes do *corpus* de investigação. Ressaltamos que essa notícia foi publicada pelo portal *Sensacionalista* no primeiro turno das eleições, no período em que as candidatas Dilma Rousseff e Marina Silva estavam encabeçando as pesquisas eleitorais.

**(5) Dilma e Marina vão lutar em piscina de lama em “A Fazenda”**

A Record está programando um debate inédito para o segundo turno. Depois que Dilma disse que não é sustentada por banqueiro, a emissora resolveu propor uma briga dentro de uma piscina de lama para o segundo turno. Especialistas dizem que para os políticos essa não será uma situação tão inusitada assim. “Todo mundo sabe que eles vivem num mar de lama”

A nova pesquisa Ibope revelou que os eleitores estão divididos. Metade acha que qualquer que seja a vencedora não vai cumprir as promessas de campanha. A outra metade simplesmente não acredita que elas cumprirão as promessas.<sup>8</sup>

Logo na manchete da notícia satírica, podemos observar a recategorização de um referente que só será explicitado no corpo da notícia: “um debate inédito”. O referente “debate político” é recategorizado na manchete e ao longo da notícia como “uma briga dentro de uma piscina de lama”. Na manchete, embora não haja essa mesma expressão referencial, a recategorização pode ser recuperada pela presença da expressão predicativa “vão lutar em piscina de lama”. Essa recategorização é licenciada por diferentes metáforas. Por um lado, podemos inferir a metáfora mais geral A ELEIÇÃO É UMA BATALHA, sinalizada pela expressão “briga”. Essa metáfora é ironicamente suscitada pela notícia satírica como forma de crítica ao caráter agressivo da disputa política.

Além disso, também é possível inferir, nessa recategorização, a metáfora A POLÍTICA É UM MAR DE LAMA, a qual pode ser sinalizada pelo trecho “Todo mundo sabe que eles vivem num mar de lama”. Não há na manchete uma menção explícita ao referente “política”, mas podemos recuperá-lo por algumas pistas linguísticas: a menção às candidatas, ao debate, às promessas de campanha. O mapeamento

---

<sup>8</sup> Fonte:<http://sensacionalista.uol.com.br/2014/09/09/dilma-e-marina-vaio-lutar-em-piscina-de-lama-em-a-fazenda/> (Acesso em 01 out. 2015)

metafórico do domínio MAR DE LAMA para o domínio POLÍTICA nos remete aos traços negativos do domínio-fonte: sujeira, mau-cheiro, imundície. Tais traços podem ser associados ao estereótipo social dos políticos como profissionais corruptos por meio de outra metáfora conceptual: CORRUPÇÃO É SUJEIRA. Há, portanto, outra crítica que se materializa por meio de uma recategorização metafórica.

Além disso, ocorre a recategorização do referente “eleição”, construído sem que haja sua menção explícita, como o programa de televisão “A Fazenda”<sup>9</sup> e, conseqüentemente, das candidatas, Dilma e Marina, como participantes do programa. Tal recategorização é licenciada pela metáfora conceitual A ELEIÇÃO É UM REALITY SHOW, ressaltando o caráter competitivo e altamente midiático das eleições.

Vejamos agora a segunda notícia satírica que enfoca a disputa presidencial entre os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves no segundo turno:

**(6) PT contratou Neymar para ensinar Dilma a simular falta e contusão caso seja necessário**

O PT investiu pesado na campanha eleitoral de Dilma Rousseff e contratou Neymar para que Dilma melhore suas simulações de faltas e contusões. Caso Aécio Neves comece a jogar pesado, Dilma poderá cair no chão e dizer que foi agredida. Segundo Neymar, a medida sempre funciona e, no que depender dele, o PT vai cavar um pênalti aos 45 (opa!) do segundo tempo e meter o gol da vitória.

Aécio Neves, entretanto, não deixará barato. O PSDB contratou um árbitro da Fifa que acompanhará o debate e ficará atento a qualquer simulação de falta. A justiça eleitoral

---

<sup>9</sup> *Reality show brasileiro que reúne celebridades em uma fazenda.*

poderá suspender um dos candidatos, seja Aécio por violência ou Dilma por simulação.<sup>10</sup>

No decorrer dessa notícia satírica, ocorrem diversas recategorizações licenciadas por uma mesma metáfora que só pode ser apreendida quando se extrapola a superfície textual: A ELEIÇÃO É UM JOGO DE FUTEBOL. Assim, identificamos a recategorização dos referentes Dilma e Aécio Neves como jogadores, o que pode ser depreendido por diversas porções cotextuais ligadas aos dois referentes, como “joga pesado” e “cair no chão e dizer que foi agredida”, pistas linguísticas que nos remetem ao domínio do futebol.

Essas recategorizações estão ligadas a crítica direcionada aos dois candidatos: Aécio é retratado como alguém que “joga pesado”, isto é, alguém que é agressivo em seu posicionamento; já Dilma é representada como alguém que “simula faltas”, ou, no contexto eleitoral, finge-se ofendida com as críticas de Aécio. Há ainda a recategorização dos partidos dos candidatos (PT e PSDB) como times de futebol e, por consequência, da vitória nas eleições como “o gol da vitória”.

Agora vejamos o último texto do *corpus*, divulgado poucos dias antes da votação:

**(7) Festa da democracia: ressaca pode durar até quatro anos, alertam especialistas**

Quem participar da grande festa da democracia, que acontece neste domingo, deverá ter muita cautela na hora de escolher alguém. É o que dizem especialistas: “Dependendo do que

---

<sup>10</sup> Fonte:<http://sensacionalista.uol.com.br/2014/10/19/pt-contratou-ney-mar-para-ensinar-dilma-a-simular-falta-e-contusao-caso-seja-necessario/> (Acesso em 01 out. 2015)

você fizer nessa festa, a ressaca pode durar quatro anos no mínimo”, declarou o cientista Nelito Mendonça do Núcleo de Pesquisas da América Latina (NUPAL). Os especialistas alertam que essa ressaca pós festa da democracia é uma das piores que existe e pode causar problemas de saúde, de economia e de educação.<sup>11</sup>

Logo na manchete do exemplo (7), é perceptível a recategorização metafórica do referente “processo eleitoral” como “festa da democracia”, licenciada pela metáfora A ELEIÇÃO É UMA FESTA. Note-se que, nesse texto, o referente “eleição” não está homologado textualmente, mas é inferível, a partir das pistas textuais que evocam o enquadre cognitivo de eleição, até mesmo porque a recategorização da eleição como “festa da democracia” é comum na linguagem cotidiana. Contudo, essa recategorização comum é retomada de maneira irônica, pois, enquanto na expressão popular, (re)categorizar a eleição como uma festa ressalta o caráter de celebração, de comemoração, no texto acima, o que é ressaltado do domínio-fonte FESTA é um aspecto negativo: a ressaca que a festa deixa.

Podemos dizer que, nesse caso, ocorre o mapeamento de um traço do domínio-fonte comumente não mapeado. Na metáfora A ELEIÇÃO É UMA FESTA, comum no dia-a-dia, o traço RESSACA não costuma vir à tona, justamente porque a metáfora cotidiana, na verdade, constrói uma conotação positiva do processo eleitoral e é justamente o uso inesperado realizado pela notícia satírica que suscita a ironia do texto.

---

<sup>11</sup> Fonte:<http://sensacionalista.uol.com.br/2014/10/05/festa-da-democracia-ressaca-pode-durar-ate-quatro-anos-alertam-especialistas/> (Acesso em 01 out. 2015)

Em todas as três notícias satíricas, constatamos que a recategorização metafórica é um processo importante na construção de sentidos dos textos, bem como no cumprimento do propósito comunicativo do gênero.

### **Considerações Finais**

Neste trabalho, foi possível constatar a validade de se conceber a recategorização de uma maneira mais ampla do que aquela que foi proposta inicialmente pelos precursores da abordagem do fenômeno. De fato, nos textos analisados, a recategorização sem menção de uma expressão referencial mostrou-se uma estratégia bastante produtiva, como já havia afirmado Custódio Filho (2012), posição também corroborada por Lima e Cavalcante (2015). Além disso, a consideração do viés cognitivo do processo de recategorização, como propôs Lima (2009), mostrou-se uma via bastante interessante para a compreensão desse fenômeno.

Sobre os resultados específicos de nosso trabalho, podemos dizer que, de fato, a recategorização metafórica parece ser uma estratégia frequente e importante na constituição de notícias satíricas. Esse processo de referenciação mostrou-se de grande relevância na construção do efeito satírico desse gênero, uma vez que, através de diversas recategorizações, foram feitas críticas a diferentes entidades e personalidades políticas nas notícias analisadas.

## Referências

- APOTHÉLOZ D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (orgs.). *Du syntagme nominal aux objects-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, pp. 227-71.
- BERGSON, H. *O riso*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CUSTÓDIO FILHO, V. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 12, n. 3, p. 839-858. 2012.
- FELTES, H. P. M. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (ed.). *Linguistic in the morning calm*. Seoul: Hanshing Publishing, 1982. pp. 11-137.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous thing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- \_\_\_\_\_; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LIMA, S. M. C. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo dos processos de recategorização*. 2009. 204 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, 2009.
- \_\_\_\_\_. A construção de sentidos do texto literário via processos de recategorização metafórica e metonímica. *Revista do Programa de PósGraduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. v.7- n. 2. jul./dez. 2011. p. 312-330.
- \_\_\_\_\_; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. *ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015.
- MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. *TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)*, n. 23, 1995. p. 273-302.
- SOUSA, E.; ALVES FILHO, F. Uma estrutura composicional para dois gêneros: a notícia e a notícia satírica. *Revista FSA*. Teresina, v. 10, n. 22, p. 222-245. 2013.

Recebido em 15/09/2015. Aprovado em 10/11/2015.



## A (RE)CONSTRUÇÃO DE REFERENTES EM PERFIL *FAKE* DO FACEBOOK: UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA

---

ANANDA VELOSO AMORIM OLIVEIRA\*  
SILVANA MARIA CALIXTO DE LIMA\*\*

---

### RESUMO

A partir de uma concepção cognitivo-discursiva do processo de recategorização, este artigo analisa expressões referenciais recategorizadoras de três postagens do perfil *fake* Irmã Zuleide. Tomamos como modelo de análise a proposta de Lima e Feltes (2013), cuja base está assentada na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987). A análise engloba a identificação e descrição dos modelos cognitivos evocados a partir das pistas linguísticas. Os resultados corroboram a tese de Lima (2009) de que, na atividade discursiva, alguns referentes só podem ser homologados se recorrermos ao nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, necessitando, portanto, de ancoragem em modelos cognitivos.

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação, Recategorização, Modelos cognitivos idealizados, *Facebook*.

---

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar expressões referenciais recategorizadoras presentes em três publicações de

---

\* Técnica em Assuntos Educacionais, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Câmpus Coelho Neto, Coelho Neto, MA, Brasil. E-mail: ananda\_amorim@hotmail.com.

\*\* Professora Doutora em Linguística da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), do Mestrado Profissional em Letras (UESPI) e do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil. E-mail: scalixto2003@yahoo.com.br.

um perfil *fake*<sup>1</sup> do *Facebook* (Irmã Zuleide), com base no modelo analítico proposto por Lima e Feltes (2013). Tal modelo é delineado a partir de uma interface entre a Linguística de Texto (doravante LT) e a Linguística Cognitiva (adiante LC), consolidada pela Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (ao longo do texto MCIs), de Lakoff (1987), lançando-se mão, particularmente, dos modelos cognitivos proposicionais (*frames* e *scripts*) e dos modelos cognitivos metafóricos e metonímicos.

Acrescentamos que a proposta de análise desenvolvida tem como base a hipótese defendida em Lima (2009) de que, no processamento textual-discursivo, os referentes nem sempre aparecem materializados por meio de expressões linguísticas. Em outros termos, isso significa que, em muitos casos, os referentes não são homologados na própria materialidade textual, mas a partir de inferências e processos cognitivos mais complexos, ainda que (re)construídos por meio de pistas linguísticas, à luz dos postulados da Referenciação também assumidos neste estudo, como detalhamos adiante.

A constituição do *corpus* de análise se deveu à popularidade do perfil “Irmã Zuleide” na rede social *Facebook*, bem como pelo trabalho criativo desenvolvido com a linguagem em uso nesse perfil. Foi definitivo também o fato de que as postagens do *fake* Irmã Zuleide apresentam, com significativa frequência, ocorrências do processo de recategorização, objeto de pesquisa para o qual converge o nosso interesse neste artigo.

Na primeira parte deste trabalho, apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentam as análises do *corpus* constituído para investigação, fazendo uma abordagem da perspectiva da Referenciação, com foco mais específico no processo de recategorização, bem como uma apresentação, em linhas gerais, da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. Na segunda e última parte, trazemos a análise propriamente dita, momento em que reunimos indícios que validam a tese de Lima (2009) de que, na atividade de construção de sentidos do texto, alguns referentes só podem ser homologados se recorrermos ao nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, necessitando, portanto, de ancoragem em MCIs para que sejam (re) construídos no processamento textual-discursivo.

## 2 REFERENCIAÇÃO: PARA ALÉM DA MATERIALIDADE TEXTUAL-DISCURSIVA E POR UMA INTERFACE COM A LINGUÍSTICA COGNITIVA

### 2.1 BREVE CONTEXTO E DEFINIÇÃO DA ABORDAGEM DA REFERENCIAÇÃO

Nos últimos anos do século XX, a perspectiva da Referenciação (MONDADA; DUBOIS, 1995) surge com o propósito de redimensionar a visão clássica de referência enquanto propriedade das palavras em categorizar as coisas do mundo, passando a ser compreendida como um processo que se concretiza na atividade discursiva. Essa moderna abordagem da referência emerge no quadro dos teóricos sociocognitivistas<sup>2</sup>, cujos trabalhos têm influenciado sobremaneira os estudos da LT no que se refere ao modo de investigar os processos de construção de sentidos do texto, considerando tanto os aspectos sociais como os cognitivos, numa clara ruptura com os pressupostos do cognitivismo clássico de uma separação radical entre os fenômenos mentais e sociais.

Nesse contexto, conforme explicam Koch e Cunha-Lima (2004, p. 295), o entendimento passa a ser o de que:

O sentido das palavras e textos não lhes é imanente e não é depreensível numa atividade de cálculo com regras rígidas previamente estabelecidas. O sentido é necessariamente situado histórica e socialmente e é, também, plástico, no sentido de que, em todos os níveis da linguagem, existe uma negociação entre os interactantes para o estabelecimento desse sentido. A linguagem não traz os objetos do mundo para dentro do discurso e sim trata esses objetos de diversas maneiras, a fim de atender a diversos propósitos comunicativos: passa-se a falar, então, em objetos-de-discurso.

Depreendemos da afirmação das autoras que a visão clássica da referência perdeu espaço para uma concepção que valoriza tanto o aspecto social da linguagem quanto o cognitivo. De fato, a construção do referente é o resultado de uma negociação entre os interactantes, processo que inclui os conhecimentos compartilhados e situados historicamente, o que garante ao referente estatuto de objeto de discurso. Em outros termos, “os objetos de discurso não podem ser compreendidos como expressões referenciais que mantêm uma relação de espelhamento com

os objetos do mundo ou até mesmo com a representação cognitiva que deles se venha a ter, pois somente têm razão de ser no discurso” (LIMA; FELTES, 2013, p. 33).

É fato, ainda, que a abordagem da Referenciação atribui às expressões referenciais função diversa da função de referir. Conforme assevera Koch (2011, p. 106), “como multifuncionais que são elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva”.

Compreendida a construção da referência nos termos apresentados, assumimos, neste trabalho, a concepção sociocognitiva de texto, pela qual se tem o entendimento de que o processo de construção dos sentidos não se restringe à materialidade textual. A respeito disso, Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 62) chamam a atenção para o fato de “o caráter do texto, no estágio atual dos estudos em LT, falar em favor de um objeto dinâmico, multifacetado, resultante de uma atividade linguístico-sociocognitiva, na qual se incluem parâmetros discursivos”. Ademais, concordamos com os referidos autores quando assumem a importância de se analisar não somente os sentidos e conhecimentos construídos na produção e/ou recepção dos textos, mas também a de atentar para os contextos sócio-históricos, pois, conforme eles dizem, “[...] o cotexto, embora fundamental como ponto de partida, não garante a completude dos sentidos” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 60).

Desse modo, tendo como foco essa completude dos sentidos, é que propomos, neste estudo, uma interface com a LC<sup>3</sup>, a fim de não nos limitarmos ao cotexto e buscarmos explicações mais abrangentes que deem conta da análise das ocorrências de recategorização constituintes do *corpus* deste trabalho. Antes de tratarmos especificamente da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, ponte que viabiliza a construção dessa interface, julgamos necessário definir a concepção de recategorização assumida, tema da próxima subseção.

## 2.2 O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO

Na literatura, o estudo pioneiro da recategorização é creditado a Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Esses autores definem a

recategorização como uma estratégia de designação, na atividade discursiva, pela qual os referentes podem ser remodulados, sistematizando também uma proposta de classificação das recategorizações lexicais, porém, limitados ainda a uma abordagem textual-discursiva desse fenômeno.

A partir do trabalho seminal dos autores, Lima (2009) propõe um redimensionamento da concepção de recategorização, nos termos seguintes, reivindicando uma abordagem cognitivo-discursiva para esse processo de Referênciação.

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re) construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais. (LIMA, 2009, p. 57)

Reportamo-nos, pois, a essa concepção para subsidiar nossa análise acerca das expressões referenciais recategorizadoras e reafirmamos o trabalho com a perspectiva cognitivo-discursiva. Dessa maneira, podemos contemplar um nível mais profundo que o textual-discursivo, porém, sempre orientado pelas pistas linguísticas.

Para tanto, recorreremos a uma interface com a LC, particularmente com a Semântica Cognitiva experiencialista<sup>4</sup>, da qual utilizamos como aporte teórico a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCIs) proposta por Lakoff (1987). Na construção de seu modelo teórico, o autor defende a tese da organização do conhecimento por meio de estruturas as quais ele denomina de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Dessa forma, ele define um MCI “como um todo estruturado complexo, uma *gestalt*”. (LAKOFF, 1987, p. 68), em que concorrem quatro tipos de princípios estruturadores: i) estrutura proposicional; ii) estrutura de esquemas de imagens; iii) mapeamentos metafóricos e iv) mapeamentos metonímicos. Assim, os MCIs são estruturas cognitivas que constituem domínios nos quais os conceitos adquirem significação, “sendo usados

para compreender o mundo e para criar teorias sobre o mundo” (LAKOFF, 1987, p. 134). Como acrescentam Lima e Feltes (2013), os MCIs emergem como conhecimentos compartilhados e não como construções meramente subjetivas, além de não serem representações da realidade, mas construções idealizadas, como o próprio nome já sugere.

Na configuração da TMCIs, Lakoff (1987) apresenta cinco tipos básicos de modelos cognitivos, a saber: i) proposicionais; ii) de esquemas de imagens; iii) metafóricos; iv) metonímicos e v) simbólicos. Do arcabouço dessa teoria, seguindo Lima e Feltes (2013), contemplamos apenas os modelos cognitivos proposicionais (*scripts* e *frames*)<sup>5</sup>, metafóricos e metonímicos, dos quais passamos a fazer uma breve caracterização na sequência.

O modelo proposicional do tipo *script*, com base em Lakoff (1987) e na revisão de sua obra em Feltes (2007), pode ser definido como “uma cadeia de inferências pré-organizadas, numa sequência de conceptualizações, relativa a uma situação de rotina específica (ou evento)” (LIMA; FELTES, 2013, p. 42).

Para efeito de exemplificação, mencionamos o clássico *script* de restaurante proposto por Schank e Kass (1988) e retomado em Feltes (2007), Lima (2009) e Lima e Feltes (2013), por meio do qual é possível capturar o conhecimento de alguém sobre a sequência dos eventos que integram a situação de sair para comer em um restaurante:

*SCRIPT DO RESTAURANTE*: i) ir ao restaurante; ii) sentar; iii) pedir uma refeição ao garçom; iv) receber a refeição do garçom; v) comer; vi) pagar a conta; vii) sair do restaurante.

Já os *frames*, como explica Feltes (2007, p. 135), “são estruturas com o papel de representar entidades conceptuais, [...] as quais ‘emolduram’ uma grande quantidade de conhecimentos sobre um determinado conceito”. Como exemplo desse tipo de modelo cognitivo, Lakoff e Johnson (1999) citam a palavra “garçom”, que é definida em relação ao *frame* de restaurante.

Em se tratando dos modelos metafóricos, esclarecemos que estes são descritos a partir da abordagem da metáfora conceitual em Lakoff e Johnson (1980), que passou a ser conhecida como Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). Nesse modelo teórico, os autores postulam a intensa

recorrência de metáforas tanto na linguagem como no pensamento e na ação, ou seja, “nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 3).

Nesse contexto, Lakoff (1987) apresenta a seguinte descrição dos modelos cognitivos metafóricos:

Um mapeamento metafórico envolve um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio fonte é presumido como estruturado por um modelo proposicional ou de esquema de imagens. O mapeamento é tipicamente parcial; mapeia a estrutura do MCI no domínio fonte para a estrutura correspondente no domínio alvo. [...] os domínios fonte e alvo são representados estruturalmente pelo esquema do CONTAINER, e o mapeamento é representado pelo esquema ORIGEM-PERCURSO-META. (LAKOFF, 1987, p. 288)

Para ilustrar esse tipo de modelo, apresentamos a metáfora conceitual AMOR É UMA VIAGEM, presente em ocorrências da língua do tipo *Estamos numa encruzilhada e Esta relação está afundando* (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 24). Na descrição dessa metáfora, temos uma projeção do domínio-fonte VIAGEM para o domínio-alvo AMOR. Nesse caso, Lakoff (1993) explica que há uma transferência de muitos aspectos do domínio experiencial de viagem para o domínio do amor, permitindo o estabelecimento de correspondências, tais como: OS AMANTES CORRESPONDEM AOS VIAJANTES, O RELACIONAMENTO AMOROSO CORRESPONDE A UM VEÍCULO e AS DIFICULDADES NO RELACIONAMENTO CORRESPONDEM AOS IMPEDIMENTOS NA VIAGEM.

Os modelos metonímicos, por sua vez, decorrem de um deslocamento de significado no qual uma expressão é utilizada para se referir a outra, com a qual estabelece relação de contiguidade e podem ser assim esquematizados, como apresenta Lakoff (1987):

- Há um conceito “alvo” **A** a ser compreendido para algum propósito, em algum contexto;
- Há uma estrutura conceitual contendo tanto **A** como um outro conceito **B**;

- **B** ou é parte de **A** ou está intimamente associado com ele nessa estrutura conceitual. Tipicamente, a escolha de **B** determinará especificamente **A**, dentro dessa estrutura conceitual;
- Comparado com **A**, **B** é ou mais fácil de compreender, ou mais fácil de lembrar, ou mais fácil de reconhecer, ou mais imediatamente utilizável para a um dado propósito num determinado contexto;
- Um modelo metonímico é um modelo de como **A** e **B** estão relacionados numa estrutura conceitual; a relação é especificada por uma função de **B** para **A**. (LAKOFF, 1987, p. 84)

Como ilustração do modelo metonímico, citamos o exemplo seguinte de Lakoff (1987, p. 77), em que a expressão “o sanduíche de presunto” é licenciada por uma metonímia conceitual, pois o item ordenado pelo consumidor (sanduíche de presunto) está pelo consumidor, com o esclarecimento ainda de que ambas as entidades pertencem ao mesmo modelo cognitivo de RESTAURANTE.

1. O sanduíche de presunto acabou de derramar toda a cerveja sobre ele.

Por último, consideramos salutar maiores esclarecimentos sobre a designação expressões referenciais recategorizadoras delimitada em Lima e Feltes (2013). As autoras defendem que os referentes nem sempre estão lexicalizados ou materializados na superfície do texto, estando a sua reconstrução sujeita à recorrência ao nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, como ilustra o exemplo abaixo:

2. italofabris@programapanico Vovó, porque você não se candidata à presidência? já [sic!] tem um vampiro, só está faltando a múmia!! About 16 hours ago via web in reply to programapanico Retweeted by programapanico and 100+others. (<http://twitter.com/PROGRAMAPANICO>. Acesso em: 25 fev. 2010) (citado por LIMA; FELTES, 2013, p. 35).

De acordo com Lima e Feltes (2013), o referente “José Serra”, recategorizado no exemplo, supra pela expressão referencial recategorizadora “um vampiro”, é (re) construído no discurso através



da evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre guiados por pistas linguísticas. As autoras acrescentam que, nesta recategorização, o enunciador conta com o conhecimento compartilhado dos interlocutores, que ligam o nome de José Serra à Operação Vampiro, bem como associam o referente à imagem de um vampiro, veiculada na mídia por certo tempo. Nesse sentido, podemos constatar que os processos inferenciais são requisitados para a reconstrução do referente recategorizado como um vampiro.

De forma ampliada, as autoras defendem que somente numa perspectiva cognitivo-discursiva o processo de reconstrução de alguns referentes pode ser compreendido, suscitando, dessa forma, a importância de se investigar o fenômeno da recategorização em interface com a LC, como assim empreendemos neste artigo.

### 3 EXPRESSÕES REFERENCIAIS RECATEGORIZADORAS EM POSTAGENS DE PERFIL *FAKE* DO *FACEBOOK*

Feitas as considerações acerca do referencial teórico, reiteramos o nosso propósito de analisar as ocorrências de expressões referenciais recategorizadoras ancoradas nos MCIs, mas conscientes de que, por se tratarem de modelos idealizados, as análises e apreensões de sentido aqui realizadas não se esgotam e nem devem ser tomadas como prototípicas, visto que compreendemos que ao processo de interpretação subjazem os conhecimentos compartilhados, experiências vividas, valores, dentre outros.

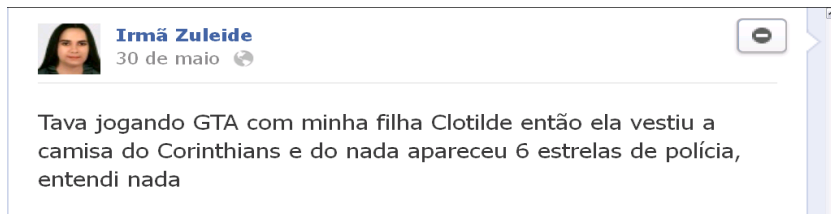
Dessa forma, atentamos para Lima e Feltes (2013, p. 47) quando esclarecem que análises como as realizadas neste estudo são simulações e, por essa razão, “devem ser entendidas como apenas plausíveis, segundo um modelo teórico de interface, e tomadas como hipóteses de trabalho para uma investigação empírica”.

Analisamos três postagens de um perfil *fake* do *Facebook* (Irmã Zuleide) segundo o percurso metodológico e de análise aplicado em Lima e Feltes (2013), a saber: i) identificação e descrição dos modelos proposicionais (*frame* e *script*), evocados a partir de pistas linguísticas; ii) identificação e descrição dos modelos metafóricos e metonímicos

estruturados dentro dos *frames* e *scripts* identificados, sempre guiados pelas pistas das expressões referenciais recategorizadoras.

Na postagem (1) seguinte, o conjunto de expressões linguísticas iniciais, ativa o *frame* JOGO, do qual são constitutivos os elementos JOGADORES, VENCEDOR E MUDANÇA DE NÍVEL, dentre outros. Relacionado a esse *frame*, bem como aos seus elementos constitutivos, temos o *script* PARTIDA DE JOGO, que envolve uma sequência: (i) escolha de personagens; (ii) utilização de códigos; (iii) cumprimento de missões, (iv) mudanças de nível e (v) alcance de estrelas, mas não necessariamente nessa ordem.

FIGURA 1 - POSTAGEM 1



Fonte: Captura em *Print Screen* (Disponível em: < <https://www.facebook.com/ZuleideJequiti?fref=ts> > Acesso em: 01 jul. 2013).

Entendemos que o referido *script* colabora para a visualização da importância que é dada à mudança de nível em um jogo, sobretudo no *Grand Theft Auto* (GTA), criado pela produtora escocesa *Rockstar Games*. O contexto do jogo se dá a partir da história de Carl Johnson (CJ), que regressa a casa depois da sua mãe ter sido assassinada, mas, por ter sido culpado de homicídio, viaja para fugir da polícia, e é justamente neste itinerário que surgem as missões, as mudanças de nível e alcance de estrelas por parte dos jogadores.

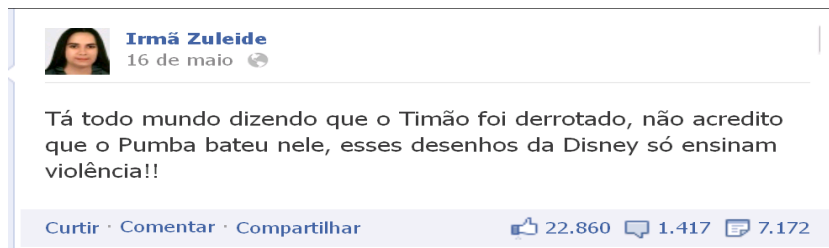
Esclarecemos que o alcance de 6 estrelas, evocado dentro dos MCIs proposicionais (*frame* e *script*), no âmbito do jogo, está associado ao nível de procurado pela polícia, ou seja, representa o nível máximo e também mais difícil do jogo, uma vez que para atingi-lo subentende-se que o jogador cometeu uma série de crimes mais violentos dentro do jogo, como homicídios, e não roubos de carros, por exemplo.

Na postagem em análise, o referente “torcida do Corinthians” é recategorizado metonimicamente pela expressão “a camisa do

Corinthians”, visto que ocorreu um deslocamento de significado numa relação PARTE (Vestimenta: camisa do time) PELO TODO (Usuário: Torcedor do Corinthians). O referente “violência extrema”, por sua vez, é metonimicamente recategorizado pela expressão “6 estrelas da polícia”, tendo em vista que quando o jogador atinge as 6 estrelas consegue a pontuação máxima no jogo, o que implica ter cometido vários crimes, bem como o aumento da perseguição por parte da polícia (o nível de procurado). Nesse contexto, a projeção metonímica se dá numa relação de CAUSA (praticar atos extremamente violentos) pelo EFEITO (atingir o nível máximo do jogo), confirmada pela expressão “6 estrelas de polícia”.

Com base no exposto, verificamos que a construção dos referentes “violência extrema” e “torcida do Corinthians” não se homologa na superfície do texto, requerendo, pois, para sua apreensão, ancoragem nos MCIs evocados pelas pistas linguísticas e também através do conhecimento compartilhado entre os interlocutores. Sobre isso, é importante destacar a repercussão das atitudes violentas de torcedores do Corinthians na mídia e o conhecimento do objetivo, etapas e conteúdo do jogo GTA na apreensão do sentido e propósito cômico-irônico da publicação.

FIGURA 2 - POSTAGEM 2



**Irmã Zuleide**  
16 de maio

Tá todo mundo dizendo que o Timão foi derrotado, não acredito que o Pumba bateu nele, esses desenhos da Disney só ensinam violência!!

Curtir · Comentar · Compartilhar

22.860 1.417 7.172

Fonte: Captura em *Print Screen*. (Disponível em: < <https://www.facebook.com/ZuleideJequiti?fref=ts>> Acesso em: 01 jul. 2013).

Em (2), evocamos inicialmente o *frame* DESENHO ANIMADO DA DISNEY, cujos elementos constitutivos são os personagens TIMÃO e PUMBA do filme “O Rei Leão”, que posteriormente ganharam papel principal no desenho “Timão e Pumba” também produzido pela Disney.

Com base na relação entre esses personagens no próprio desenho, temos situações recorrentes de interação, que por serem previsíveis nos possibilitam o seguinte *script*: (i) Timão e Pumba vivem em situações de aventura e atrito; (ii) Na tomada de decisões, Timão quer ser sempre o líder; (iii) Pumba a princípio discorda; (iv) Timão faz chantagem e fica indiferente, mas no fundo sofre com a situação, embora não demonstre; (v) Pumba, caracterizado como o sentimental da relação, acaba cedendo para manter a amizade; (vi) Timão sempre tem razão e o que prevalece é a sua opinião.

Contextualizando as experiências e relação entre os personagens, destacamos que Timão (que é um suricate) adora tomar para si o mérito das ideias e de todo o serviço que o Pumba (javali africano) faça, enquanto que este é amável, extremamente protetor com seus amigos e odeia ser chamado de porco, prefere Sr. Porco. Pumba muitas vezes é inseguro e ingênuo, já que quase sempre não percebe (ou finge não perceber) que seu amigo Timão tira vantagem dele, ainda que, às vezes, tenha ideias geniais e planos muito inteligentes.<sup>6</sup>

Nesse sentido, podemos dizer que Pumba sempre acaba perdendo em seus argumentos, enquanto que Timão é sempre o líder. Os conceitos PERDEDOR e VENCEDOR, abstraídos do *script* de interação entre os personagens, são pontos cruciais para a comicidade da postagem analisada. Isso porque o autor utiliza essas características dos personagens do desenho e as atribui, respectivamente, aos referentes “Palmeiras” e “Corinthians”, não homologados na superfície textual, mas passíveis de recuperação pela ancoragem em modelos cognitivos. Assim, temos a recategorização metafórica desses referentes como “Timão” e “Pumba”, respectivamente.

O primeiro processo de recategorização se dá de forma mais explícita, uma vez que é comum entre os amantes ou acompanhantes de assuntos futebolísticos se referirem ao time Corinthians como Timão, porém, no contexto em análise, antes de remeter diretamente ao time essa expressão remete ao personagem do desenho animado da Disney, como se deixa explicitar no próprio contexto.

Na subjacência dessas recategorizações, podemos derivar ainda o modelo cognitivo metafórico FUTEBOL É UMA COMPETIÇÃO, compreendendo-se que a comicidade da postagem

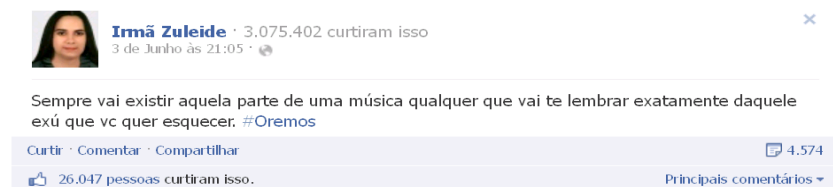
decorre justamente da inversão do padrão, uma vez que o advérbio de negação *não* enfatiza a relutância do enunciador em acreditar que o time considerado perdedor tenha ganhado do Corinthians, ou seja, Pumba venceu Timão.

A expressão “Pumba”, por sua vez, tradicionalmente remete ao parceiro de uma das duplas mais famosas dos desenhos infantis, entretanto, na publicação em questão, reiteramos, funciona como expressão referencial recategorizadora do referente “Palmeiras”. Essa construção do referente ocorre por projeção metonímica/metafórica, uma vez que o mascote do time Palmeiras não oficial, porém, bastante difundido (senão o mais) é o porco<sup>7</sup>. Assim a reconstrução do referente “Palmeiras” só é possível a partir do conhecimento compartilhado dos interlocutores sobre a história de criação do mascote não oficial do time, já que desde sua invenção existe rivalidade entre os times aqui mencionados.<sup>8</sup>

A partir da análise empreendida na postagem 2, evidenciamos mais um caso de recategorização em que a (re)construção dos referentes “Palmeiras” e “Corinthians” extrapola o nível textual-discursivo, sendo estes referentes homologados no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, como postula Lima (2009).

Adiante, analisamos outra publicação do perfil *fake* de Irmã Zuleide, que remete ao tema religião, frequentemente abordado nesse perfil. Isso porque o autor se identifica como uma mulher crente da Igreja Universal e de forma humorística constrói sua imagem espelhando-se em fiéis evangélicos, com o propósito mais geral de ironizar os comportamentos e práticas dos adeptos e pastores dessa Igreja.

FIGURA 3 - POSTAGEM 3



Fonte: Captura em *Print Screen*. Disponível em: < <https://www.facebook.com/ZuleideJequiti?fref=ts> > Acesso em: 01 jul. 2013.

Na postagem (3), podemos evocar dois *frames*: RECORDAÇÃO AMOROSA e RELIGIÃO. Do primeiro, inferimos os seguintes elementos: RELAÇÃO AMOROSA, FINAL DE RELAÇÃO, EX-PARCEIRO, dentre os quais destacamos EX-PARCEIRO, pois constitui um dos domínios relacionados às projeções metafóricas nessa postagem. Do segundo *frame* (RELIGIÃO), depreendemos os seguintes elementos: EXU<sup>9</sup> ou ÈSÚ, que representa uma entidade ou orixá da religião candomblé, contemplado de forma negativa na publicação, e ADEPTO DA RELIGIÃO EVANGÉLICA.

Desse modo, na referida postagem são colocadas em conflito duas religiões, a evangélica e o candomblé. É justamente neste contexto de intolerância religiosa que se cria a comicidade na publicação, pois o enunciador refere-se no texto a uma das entidades mais importantes, na religião do candomblé, e em acepção pejorativa como sinônimo de satanás ou tentação, algo maléfico. É nessa acepção negativa que o referente “ex-parceiro” é recategorizado metaforicamente na postagem como “Exu”. Na subjacência dessa recategorização, identificamos o modelo metafórico PESSOAS SÃO ENTIDADES MALIGNAS.

Fato curioso também é a própria semelhança sonora inicial entre as palavras Exu e Ex-parceiro, o que também pode constituir uma pista linguística. Contudo, uma explicação mais pertinente sobre a construção do referente “ex-parceiro” só se dá no plano cognitivo, uma vez que este não é homologado na superfície textual por uma expressão linguística, mas (re) construído pela ancoragem em modelos cognitivos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as análises aqui apresentadas, apesar da restrição da amostra, pudemos confirmar a hipótese defendida em Lima (2009) da existência de referentes não homologados na superfície do texto e que por isso requerem para sua (re) construção a recorrência a mecanismos inferenciais, ancorados no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém, sempre guiados pelas pistas linguísticas.

Nesse universo, constatamos também a necessidade de um modelo de interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, a exemplo da proposta de Lima e Feltes (2013), para uma

descrição produtiva desse tipo de homologação de referentes, indiciado a partir de expressões referenciais recategorizadoras e ancorado nos MCIs (*frame, script, metafórico e metonímico*). Temos ciência de que as descrições feitas por meio da aplicação do referido modelo analítico, por se tratarem de apreensões de sentidos, embora sinalizadas pelas pistas linguísticas, não se esgotam e nem devem ser tomadas como únicas. Entretanto, podem ser elucidativas em termos de uma maior compreensão de mecanismos linguísticos complexos que não se revelam totalmente na materialidade do texto, a exemplo da construção dos referentes tematizados e recategorizados nas postagens analisadas neste trabalho.

Ressaltamos que o exercício de análise aqui empreendido pode ser visto como um desdobramento da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, no que concerne à aplicação desse modelo teórico a situações de uso cotidiano da linguagem, revelando a sua produtividade para a descrição da construção dos sentidos do texto em mais um contexto discursivo, ou seja, as postagens do perfil *fake* Irmã Zuleide.

#### THE (RE)CONSTRUCTION OF REFERENCES IN A FAKE FACEBOOK PROFILE: A COGNITIVE DISCOURSE ANALYSIS

##### ABSTRACT

From a cognitive-discourse conception of the recategorization process, this paper analyzes the construction of referential recategorization expressions selected from three postings of the fake profile *Irmã Zuleide*. We took as an analysis model the Lima's e Feltes' (2013) proposal, which is based on the Theory of Idealized Cognitive Models (LAKOFF, 1987). The analysis encompasses the identification and description of cognitive models evoked from the materialized linguistic clues. The outputs confirm Lima's (2009) thesis that in the discourse some references can only be ratified if we call upon on the level of structures and cognitive functioning, requiring, therefore, anchorage in cognitive models.

**KEYWORDS:** Referentiation, Recategorization, Idealized Cognitive Models, *Facebook*.

---

RESUMEN

A partir de una concepción cognitiva-discursiva del proceso de recategorización, este artículo analiza expresiones referenciales recategorizadas de tres publicaciones del perfil *fake* Irmã Zuleide. Tomamos como modelo de análisis la propuesta de Lima y Feltes (2013), que está basada en la Teoría de los Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987). El análisis engloba la identificación y descripción de los modelos cognitivos evocados a partir de signos lingüísticos. Los resultados afirman la tesis de Lima (2009) de que, en la actividad discursiva, algunos referentes solo pueden ser homologados si recorremos al nivel de las estructuras y del funcionamiento cognitivo, necesitando, por lo tanto, de ancoraje en modelos cognitivos.

PALABRAS CLAVES: Referenciación, Recategorización, Modelos Cognitivos Idealizados, *Facebook*.

---

NOTAS

- 1 *Fake* é uma palavra da língua inglesa que significa falso ou falsificação. Com o advento das redes sociais designa uma conta na internet ou o perfil de alguém que pretende ocultar a verdadeira identidade (Disponível em: < <http://www.significados.com.br/fake/> >. Acesso em: 01 jul. 2013).
- 2 Conforme Koch e Cunha-Lima (2004, p. 295), “ao invés de adotarem essa visão da referência como uma propriedade das palavras, como um fato imanente à língua, os autores sociocognitivistas preferem falar de referenciação, para realçar seu aspecto dinâmico, como uma atividade, um processo no qual os falantes se engajam para construir a referência”.
- 3 Ferrari (2011, p. 14) descreve a Linguística Cognitiva como uma nova vertente de estudos linguísticos estabelecidos mais apropriadamente nos anos 1980, em defesa de que “a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser reflexo direto do mundo e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado”.



- 4 Feltes (2007, p. 88) explica, com base em Lakoff (1988), que “a cognição experiencialista toma o termo ‘experiencial’ em um sentido amplo, incluindo experiências sensório-motoras, emocionais, sociais, assim como capacidades inatas que dão forma a tais experiências e as tornam possíveis”.
- 5 Os *frames* têm suas bases na Semântica dos *Frames* desenvolvida por Charles Fillmore (1976, 1977, 1982, 1985).
- 6 Para maiores informações, consultar: < <http://garotasgeeks.com/wordpress/2011/05/30/personagem-da-semana-timao-e-pumba/>> Acesso em: 12 jul. 2013.
- 7 A história do porco como mascote tem sua origem na década de 60, motivada por uma série de insatisfações dos torcedores do Corinthians com a perseguição do Time do Palmeiras, tal chateação chegou ao estopim quando no ano de 1969 o Corinthians perdeu dois jogadores em um acidente de carro e teve seu pedido de substituição dos jogadores recusado, em virtude de um voto contra do presidente do Palmeiras na época, Delfino Facchina. Em consequência disso, a torcida do Corinthians resolveu provocar os palmeirenses e no clássico seguinte entre os times um dos torcedores soltou um porco no gramado com a camisa do Palmeiras, enquanto os alvinegros entoavam em coro: “Porcoooo!”, provocando os rivais, isso de provocação passou a adoção do animal como mascote não oficial. Saber mais em: <<http://www.tvbicho.com.br/variedades/o-mascote-oficial-do-palmeiras/7/444/>>; <[http://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a\\_origem\\_do\\_apelido\\_da\\_porcada](http://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a_origem_do_apelido_da_porcada)>. Acesso em: 12 jul. 2013.
- 8 Para outras informações, consultar: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/1623783-palmeiras-origem-porco-como-mascote/#ixzz2ZtbWvfcv>>. Acesso em: 12 jul. 2013
- 9 “Para os nagôs dos candomblés tradicionais da Bahia, Èsù ou Exu – escrito na sua forma abasileirada – é a principal entidade, não só do culto aos Orixás em que ele é a força dinâmica que move o sistema mítico ancestral, como também na vida, no dia-a-dia que, segundo a crença do povo de santo, é a energia que vitaliza as pessoas e de tudo o que existe. Em resumo, sem Exu não tem movimento, logo sem ele não teríamos culto aos orixás, nem vida para os seres” (SOARES, 2008, p. 37).

## REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BEGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. IN: BERRENDONNER, A; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (Ed.) *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. P. 227-271.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do GELNE*, Piauí, v. 12, n. 2, 2010, p. 56-71.
- CAVALCANTE, M. M. *Referenciação*: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações*: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação, 2011. 330f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. *Ling. (dis)curso* [online]. Tubarão, vol.12, n.3, dez. 2012. pp. 839-859. ISSN 1518-7632. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-76322012000300009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-76322012000300009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 jul. 2013.
- FELTES, H. P. M. *Semântica cognitiva*: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics and the nature of language. *Annals of the New York Academy of Science*: Conference on the origin and development of language and speech, v. 280, p. 2032, 1976.
- \_\_\_\_\_. The need for a frame semantics in linguistics. In: KARLGREN, H. (Ed.). *Statistical Methods in Linguistics*, n. 12, p. 5-29, 1977.
- \_\_\_\_\_. Towards a descriptive framework for especial deixis. In: JARVELLA, R. J.; KLEINS, W. (Ed.). *Speech, place, and action*. London: John Wiley, 1982a, p. 31-59.
- \_\_\_\_\_. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982b.
- \_\_\_\_\_. Frames and semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*. v.6, n.2, 222-255, 1985.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Org.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

\_\_\_\_\_. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Cognitive Semantics. In: ECO, U; SANTAMBROGIO, M.; VIOLI, P. (Ed.). *Meaning and mental representations*. Indianapolis: Indiana University Press, 1988, p. 119-154.

\_\_\_\_\_. The contemporary theory of metaphor. In: Ortony, Andrew (Ed.). *Metaphor and thought. 2 ed.* Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.

LIMA, S. M. C. *Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização*. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. 204 p.

\_\_\_\_\_; FELTES, H. P. M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Org.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. *TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)*, n. 23, p. 273-302, 1995.

\_\_\_\_\_. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos de Linguística).

SCHANK, R. C.; KASS, A. Knowledge representation in people and machines. In: ECO, U.; SANTAMBROGIO, M.; VIOLI, P. (Ed.). *Meaning and mental representations*. Indianópolis: Indiana University Press, 1988. P. 181-200.

SOARES, E. L. R. *As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação [manuscrito]: imagens, discursos e narrativas*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,

Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2008. Disponível em: <[http://www.teses.ufc.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1805](http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1805)>. Acesso em: 12 jul. 2013.

---

Submetido em 1 de julho de 2014

Aceito em 27 de maio de 2015

Publicado em 21 de dezembro de 2015

---



## **Veredas atemática**

### **Volume 19 nº 2 – 2015**

---

#### **Operação sanguessuga, operação castelo de areia e operação sexto mandamento: meras designações ou verdadeiras caixas de pandora?**

Márcia Ananda Soares Siqueira de Sousa (UFC)  
Silvana Maria Calixto de Lima (UESPI/UFC)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é fazer a análise de expressões linguísticas designativas de operações da Polícia Federal em exemplares de textos/discursos pertencentes aos gêneros comentário, postagem do *twitter* e artigo de opinião. Para tanto, pautamo-nos em reflexões teóricas advindas de uma interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva. Da primeira, consideramos as noções de encapsulamento (CONTE, 2003; SOUSA, 2012; LIMA, 2013) e introdução referencial (CAVALCANTE, 2003, 2004, 2011) e, da segunda, os Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987). Os resultados da análise corroboram nossa hipótese de que tais expressões podem funcionar como introduções referenciais com função encapsuladora.

Palavras-chave: encapsulamento; introdução referencial; designações de operações policiais.

#### **Introdução**

O mecanismo linguístico do encapsulamento, em Conte (2003) e Francis (2003), é entendido como uma paráfrase resumitiva de informações precedentes e/ou consequentes do texto, o que lhe garante referência mais comum de encapsulamento anafórico. Tal noção vem sendo (re)discutida em estudos de Lima (2013) e Sousa (2012) a partir do trato do processamento referencial de expressões que designam operações desencadeadas pela Polícia Federal. A partir desses estudos, as autoras trabalham com uma noção de encapsulamento que

não se restringe a retomada de porções cotextuais, mas que leva em conta também o processamento de estruturas cognitivas.

É, nesse viés, que buscamos neste trabalho construir argumentos que sustentem nossas conjecturas de que, em contextos discursivos específicos, referentes, materializados como expressões designativas de operações da PF assumem, simultaneamente, as funções de empacotar/encapsular informações que revelam o teor da operação e introduzir novos referentes na cadeia textual/discursiva, o que nos proporciona a validação da hipótese de que tais referentes podem funcionar como *introduções referenciais com função encapsuladora*<sup>1</sup>.

Para isso, partimos da análise referencial de três ocorrências linguísticas designativas de operações da PF (Operação Sanguessuga, Operação Castelo de Areia e Operação Sexto Mandamento) em textos/discursos pertencentes aos gêneros comentário, postagem do *twitter* e artigo de opinião, os quais foram divulgados durante todo o transcorrer das operações ("batismo" - deflagração - desdobramentos). Importante se faz salientar que aqui nossas análises são erigidas sob uma interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva.

Do ponto de vista composicional, o presente artigo delinea-se da seguinte forma: após esta introdução, discorreremos acerca das noções de encapsulamento e introdução referencial, a fim de situá-las no âmbito dos estudos em referenciação; em seguida, apresentamos a análise dos dados e, então, as considerações a que chegamos.

## 1. O encapsulamento

No âmbito das funções das expressões referenciais na construção textual-discursiva, enfatizemos em função de nossas pretensões neste trabalho a noção de encapsulamento, a qual será apresentada a partir de duas concepções, a saber: aquela dita como consensual pela Linguística de Texto, em que uma dada expressão anafórica assume o papel de sumarizar porções cotextuais e outra apontada em Lima (2013) e Sousa (2012) de que esse fenômeno pode ocorrer e ser explicado a partir da recorrência a estruturas cognitivas que organizam nosso conhecimento. É nessa concepção última de encapsulamento que ancoramos as análises aqui realizadas, as quais creditam a instauração de uma subcategoria de introdução referencial pautada em aspectos de ordem cognitivo-discursiva. Adentremos, então, ao trato dessas duas noções de encapsulamento, iniciando por aquela já arraigada no cerne da Linguística de Texto.

Cavalcante (2003), seguindo o rastro de Conte (2003) e Francis (2003), concebe o encapsulamento anafórico como o resumo de porções textuais, *empacotado* numa expressão referencial, podendo esta ser um sintagma nominal ou um pronome, em geral, demonstrativo. Convém esclarecer que a abordagem desse fenômeno textual-discursivo, em Conte (2003) e Francis (2003), difere essencialmente em termos designativos. Isso porque aquilo que a primeira concebe como *encapsulamento anafórico* a segunda designa como *rótulo*. Assim, no dizer de Conte, o encapsulamento anafórico é

---

<sup>1</sup> Ao promover uma descrição das diferentes formas e funções das introduções referenciais, Silva (2013) concebe a categoria "introdução referencial encapsuladora", mas numa perspectiva textual-discursiva, diferentemente da proposta aqui desenvolvida.

uma anáfora lexicalmente baseada, construída com um nome geral (ou um nome avaliativo, um nome axiológico) como núcleo lexical e revela uma clara preferência por um determinante demonstrativo. (...) é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto. Esta porção de texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença) (CONTE, 2003, p. 178)

Em nível de exemplificação, a referida autora apresenta a expressão *esta situação*, no exemplo seguinte, como um encapsulamento anafórico, visto que essa expressão resume uma porção textual.

(1) Hoje, todos os melhores espaços produtivos estão ainda na mão da velha estrutura do estado. Levará tempo para mudar *esta situação*. (CONTE, 2003, p. 178)

Para a autora, ocorrências dessa natureza diferem dos exemplos padrão de anáfora, porque podem ser apontadas as seguintes particularidades: a) os referentes das expressões nominais não são indivíduos, mas entidades de ordem superiores como estados de coisas, eventos, situações, fatos entre outros; b) o antecedente não é propriamente delimitado no texto, devendo esse ser (re)construído pelo leitor/ouvinte.

Já para Francis (2003), os rótulos funcionam como conectores e organizadores do discurso escrito, tendo como principal traço definidor a exigência de lexicalização cotextual, a qual pode se realizar tanto catafórica quanto anaforicamente, sendo estes, portanto, nomeados de rótulos prospectivos e rótulos retrospectivos. Observe-se, em (2), um caso em que o rótulo “duas razões” tem a função de organizador, já que carrega para o próximo tópico todo o conteúdo encapsulado pela expressão.

(2) Eu sei que aproximadamente 12 por cento da população é canhota. Por que, então, deve existir uma predominância tão grande de jogadores de golfe destros que, eu me informei, se estende também aos tacos? Em resposta a esta indagação, um colega meu, jogador de golfe, apresentou *duas razões*. A primeira foi que os iniciantes normalmente começam com tacos que foram herdados de outras pessoas, que são, em geral, destros. A segunda foi que, por motivos técnicos, as pessoas canhotas tornam-se bons jogadores de golfe com a mão direita. (FRANCIS, 2003, p. 192-193).

Enquanto Conte (2003) e Francis (2003) categorizam o tipo de ocorrência descrito nos dois últimos exemplos de forma diferenciada, Zavam (2007) defende o argumento de que ao se falar de “encapsulamento anafórico, rótulo e anáfora encapsuladora” está se falando de um mesmo fenômeno textual/discursivo, o de sumarizar elementos precedentes ou não de um texto, os quais são apresentados na forma de expressões nominais e transformados

discursivamente em objeto de discurso. A autora desenvolve essa noção fundamentada em duas particularidades aspectuais:

Primeiro, o fato de que os exemplos dados para ilustrar o encapsulamento se prestariam à ilustração do rótulo, [...]; segundo, o fato de ambos apontarem funções comuns aos fenômenos tratados distintivamente, quais sejam, a de funcionar “como um princípio organizador na estrutura discursiva” e “interpretar um parágrafo precedente e funciona [r] como ponto de início para outro” (CONTE, 2003, p.184), e a de “conectar e organizar o discurso escrito” e “ter claramente um papel organizador que se estende para o todo do próximo parágrafo” (FRANCIS, 2003, p.193) (ZAVAM, 2007, p. 131)

A respeito dessa diferença terminológica, concordamos com Cavalcante (2003) e Zavam (2007), que adotam a postura de simplificação da designação do fenômeno do encapsulamento anafórico. Nesse contexto, interessa-nos a posição consensual de que um encapsulamento anafórico acontece sempre que uma porção textual for de fato sumarizada ou rotulada.

Conforme vimos desenhando, nossa atenção, neste trabalho, está voltada à noção de encapsulamento, desenvolvida em Lima (2013) e Sousa (2012), que consideram para tal construção não somente a materialidade textual/discursiva, mas principalmente questões de ordem cognitiva. Para uma melhor compreensão desse tipo de processamento, recorreremos ao exemplo (3), analisado em Lima (2013, p. 122)

(3) A ministra Laurita Vaz, do STJ, concedeu liminarmente determinação para suspensão dos interrogatórios de pessoas investigadas pelo Procurador Regional da República da 1ª região em desmembramento da *Operação Caixa de Pandora*. (Disponível em <http://www.migalhas.copm.br/Quentes>)

Segundo a autora, o termo “operação”, concebido como um evento, estrutura-se cognitivamente por um *script*, o qual, no dizer de Feltes (2007), constitui-se como um conjunto de inferências pré-organizadas referentes a uma dada situação rotineira. Nesse *script*, portanto, há a presença de vários elementos e uma sequência de acontecimentos que englobam desde “a estrutura da operação (participantes, alvo, estratégias) até a sua deflagração (cumprimento de prisões) e divulgação (resultados da operação)”, conforme Lima (2013, p. 123). Para ela, esse modelo cognitivo, assim como outros (e.g.: metafóricos, metonímicos e *frames*), os quais são vistos sob a perspectiva da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados<sup>2</sup>, possibilita a conjectura de uma forma de “encapsulamento” de informações no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo. No âmbito do processo de referência, a referida autora entende que sempre que é atribuída à Operação uma designação tem-se, então, a possibilidade de identificar, de forma contextual e particular, os elementos presentes em cada designação. Nesse sentido, “o nome da operação funciona como uma espécie de gatilho por meio do qual é possível acessar as informações encapsuladas,

<sup>2</sup> Consultar Lakoff (1987).



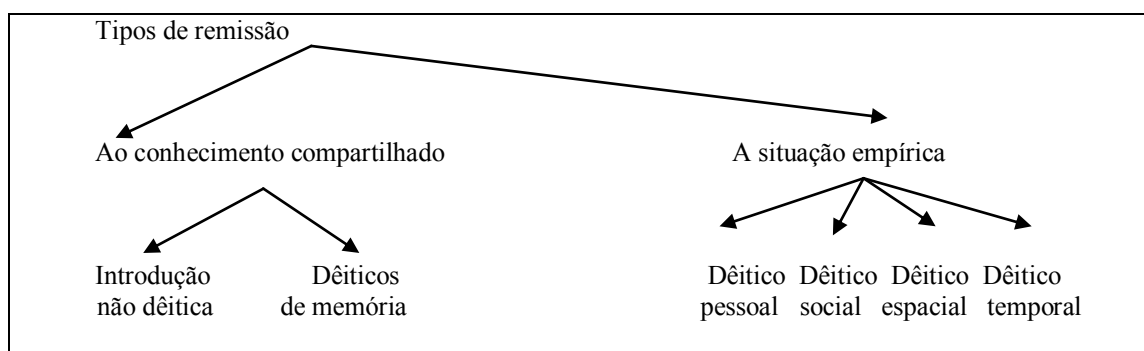
quando elas não se fazem presentes no texto”. (Lima, 2013, p. 123) Ou seja, o que, de fato, se considera como sendo informações encapsuladas por uma dada designação é aquilo que a particulariza (objetivos da investigação e o teor do crime investigado), a sua essência.

Com base na proposição de Lima (2013), ao que nos parece, uma visão de encapsulamento voltada apenas para o nível textual-discursivo não dá conta de descrições de outras ocorrências linguísticas que no processo de referenciação também se configuram como de caráter encapsulador, como é o caso das designações de operações policiais, como visto em (3). Assim, a descrição dos aspectos cognitivos que envolvem tal processo referencial, no caso específico do tipo de ocorrência eleito para esta investigação, pode ter desdobramentos outros, como também sinaliza a autora, no que diz respeito à configuração de uma nova categoria analítica no quadro das funções das expressões referenciais. Ademais, julgamos pertinente adiantar que o comportamento referencial das designações de operações policiais pode ser estendido a outras expressões em outros contextos discursivos, não sendo tal comportamento específico das expressões escolhidas para este estudo.

Nesse contexto, reiteramos o nosso objetivo de configurar uma subcategoria, a partir do quadro classificatório das expressões referenciais proposto no âmbito da LT, que abarque a função das designações de operações policiais no processo de referenciação, em contextos discursivos como os, aqui, analisados. É bom salientar, ainda, que a proposição dessa subcategoria de análise considerará as concepções sobre o encapsulamento ora apresentadas e também a noção de introdução referencial, a qual passa a ser discutida no próximo tópico.

## 2. Introdução referencial

Temos uma introdução referencial, conforme Cavalcante (2004, p. 2), “quando um objeto for considerado novo no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto”. Atesta ainda a autora que a introdução de um novo referente em um texto vale-se de dois recursos fundamentais: a menção do referente por apelo à memória comum, sem que haja nenhuma marca dêitica de remissão ao conhecimento compartilhado (introduções referenciais não dêiticas) ou a expressão do referente “para remeter por meio de expressões indiciais, a uma das coordenadas dêiticas de pessoa (eu, você), tempo (hoje, amanhã), espaço (aqui, ali) ou memória dos interlocutores (naquele dia, essa história de...)” (CAVALCANTE, 2004, p. 2), sendo esse último caso, as introduções dêiticas. Nesses termos, vê-se, em Cavalcante (2004, p. 3), a seguinte disposição para as introduções referenciais:



Quadro 01: Classificação das introduções referenciais (adaptado de CAVALCANTE, 2004, p. 3)

Convém observar que as introduções referenciais puras definidas por Cavalcante (2003) passam, a partir deste trabalho, a ser tratadas unicamente de não dêiticas, mas essa nomenclatura tem oscilado em trabalhos recentes da autora (CAVALCANTE, 2011), em que geralmente se constata o uso da denominação introdução referencial pura. Além disso, o que muda da primeira para a segunda proposta é que a referida autora passa a trabalhar, como já mencionamos, com a concepção de componente dêítico, assumindo uma perspectiva mais pragmático-discursiva dos processos referenciais. Ademais, os dêíticos de memória passam a figurar, no gráfico acima, ao lado das introduções referenciais puras (não dêiticas), pela sua característica de remissão ao conhecimento compartilhado.

Sobre essa disposição, a autora garante que, sob outro prisma, pode-se dizer que

as introduções não dêiticas e as introduções por dêixis de memória apontam ambas em direção ao campo dêítico do conhecimento comum aos interlocutores, ao passo que as introduções por dêixis de pessoa, de tempo e de espaço remetem ao campo da situação empírica de fala. (CAVALCANTE, 2004, p. 3)

Essa separação parece ser justificada a partir do tipo de orientação que é dada ao coenunciador e, por assim dizer, aos sentidos licenciados por cada uma. A fim de discutir melhor esse aspecto, a autora diz que, se, em uma situação informal de comunicação, o seguinte comentário fosse proferido: “Esses internautas são todos desmiolados, sedentários e misantropos” (CAVALCANTE, 2004, p. 3) e a conversa prosseguisse de forma que houvesse a elaboração de argumentos para tal afirmação, nenhuma estranheza seria provocada, haja vista o uso do pronome demonstrativo “esses” passar a impressão de fácil acessibilidade, ainda que tal expressão venha a aparecer pela primeira vez no cotexto.

Ao considerar um tipo de remissão ao conhecimento partilhado, como é visto no quadro 01, a autora avança consideravelmente no refinamento de sua proposta de classificação das introduções referenciais. Contudo, ao que nos parece, essa sua conjectura apresenta ainda um nível de formulação bastante genérico para dar conta das particularidades do tipo de ocorrência investigado neste trabalho, o que veremos sequencialmente a partir das análises dos textos/discursos em que os referentes aparecem nas formas das expressões linguísticas “Operação Sanguessuga”, “Operação Castelo de Areia” e “Operação Sexto Mandamento”.

### **3. O caso das introduções referenciais com função encapsuladora**

Operação Sanguessuga, Operação Castelo de Areia, Operação Sexto Mandamento: meras designações ou *verdadeiras caixas de pandora*? Esse questionamento coloca mais uma vez em cena as discussões acerca do caráter encapsulador que as designações dadas às operações da Polícia Federal assumem nas práticas textual-discursivas.

Como assumimos, aqui, o pressuposto de que as palavras evocam modelos cognitivos e que tais modelos, em si mesmos, possuem uma ontologia que comporta o entendimento de

que já “abarcam/empacotam” uma determinada estrutura que pode ser evocada a partir de um nome de operação, por exemplo, é preciso deixar claro que tal pressuposto não pode ser visto de modo genérico (isso acontecer com todas as expressões referenciais igualmente, de modo que o encapsulamento seja concebido como uma propriedade geral da linguagem), pois não estamos tomando o rótulo “encapsulamento” de forma isolada e nem fora da atividade discursiva. O encapsulamento pode ser explicado na perspectiva assumida para este trabalho pela recorrência aos mecanismos cognitivos inerentes ao fenômeno, mas que não são explicitados sistematicamente pela Linguística de Texto. Dessa maneira, o que consideramos, nesse contexto, é uma noção de encapsulamento estendida a um nível cognitivo-discursivo, a qual considera um conjunto de elementos que contemplam desde a prática discursiva do “batismo” da operação até sua divulgação e consequentes desdobramentos, conforme sugestão de Lima (2013). Ademais, é importante reafirmarmos que, para as análises aqui empreendidas, valemo-nos das noções de *introdução referencial* (quando da inauguração de um novo objeto de discurso sem nenhuma âncora cotextual) e de *encapsulamento* (quando da extrapolação da materialidade discursiva). Assim, esclarecidas essas questões, passemos à análise dos textos/discursos a fim de elucidarmos o comportamento das expressões referenciais “Operação Sanguessuga”, “Operação Castelo de Areia” e “Operação Sexto Mandamento”<sup>3</sup>. Vejamos, portanto, o exemplo (4),

(4) Escrito por Prof. Amiraldo Quaresma – 25/10/2010

Roberto Góes foi mentir na rádio, mas não deu certo. A notícia, além de confirmada pela PF, está na Veja, na Folha e no UOL. Só não sei pq o esforço de desmentir a verdade. Será por medo de prejudicar a campanha de seu candidato nomeado por ato secreto assinado por Sarney, ligado a Waldez Góes e parentes presos pela PF? No palanque de seu candidato, além dele mesmo (cassado por seis vezes e duas vezes conduzido coercitivamente à PF), WG, Marília, há tb dois nomes ligados à **Operação Sanguessuga**. Esse é o palanque da mudança? Que mudança? Isso já não seria o suficiente p/ prejudicar uma campanha que se diz, que se vê como a “única” mudança?!?! Durma-se com um barulho desse! (Disponível em: <<http://www.lucianacapiberibe.com/2010/10/25/roberto-goes-foi-liberado-e-correu-para-dar-entrevista>> Acesso em: 8 dez. 2011)

De início, parece-nos conveniente comentarmos, ainda que sumariamente, sobre aquilo que particulariza a Operação Sanguessuga, a fim de entendermos melhor as relações construídas entre tal categorização e a própria operação da PF (todos os aspectos que integram esse tipo de evento). Nesses termos, figurando como parte das atividades realizadas por policiais federais, a Operação Sanguessuga ocupou-se em desarticular uma organização criminosa especializada na realização de crimes contra a ordem tributária e fraudes em licitações na área da saúde, em especial para a compra de ambulâncias. Participavam da quadrilha funcionários públicos que atuavam no Ministério Público da Saúde e na Câmara dos Deputados. Em se tratando de seu nome de batismo, diz-se que esse está metaforicamente relacionado à “sanguessuga”, expressão que, segundo o dicionário Aurélio, é vista sob duas

<sup>3</sup> Informações detalhadas acerca das Operações desencadeadas pela Polícia Federal estão disponíveis em: <http://www7.pf.gov.br/DCS/operacoes/indexop.html>

acepções, quais sejam, “verme do filo dos anelídeos que habita as águas doces e possui ventosas com as quais se liga aos animais a fim de sugar-lhe o sangue” e, ainda, numa conotação mais popular, diz-se daquele “indivíduo que explora financeiramente o outro”. Diante disso, observa-se que traços do domínio VERME-PARASITA são mapeados metaforicamente para a organização criminosa, uma vez que os envolvidos no crime agiam como verdadeiros “parasitas”, fazendo uso indevido de verbas que deveriam ser estendidas à promoção de benefícios sociais. Em termos de uma descrição das estruturas cognitivas da ocorrência linguística “Operação Sanguessuga”, temos na sua subjacência a metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS PARASITAS. Assim, traços do domínio-fonte ANIMAIS PARASITAS são mapeados para o domínio-alvo PESSOAS (criminosos investigados pela operação). No exemplo (4), portanto, a expressão referencial “a Operação Sanguessuga” encapsula aspectos referentes ao teor da operação, os quais não se encontram materializados na superfície textual/discursiva.

Considerando o referente “Operação Sanguessuga”, ainda no exemplo (4), é notório que não há no cotexto pistas que garantam ao leitor a possibilidade de acionar as informações “empacotadas” por tal expressão referencial, cabendo a ele o papel de, através da expressão “sanguessuga”, evocar a informação de que “sanguessugas” são os “investigados” e, que esses estão, por assim dizer, ligados à “exploração” e ao “desvio de verbas públicas”. Esse comportamento discursivo dá ao leitor condições de “(re)construir o sentido da operação, “encapsulado” na sua designação, sem necessariamente estar na dependência de que essas informações encapsuladas pelo nome da Operação estejam presentes no cotexto de uma determinada situação discursiva.” (Lima, 2013, p. 118). A par dessas informações, podemos construir o argumento de que o referente “Operação Sanguessuga” aparece pela primeira vez no texto/discurso, encapsulando elementos/informações acerca da operação, os quais podem ser ativados via processamento do modelo cognitivo metafórico que está na subjacência de sua designação. Tal comportamento possibilita categorizarmos, classificatoriamente, esse referente como *introdução referencial com função encapsuladora*.

Para essas análises, esclarecemos, não estamos considerando que o apelo ao conhecimento compartilhado não faça parte do processo de (re)construção do sentido da operação, haja vista o montante de informações já disponibilizadas no momento de divulgação desse texto/discurso (após desdobramentos da operação), mas não nos parece convincente dizer apenas que essas expressões possam ser enquadradas como introduções referenciais dêiticas que apontam para o conhecimento compartilhado, ao modo definido por Cavalcante (2004). Isso em razão de a própria designação guardar relações diretas com modelos metafóricos e/ou metonímicos, os quais, certa maneira, sustentam a essência da natureza da operação. Assim, compreendemos que quando um referente, homologado por uma expressão designativa de operação da PF, aparece pela primeira vez na cadeia textual/discursiva o processamento das estruturas cognitivas que lhe são subjacentes é necessário para que o leitor possa reconstruir informações relativas à operação e que são essenciais à construção dos sentidos. Diante disso, é necessário deixar claro, ainda, que a re(construção) desse processo, em maior ou menor grau, vai depender do nível de conhecimento partilhado dos interlocutores dos textos sobre as operações. Entretanto, é pouco provável que esse nível alcance um grau zero, pois, mesmo aqueles que não detenham nenhum conhecimento da operação, podem contar com a própria pista marcada pela expressão referencial “operação”, pois, muito provavelmente, terão a capacidade de recompor a estrutura do *script* evocado por essa expressão. Em outros termos, poderão alcançar o entendimento mínimo de que se trata da designação de um evento. Ainda que admitamos que

o processamento dessas expressões mantenha relações com informações disponíveis em enunciações anteriores, não nos parece provável que apenas essas sejam suficientes para que haja renovação de aspectos necessários à modelação dos sentidos. Ademais, não julgamos convincente dizer que os mapeamentos metafóricos e/ou metonímicos subjacentes às designações já possam ser vistos prontamente como convencionalizados e relacionados ao *frame* evocado pelas designações, já que a decifração desses não é dada em contextos discursivos outros em que essas designações aparecem.

Observemos que semelhante comportamento é assumido pela expressão “Operação Castelo de Areia”, em (5):

(5)



Figura 1: Postagem do *twitter*, capturada em *print screen*.

Se amparados pelas funções das expressões referenciais e suas consequentes classificações, conforme proposições de Cavalcante (2003; 2004), é possível dizermos que a expressão “Operação Castelo de Areia” aparece pela primeira vez no contexto e não remete a nenhuma âncora, o que lhe garante o estatuto de “introdução referencial”. Por outro lado, vemos que esse objeto de discurso, em função de o texto/discurso não apresentar pistas que ajudem o leitor a atualizá-lo, exige que esse mesmo leitor ative as informações organizadas a partir de estruturas cognitivas. Tal ativação apenas é possível se considerarmos que ao nome atribuído à operação subjaz uma motivação metafórica e/ou metonímica que contribui significativamente para a (re)construção da essência da operação, como já dissemos quando da análise em (4). Esse aspecto, conforme proposições deste trabalho, nos permite a afirmação de que, neste contexto discursivo, o referente “a Operação Castelo de Areia” encapsula os elementos que singularizam essa operação da PF e que, aqui, são essenciais para a construção dos sentidos. Do ponto de vista apenas cognitivo, temos na designação “Castelo de Areia” a sobreposição de estruturas metafórica e metonímica. Metafórica porque, considerando que, culturalmente, a noção de “castelo de areia” é geralmente atribuída a algo que assume uma “aparente” grandiosidade, tal como os crimes realizados no âmbito da construtora Camargo Corrêa, lugar onde agia a organização criminosa investigada por essa operação. Essa estrutura cognitiva se modela da seguinte maneira: “Castelo de areia” (domínio-fonte) = frágil/ passível de se desfazer a qualquer momento e a “organização criminosa” (domínio-alvo), daí podemos derivar a metáfora ORGANIZAÇÕES SÃO CONSTRUÇÕES. Além disso, o fato de a empresa Camargo Corrêa ser, especificamente, uma empreiteira explica, por assim dizer, a ativação do *frame* edificações a partir da designação Operação Castelo de Areia. Essa designação apresenta, simultaneamente, a metonímia PARTE PELO TODO, já que a construtora Camargo Corrêa pode ser entendida como o todo (o Castelo) e os crimes como as

partes. Esse processamento garante ao leitor uma (re)construção da essência da operação, o que nos permite nesse contexto discursivo atribuir ao referente “a Operação Castelo de Areia” a função de *introdução referencial com função encapsuladora*.

De modo semelhante, observa-se a ocorrência da expressão “a Operação Sexto Mandamento”, em (6), um fragmento de artigo de opinião escrito por Nelson Soares dos Santos, publicado em seu blog:

(6) No primeiro artigo que escrevi sobre **a Operação Sexto Mandamento** busquei sensibilizar, sobretudo, os formadores de opinião, para que utilizassem palavras de equilíbrio para tratar do assunto. Queria transmitir a ideia de que este tipo de operação é necessária, e precisava ser vista como natural, e não de forma espalhafatosa. (...) (Disponível em: <amigosdosabor.blogspot.com> Acesso em: 8 dez. 2011)

Antes de olharmos o funcionamento cognitivo-discursivo da expressão “a Operação Sexto Mandamento”, julgamos pertinente salientarmos que essa operação teve como propósito principal a desarticulação de uma organização criminosa com forte influência e de intimidação, sendo composta por policiais militares de Goiânia, das mais variadas patentes. Conforme investigações, essa organização tinha como atividade a prática de homicídios com a simulação de que os crimes foram praticados a partir de confrontos com as vítimas, dentre as quais estão crianças, adolescentes e mulheres, sem qualquer antecedente criminal. As investigações apontaram, ainda, o fato de que os criminosos agiam durante o horário de serviço e utilizavam os carros da corporação, de forma clandestina. Os acusados especializaram-se em ocultação de cadáveres. A Polícia Federal cumpriu 100% dos mandados de prisões, estando os presos enquadrados nos crimes de homicídio qualificado em atividades típicas de grupo de extermínio, formação de quadrilha, tortura qualificada, tráfico de influência, falso testemunho, prevaricação, fraude processual, ocultação de cadáver, posse ilegal de arma de fogo de calibre restrito, bem como ameaça a autoridades públicas, jornalistas e testemunhas.

Considerando os aspectos cognitivos que perpassam a construção da designação “Sexto Mandamento”, é possível dizer que essa é licenciada metonimicamente, uma vez que faz referência ao decálogo bíblico, cujo sexto mandamento é “Não matarás”. Temos, assim, a metonímia NOME DO MANDAMENTO PELO CRIME DE HOMICÍDIO INVESTIGADO PELA OPERAÇÃO. Numa análise mais acurada dessa expressão, já dita como licenciada por uma metonímia, podemos inferir também a metáfora PECADO É UMA DÍVIDA, corroborando o entendimento de que a Operação cumpre um papel relevante quando desmonta uma organização criminosa que precisa ser punida por atentar indiscriminadamente contra a vida humana. Agora, considerando o comportamento cognitivo-discursivo da expressão “a Operação Sexto Mandamento”, é observável que essa, assim como as anteriormente analisadas neste tópico, funciona como “introdução referencial”, em razão de não remeter a nenhuma âncora no contexto, inaugurando, assim, um novo objeto de discurso. Em contrapartida, essa mesma expressão referencial assume a função de “empacotar/encapsular” informações que podem ser ativadas via modelos metonímico e metafórico que licenciam o seu batismo como “Sexto Mandamento”, o que lhe confere o caráter de *introdução referencial com função encapsuladora*. Por oportuno, ratificamos o

posicionamento de que o tipo de ocorrência ora analisado não tem as suas particularidades devidamente explicitadas se abrigado sob o rótulo de *introdução referencial dêitica*, uma vez que a concepção dessa última categoria não alcança o nível de descrição aqui empreendido, o que de forma nenhuma invalida a sua aplicação em outros contextos discursivos que envolvam ocorrências de introdução referencial que possam apontar para conhecimentos compartilhados, conforme proposição de Cavalcante (2004).

A partir das análises aqui empreendidas vimos que, na atividade discursiva, expressões que designam operações policiais da PF podem assumir a função de introduzir um novo objeto de discurso ao tempo que abarcam informações que apenas são ativadas via processamento cognitivo, ou melhor, são ativadas a partir da inferência dos modelos cognitivos metonímicos e/ou metafóricos que instanciam a designação dada a uma operação da PF. Esse olhar nos permitiu, portanto, o desenho de uma nova subcategoria classificatória nos estudos em referenciação: *introdução referencial com função encapsuladora*.

Reiteramos que os comportamentos e, consequentes, classificações das expressões referenciais analisadas são modelados em consonância com os contextos discursivos em que se presentificam. Há, portanto, casos em que as funções referenciais se entrecruzam, isto é, se sobrepõem, haja vista, conforme proposição de Ciulla e Silva (2007), a possibilidade de as expressões referenciais se apresentarem de maneiras várias e fluidas.

Expostas essas questões acerca do funcionamento referencial de expressões designativas de operações da PF, podemos dizer que essas, sobremaneira, resguardam traços de “caixas de pandora”, não no sentido negativo dessa expressão, mas no sentido de que essas caixas são responsáveis por “esconder” aspectos que, quando desvelados, mostram o teor das operações que, na atividade discursiva, contribuem para a modelação de significações. Ou seja, as expressões referenciais designativas de operações policiais, aqui analisadas, quando vistas em contextos discursivos específicos, carregam/guardam, ou melhor, encapsulam informações processadas pelo leitor via estruturas cognitivas (MCI) e, ainda, introduzem novos referentes na cadeia textual-discursiva, o que lhes garante a categoria de *introduções referenciais com função encapsuladora*.

## Considerações finais

Ao promovermos uma análise do comportamento referencial de expressões designativas de operações da PF, com base na noção de encapsulamento discutida em Lima (2013) e Sousa (2012), vimos que, em contextos discursivos particulares, essas expressões, além de abarcarem/encapsularem informações que traduzem o teor da operação, podem assumir a função de introduzir novos referentes na cadeia textual-discursiva. Essa sobreposição de comportamento nos deu sustentação para a constituição de uma subcategoria das introduções referenciais puras ou não dêiticas, usando a nomenclatura de Cavalcante (2003; 2004): *introdução referencial com função encapsuladora*.

Esclarecemos, mais uma vez, que o reconhecimento do caráter encapsulador das expressões designativas de operações da PF aqui analisadas apenas é possível a partir de um trabalho com os processos cognitivos que residem na subjacência desse tipo de ocorrência linguística, o qual é viabilizado por meio da aplicação da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI), o que justifica a proposta de interface entre a Linguística de Texto e Linguística Cognitiva no desenvolvimento deste estudo. Isso porque, como vimos apontando, uma análise dessas mesmas ocorrências linguísticas feita em se considerando apenas a

perspectiva textual-discursiva não contemplaria as estruturas cognitivas que, *grosso modo*, escondem/abarcam/encapsulam muitas informações acerca de uma dada operação.

***Sanguessuga operation, castelo de areia operation and sexto mandamento operation: mere designations or real pandora's boxes?***

ABSTRACT: This paper aims at analyzing referential behavior of designative linguistic expressions of the Federal Police operations in copies of texts/discourses which belong to the comment, *twitter* posting and opinion article genres. To this end, we are based on theoretical reflections arising from an interface between Text Linguistics and Cognitive Linguistics. From the first one, we consider the notions of encapsulation (CONTE, 2003; LIMA, 2013; SOUSA, 2012) and referential introduction (CAVALCANTE, 2003, 2004, 2011) and, from the second one, the Idealized Cognitive Models (LAKOFF, 1987). The results of the analysis corroborate the validation of our hypothesis that such expressions can function as referential introductions with encapsulating function.

Keywords: encapsulation; referential introduction; designations of police operations.

### **Referências**

CAVALCANTE, M. M. *Expressões referenciais: uma proposta classificatória*. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.

\_\_\_\_\_. *Processos de referenciação – uma revisão classificatória*. IX ANPOLL, 2004.

\_\_\_\_\_. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CIULLA E SILVA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

FRANCIS, Gil. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante, Valéria Sampaio C. de Deus e Tathiane Paiva de Miranda. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.



FELTES, Heloísa P. de M. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LIMA, Silvana M. C. Operação Caixa de Pandora: o encapsulamento na referenciação de operações policiais. *Linguística e Literatura: percorrendo caminhos*. Teresina: EDUFPI, 2013.

SILVA, Franklin Oliveira. *Formas e funções das introduções referenciais*. 2013. 126f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SOUSA, Márcia Ananda S.S de. *As designações de operações policiais no processo de referenciação: uma abordagem linguístico-cognitiva*. 2012. 118f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

ZAVAM, A. São axiológicas as anáforas encapsuladoras? In: CAVALCANTE, M. M.; COSTA, M. H. A.; JAGUARIBE, V. F.; CUSTÓDIO-FILHO, V. (Orgs.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Data de envio: 26/05/2014  
Data de aceite: 27/02/2015  
Data de publicação: 23/04/2015

## COMITÊ EDITORIAL DE LINGUAGEM

Anna Christina Bentes  
Edwiges Maria Morato  
Maria Cecilia P. Souza e Silva  
Sandoval Nonato Gomes-Santos  
Sebastião Carlos Leite Gonçalves

## CONSELHO EDITORIAL DE LINGUAGEM

Adair Bonini (UFSC)  
Arnaldo Cortina (UNESP – Araraquara)  
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG)  
Heronides Melo Moura (UFSC)  
Ingedore Grunfeld Villaça Koch (UNICAMP)  
Luiz Carlos Travaglia (UFU)  
Maria da Conceição A. de Paiva (UFRJ)  
Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN)  
Maria Eduarda Giering (UNISINOS)  
Maria Helena Moura Neves (UPM/UNESP)  
Mariângela Rios de Oliveira (UFF)  
Marli Quadros Leite (USP)  
Mônica Magalhães Cavalcante (UFC)  
Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Humor : eis a questão / Ana Cristina Carmelino (org.). – São Paulo :  
Cortez, 2015.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-249-2362-3

I. Análise do discurso 2. Humorismo 3. Humor na literatura  
4. Piadas I. Carmelino, Ana Cristina.

15-05008

CDD-401.41

### Índice para catálogo sistemático:

1. Humor : Abordagem linguística 401.41

Ana Cristina Carmelino  
(Org.)

# HUMOR

## eis a questão

## 5

# Processo de recategorização metafórica: um gatilho para a construção do humor no gênero piada

*Silvana Maria Calixto de Lima*

## 1. Introdução

Neste capítulo, abordamos o fenômeno linguístico da recategorização metafórica como um gatilho para a construção da comicidade no gênero piada. Compreendida a recategorização numa dimensão cognitivo-discursiva, como defendemos em Lima (2009), trabalhamos ocorrências de recategorização licenciadas por metáforas. Esclarecemos que a metáfora é tratada por um viés sistematicamente cognitivo (Lakoff e Johnson, 1980), em que se extrapola a sua concepção tradicional como simples figura de linguagem usada como ornamento na linguagem poética. Em outros termos, como defendem os precursores

da abordagem da metáfora conceitual, “nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 3). Assim, a ocorrência de expressões linguísticas metafóricas somente é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano, já que a metáfora está presente, todos os dias, em nossos pensamentos e ações. Ou seja, ela faz parte da nossa linguagem do cotidiano e não apenas da linguagem poética.

Em Lima (2003), já defendemos a hipótese do processo de recategorização metafórica como um gatilho para o humor na piada, propondo também uma classificação para esse tipo de ocorrência. Entretanto, a descrição do fenômeno ainda não chega a receber um tratamento sistematicamente cognitivo-discursivo, da forma como aqui procedemos, seguindo a esteira de Lima (2009), em que refinamos a concepção do processo de recategorização.

Assim sendo, na primeira parte deste capítulo, tratamos dos pressupostos básicos do processo de recategorização, com o objetivo de configurar o quadro teórico que dá sustentação à hipótese da recategorização metafórica como um gatilho para a construção do humor. Na sequência, fazendo a ponte com o objeto teórico da recategorização metafórica, abordamos a caracterização do humor na piada, conforme o modelo de Raskin (1985), consolidando, então, a fundamentação teórica do trabalho. Por último, procedemos à análise propriamente dita das ocorrências de recategorização metafórica em exemplares do gênero textual piada, a fim de demonstrarmos a validação da hipótese assumida neste trabalho.

## 2. O processo de recategorização numa perspectiva cognitivo-discursiva

No âmbito da Linguística de Texto, o trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) é precursor no trato do fenômeno da recategorização lexical, tratamento este, porém, restrito a uma dimensão

textual-discursiva. Tal fato, de modo algum, significa que os autores estejam alheios aos aspectos cognitivos inerentes ao respectivo fenômeno, mas é notório o foco desses teóricos na recategorização como uma estratégia de designação materializada por expressões anafóricas correferenciais. É esse o caso, por exemplo, do referente *minha sogra*, recategorizado, na piada abaixo, como *um monte coberto* [em cima de uma mesa], como *a velha e merda*.

(1)

O caipira vai visitar um amigo, no sítio vizinho... Chegando lá, estranha um monte coberto, em cima de uma mesa, e pergunta:

— Que é isso, compadre?

— Minha sogra, sô! Tem uma semana que ela morreu!

— Virgem santa! E por que não enterrou a velha?

— Eu não... Quem enterra merda é gato! (Piadas selecionadas, 2003, p. 28.)

No exemplo (1), o enunciador retoma, por anáforas diretas recategorizadoras, o referente *minha sogra* e investe-o de um novo conteúdo informacional, tendo em vista o seu propósito de gerar a comichidade do texto. Tal referente sofre três recategorizações na progressão textual: *um monte coberto* [em cima de uma mesa], *a velha e merda*. Note-se que essas recategorizações estão imbricadas na construção do efeito cômico, mas é a última a que responde mais diretamente pela comichidade do texto. A primeira recategorização do referente sogra como *um monte coberto* [em cima de uma mesa] já sinaliza para a depreciação desse referente confirmada, na sequência, principalmente, pela sua recategorização como *merda*. Essas três ocorrências configuram tipos de recategorizações lexicais denominados pelos autores como recategorizações lexicais explícitas. Há também ocorrências do fenômeno reconhecidas por eles como casos de recategorizações lexicais implícitas, porém Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) restringem esses casos a ocorrências de pronominalização, como ilustra o exemplo seguinte apresentado por Cavalcante (2003).

(2)

*A equipe médica* continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo *eles*, o paciente não corre risco de vida. (Citado por Cavalcante, 2003, p. 114.)

Como explica a autora, no exemplo (2), há uma ocorrência de recategorização lexical implícita que transforma *a equipe médica* em *os médicos*. Observe-se que, na superfície textual, o que se explicita é a pronominalização de *os médicos* em *eles*, um processo subsequente à transformação de *a equipe médica* em *os médicos*. Nesse caso, o pronomine anafórico *eles*, que marca a recategorização, não possui um antecedente textual explícito, mas esse antecedente, implícito, pode ser evocado expressamente por meio de pistas verbais reconhecíveis.

Na proposta dos autores, nota-se, ainda, uma certa tendência para que as recategorizações lexicais explícitas sejam vistas como casos mais prototípicos do que eles definem como o fenômeno da recategorização lexical. É fato incontestado que, ao longo do tempo, a abordagem da recategorização, da forma procedida por seus precursores, foi ganhando contornos mais amplos, particularmente em termos de sua descrição textual-discursiva, servindo de lastro para outros trabalhos no âmbito da Linguística de Texto, a exemplo de Cavalcante (2003), Matos (2005) e Leite (2007), dentre outros. Tal fato evidencia a importância e produtividade desse estudo seminal.

Com base nessa concepção textual-discursiva da recategorização, em Lima (2003) investigamos recategorizações metafóricas na construção dos sentidos do texto humorístico, encontrando fortes evidências de que há muito mais a se dizer do processo de recategorização, se tratado o fenômeno de uma perspectiva cognitivo-discursiva. Isso nos permitiu vislumbrar o processo muito além da proposta pioneira de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995). A identificação de ocorrências de recategorização cujo processo não necessariamente é materializado na superfície textual ilustra essa proposição, como é demonstrado do exemplo (3).

(3)

Um amigo conta pro outro:

— Minha sogra caiu do céu!

— Ela é maneira assim mesmo?

— Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa. (Piadas selecionadas, 2003, p. 10.)

Nesse exemplo, identificamos a recategorização metafórica do referente *sogra* como *bruxa*, cuja expressão recategorizadora não é homologada na superfície do texto, mas pode ser inferida a partir de pistas textuais, a exemplo do referente vassoura, que pode evocar o modelo cognitivo/cultural de sogra como *persona non grata*, daí a razão do uso da metáfora conceitual SOGRA É UM ENTE MALÉFICO,<sup>1</sup> que comumente licencia expressões metafóricas usadas na caracterização do referente sogra nos textos de humor, a exemplo da expressão bruxa, que, nesse exemplo, não se materializa textualmente. Notadamente, ocorrências de recategorização desse tipo só podem ser descritas a partir da abertura do processamento cognitivo. Em outros termos, essas recategorizações têm um menor grau de explicitude em relação aos casos típicos de recategorizações lexicais explícitas, uma vez que, a depender da situação discursiva, o referente ou a própria expressão recategorizadora, como já visto no exemplo (3), podem não se materializar na superfície do texto. Em (4), temos um exemplo em que o referente recategorizado não é homologado textualmente, sendo inferido a partir de pistas textuais que evocam o modelo cognitivo de sua ancoragem.

(4)

**Mas nem todo marido é tão ingênuo como o seu Galhardo...**

A mulher do sujeito andava muito estranha: um dia, chega em casa com uma joia caríssima! Num outro dia, aparece com um perfume

---

1. Segundo convenção da Teoria da Metáfora Conceitual, as metáforas conceituais são notadas em versaletes.



francês, da melhor marca! E vestido novo, e anel de brilhante... o marido só de butuca! Um dia, ele a encosta na parede:

— Eu quero saber como é que a senhora faz pra conseguir tanta coisa cara! Eu exijo uma explicação!

— Calma, amor!... é que... bem, é que eu compro tudo no cartão de crédito!

Nesse mesmo dia, a mulher está tomando banho, a água do chuveiro acaba bem na hora em que ela está toda ensaboada. Ela chama o marido:

— Amor, traz um balde com água pra eu terminar meu banho?...

Daí a pouco ele volta com uma canequinha de água. A mulher chia:

— O que é isso, amor? Só esse tantinho de água não dá!

— Lava só o cartão de crédito!... (Sarrumor, 1999, p. 93.)

No exemplo (4), identificamos a recategorização do referente *genitália feminina* como *cartão de crédito*, lembrando que o respectivo referente não é homologado na superfície textual por meio de uma expressão referencial, fato que não impede a confirmação do processo de recategorização referido. Nesse texto, inicialmente, há a introdução do referente *cartão de crédito*, categorizando um documento utilizado para transações financeiras. Em seguida, há uma nova ocorrência dessa expressão, porém agora homologando a recategorização metafórica do referente *genitália feminina* como *cartão de crédito*. Tal referente não se explicita textualmente, mas, como dissemos, pode ser inferido a partir de pistas textuais que evocam essa construção, tais como a quantidade de água oferecida pelo marido para o banho da esposa e a intempestiva injunção *Lava só o cartão de crédito!* É fato também que toda a situação enunciativa já colabora para a evocação do modelo cognitivo de MULHER ADÚLTERA, por exemplo quando o marido é apresentado como ingênuo e sob a alcunha de Galhardo, numa clara alusão a galha ou chifre,<sup>2</sup> assim como a informação de que a mulher costumeiramente chegava em casa com presentes caros, justificando, pela desconfiança do marido, que os presentes eram comprados com o cartão de crédito. O interessante é que a recategorização

2. Na cultura popular, esses termos simbolizam a infidelidade amorosa sofrida por alguém.

da *genitália feminina* como *cartão de crédito* propicia o efeito cômico do texto exatamente pela quebra da expectativa inicial de que o marido estava alheio ao comportamento promíscuo da esposa, como detalhamos na seção da análise.

Assim sendo, situações como as descritas nos dois últimos exemplos serviram de motivação para que aprofundássemos, em Lima (2009), a investigação de processos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias. No referido trabalho, a partir de uma proposta de interface com a Linguística Cognitiva, particularmente com a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff, 1987 e colaboradores), propomos um redimensionamento da concepção de recategorização, caracterizando esse processo nos termos seguintes:

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais. (Lima, 2009, p. 57.)

A nosso ver, esse redimensionamento da concepção de recategorização traz duas importantes consequências para a compreensão do fenômeno, sendo a segunda derivada da primeira: i) a passagem da concepção de recategorização como um fenômeno de natureza meramente textual-discursiva para um fenômeno de natureza essencialmente cognitivo-discursiva; ii) o entendimento de que o processo de recategorização pode, ou não, revelar-se por, e concentrar-se em, expressões referenciais, pela admissão de que a sua construção não se restringe a uma relação entre um referente e uma expressão recategorizadora necessariamente materializados na superfície textual. Em outros termos, a segunda consequência significa que, por ter diferentes graus de explicitude, o processo de recategorização pode estar ancorado em elementos fora da materialidade do texto, ou seja,

elementos que fazem parte de modelos cognitivos evocados a partir das próprias expressões linguísticas. Não obstante, é importante enfatizar que a (re)construção desses elementos só é possível no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, como é o caso das recategorizações descritas nos exemplos (3) e (4). Ademais, um outro aspecto importante quanto ao redimensionamento da concepção de recategorização, proposto em Lima (2009), diz respeito ao entendimento do fenômeno como um processo que se configura não apenas na linearidade do texto, pois as recategorizações podem acontecer numa espécie de cadeia que exige um movimento circular, no processamento do texto, para a sua (re)construção.

Conforme dito na introdução, assumimos, neste capítulo, a concepção cognitivo-discursiva da recategorização ora apresentada. Ressaltamos que tal concepção amplia as possibilidades de identificação e descrição do mecanismo linguístico da recategorização, conjecturado como um gatilho para a construção da comicidade na piada, hipótese essa melhor desenvolvida na seção dedicada à análise. Antes, porém, tratamos da caracterização do humor na piada que norteia este trabalho, dando continuidade à apresentação dos fundamentos teóricos que lhe servem como alicerce.

### 3. O humor na perspectiva de Raskin (1985)

No contexto da aceção de humor como a qualidade do que é risível ou cômico, Raskin (1985, p. 2) afirma que “a capacidade de valorizar e apreciar o humor é universal e compartilhada por todas as pessoas, mesmo que as preferências de cada uma sobre os tipos de humor possam diferir largamente”. Para o autor, esse princípio da universalidade do humor é reforçado pelo fato de que, de forma surpreendente, muitas piadas ou situações são vistas por muitas ou todas as pessoas como engraçadas. O teórico explica que “independente de sua idade, sexo, *status* econômico ou social, cultura ou época, as pessoas são capazes de descobrir coisas engraçadas e delas

sorrir" (Raskin, 1985, p. 2). Entretanto, pondera que pessoas diferentes não necessariamente devem achar as mesmas coisas engraçadas.

Na literatura contemporânea, é fato que o humor é estudado sob o lastro de diferentes teorias. Vemos em Raskin (1985), na sua proposta de uma teoria do humor verbal baseada na oposição de *script*, como detalhamos adiante, uma certa compatibilidade com as teorias do humor baseadas na incongruência, apresentadas por Krikmann (2006) como teorias de natureza essencialmente cognitiva, que envolvem necessariamente dois planos de conteúdo ou linhas de pensamento (i.e., os chamados quadros de referência, esquemas, *script* etc.). Esses dois planos de conteúdo são mutuamente incompatíveis, porém guardam entre si alguma relação que torna possível a transição de um para o outro plano.

É no bojo do modelo raskiniano que também se encontra a premissa de um gatilho responsável pela deflagração da comicidade na piada, para onde converge mais diretamente o nosso interesse neste capítulo. Dessa forma, Raskin (1985, p. 99) propõe, a princípio, duas condições necessárias para que um texto seja caracterizado como uma piada: i) a compatibilidade (parcial ou total) do texto com dois diferentes *scripts*; ii) uma relação de oposição entre os dois *scripts* com os quais o texto é compatível; os dois *scripts* compatíveis com o texto se sobrepõem completamente ou em parte. Some-se a esse conjunto dois outros traços da piada postulados por Raskin (1985, p. 100, 114): iii) uma comunicação de modo de não boa-fé; iv) a presença de um gatilho que deflagra a passagem de um para outro *script*. O clássico exemplo do autor, na sequência, ilustra essa sua hipótese.

(5)

— O doutor está em casa? — pergunta o paciente com voz rouca.

— Não — sussurra em resposta a jovem e bela esposa do médico. —  
Entre depressa. (Raskin, 1985, p. 100.)

Na descrição do exemplo (5), o autor afirma que há dois *scripts*, parcialmente sobrepostos, compatíveis com a piada: o de MÉDICO e

o de AMANTE. O primeiro é evocado, logo no início do texto, pelas expressões *médico*, *paciente* e *voz rouca*. Esse *script* é confirmado pela pergunta usual na situação (*O doutor está em casa?*), proferida no contexto de uma época remota em que os médicos atendiam aos pacientes em casa quando eles precisavam. O segundo *script* é configurado a partir da segunda sentença (*— Não — sussurra em resposta a jovem e bela esposa do médico*), que perde sua compatibilidade com o primeiro *script* quando é feito o convite para o paciente entrar na ausência do médico, além da resposta em forma de sussurro da jovem e bela esposa. Raskin defende que “os dois *scripts* sobrepostos, de uma certa maneira, são percebidos como opostos, e é essa oposição que cria a piada” (Raskin, 1985, p. 100). Em outros termos, no primeiro *script*, explica o autor que o paciente certamente deseja ver o médico, sendo incongruente o convite da jovem esposa para ele (o paciente) entrar na casa quando o marido estava ausente. Ao invés do convite, o esperado seria que a resposta da jovem fosse algo do tipo *Ele voltará logo* ou *Você pode esperar se quiser*. O convite descrito na piada, porém, passa a ser altamente congruente se tomarmos o segundo *script*, o de AMANTE. Como bem adverte o autor, uma sobreposição de *scripts* “não é uma condição suficiente para um texto ser cômico — de fato, qualquer texto ambíguo é compatível com dois ou mais *scripts*, mas certamente nem todo texto ambíguo é cômico” (idem, p. 99).

Na construção da comicidade da piada do exemplo (5), é importante dizer ainda da importância do gatilho que permite a passagem de um *script* a outro, materializado na fala final da esposa do médico, sem deixar de considerar a construção de outras inferências no texto que também corroboram para a consolidação desse gatilho. Além disso, a construção cômica do texto acontece no modo de comunicação de não boa-fé, que implica a intencionalidade do humor.

A despeito do gatilho proposto por Raskin (1985) na caracterização da piada, lembramos, por oportuno, a assertiva de Possenti (1998) de que há vários mecanismos linguísticos nos níveis fonológico, morfológico, sintático e lexical, dentre outros, que podem ser acionados para a construção do efeito cômico na piada. Para esse autor, a

linguística, no campo do humor, deveria ocupar-se da tarefa de “descrição dos gatilhos e das razões que fazem um texto ser compatível com mais de um *script*” (Possenti, 1998, p. 23).

Considerando a noção de gatilho como uma das grandes contribuições de Raskin (1985) ao universo semântico, Magalhães (2010, p. 29) explica que o papel do gatilho é “estabelecer a relação entre os dois [*scripts*] impondo uma interpretação diferente da do primeiro [*script*] e que provoque o riso espontâneo”. Reiteramos que, neste capítulo, estamos advogando pelo processo de recategorização metafórica como um gatilho para a construção do efeito cômico na piada. Passemos, então, a uma melhor explicitação dessa conjectura, iniciando pela retomada dos exemplos (1), (3) e (4).

#### 4. A construção do efeito cômico engatilhado por processos de recategorização metafórica

No exemplo (1), como visto, identificamos três ocorrências do processo de recategorização metafórica na construção do referente *sogra*, homologadas pelas expressões referenciais *um monte coberto* [em cima de uma mesa], *a velha* e *merda*. Chamamos a atenção para o fato de que, embora as três recategorizações mantenham uma estreita relação na deflagração do efeito cômico da piada, é a recategorização de *sogra* como *merda* que concentra mais precisamente a função de gatilho para o humor. Vimos que, na perspectiva de Raskin (1985), o humor é gerado a partir de uma relação de oposição entre dois *scripts* sobrepostos e compatíveis com o texto, sendo necessário um gatilho que permita a passagem de um *script* a outro. Com base nessa caracterização, é possível identificar, no exemplo (1), dois *scripts*: o de ENTERRO DOS MORTOS e o de ENTERRO DE EXCREMENTOS, relacionados, respectivamente, aos domínios dos seres racional e irracional. Observe-se que, na narrativa da piada, a passagem para o segundo *script* ocorre exatamente no fecho da piada, quando o amigo, em resposta à arguição do caipira sobre as razões que o levaram a não

enterrar a sogra depois de passados dias de sua morte, defende-se com a súbita exclamação *Quem enterra merda é gato!* Em outros termos, é esse o momento em que se processa a recategorização metafórica do referente *sogra* como *merda*, a qual funciona como um gatilho para a comicidade do texto. É fato que, no universo humorístico, a sogra é um personagem frequentemente tematizado de forma depreciativa, não sendo raro o uso de expressões metafóricas altamente pejorativas na caracterização desse referente, caso da recategorização metafórica de *sogra* como *bruxa*, que engatilha a comicidade no exemplo (3), conforme descrevemos adiante.

A incongruência dessa primeira piada, portanto, está no fato de que o esperado era que a sogra, como é próprio da nossa cultura, tivesse sido enterrada, daí a estranheza do amigo quando soube que aquele *monte coberto* [em cima da mesa] era uma pessoa. Some-se a isso a informação de que o corpo da sogra estava nessa situação há dias. Assim, a súbita passagem para um *script* relacionado ao universo de animais irracionais (o *enterro de excrementos*), engatilhada pela recategorização da *sogra* como *merda*, quebra toda essa expectativa inicial gerada nessa narrativa cômica, fugindo totalmente do modelo de referência que se tem de enterro dos mortos em nossa cultura. O riso decorre precisamente da passagem para o segundo *script* em que a sogra jocosamente é metaforizada como um excremento do animal gato, além da recusa do genro em enterrá-la por não admitir tomar parte nesse segundo *script* (ele não é um animal irracional). Como bem pontua Magalhães (2010, p. 29), o gatilho na piada pode ser compreendido “como o elemento capaz de introduzir o segundo discurso à sombra do primeiro”.

Já foi dito que a recategorização metafórica de *sogra* como *bruxa*, descrita no exemplo (3), cujo grau de explicitude é menor, só pode ser reconstruída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo. Interessa-nos destacar, nesse momento, o papel dessa recategorização como gatilho para o humor. Como é característico do texto anedótico, no referido exemplo, novamente temos uma relação/oposição entre dois *scripts* compatíveis no texto: o de SOGRA COMO UMA PESSOA BOA e o de SOGRA COMO UMA PESSOA MÁ. O primeiro

é evocado pela expressão *Minha sogra caiu do céu*, a qual presume a construção do referente sogra de forma positiva, fato também corroborado pela interrogação *Ela é maneira assim mesmo?* Porém, a resposta a essa indagação já evoca o segundo *script*, quando o primeiro enunciador responde categoricamente que a vassoura [da sogra] quebrou quando ela voava sobre a casa dele. É a passagem para esse segundo *script*, desencadeada pela recategorização metafórica de *sogra* como *bruxa*, que provoca o efeito cômico do texto. Essa recategorização confere uma significação literal à expressão *Minha sogra caiu do céu*, rompendo com a expectativa do sentido figurado que lhe é atribuída no primeiro *script*, em que a sogra é inferida como uma pessoa agradável. Desse modo, *a sogra caiu do céu* porque é uma bruxa que tem a vassoura quebrada e não porque é uma pessoa agradável e desejada pelo genro. Fica clara aí a oposição entre *real* e *irreal*, estabelecida na relação entre os *scripts*.

No exemplo (4), os dois *scripts* relacionados são o de COMÉRCIO e o de ADULTÉRIO. A comicidade é gerada exatamente pela quebra do *script* inicial de que o cartão de crédito estaria sendo usado pela mulher para adquirir os presentes de valor que trazia para casa. Tal ruptura acontece, ou é engatilhada, pela recategorização metafórica do referente *cartão de crédito* como *genitália feminina*, pela qual também se infere que o marido, aparentemente enganado pela esposa, não dava crédito ao discurso configurado no primeiro *script*. O cômico da situação é a genitália feminina metaforizada como cartão de crédito, que traz, em sua subjacência, a comprovação do comportamento promíscuo da esposa. É claro que os dois *scripts* descritos são compatíveis no texto porque ambos estabelecem uma relação de compra/venda, porém em duas instâncias diferentes: a de objetos do mundo material e a de corpo como objeto sexual, respectivamente.

Reiteramos que, nesses primeiros três exemplos analisados, não podemos perder de vista o papel da recategorização metafórica como gatilho para a passagem de um *script* a outro nas piadas analisadas. Certamente que não estamos desconsiderando outras pistas linguísticas que podem colaborar para a construção dessa passagem. Entretanto, cremos que seja o processo de recategorização metafórica o



gatilho mais forte para a construção do efeito cômico dos textos analisados. É preciso ter claro que, obviamente, se o leitor não recuperar a construção das recategorizações metafóricas presentes nos textos, a criação do efeito de comicidade fica seriamente comprometida.

Passemos, então, à apresentação de mais dois exemplos, que fecham essa seção de análise. O primeiro deles novamente tematiza a mulher como objeto sexual.

(6)

Conversa de bar. Um cara pergunta pra outro:

— Quem é melhor pra ter como esposa: uma mulher feia mas fiel, ou uma [mulher] bonita mas puta?

— Melhor comer bolo em grupo do que merda sozinho. (Seleção de piadas, 2002, p. 16.)

De início, destacamos, no exemplo (6), duas ocorrências textualmente explícitas do processo de recategorização metafórica: a do referente *mulher feia* [mas fiel] como *merda* e a do referente *mulher bonita* [mas puta] como *bolo*. Essas duas recategorizações podem ser ditas como licenciadas, respectivamente, pelas metáforas conceituais O CORPO DA MULHER É COMIDA e O CORPO DA MULHER É UM EXCREMENTO, ancoradas num modelo cognitivo/cultural de sexualidade que cultua um determinado padrão de beleza feminina, sem deixar de mencionar também o aspecto da cultura machista que toma a mulher como um objeto meramente sexual. Tais recategorizações metafóricas, portanto, são essenciais para engatilhar a incongruência estabelecida entre os dois *scripts* relacionados na narrativa, responsável pela sua comicidade.

Seguindo essa linha de raciocínio, é perceptível, nessas duas (re)categorizações, a incongruência que se estabelece entre o modelo cognitivo de fidelidade matrimonial e a posição de um dos interlocutores do texto, que rompe com esse modelo, admitindo a promiscuidade feminina, em nome de um outro modelo que, para ele, se mostra mais significativo. Ou seja, o modelo vigente, na sexualidade,

de que aquilo que é atraente, do ponto de vista dos atributos físicos, é mais prazeroso.<sup>3</sup> Reiteramos que esse modelo cognitivo/cultural está na subjacência da (re)categorização metafórica de *mulher bonita* como *bolo*, bem como o contrário, de *mulher feia* como *merda*, essa última que se configura como uma inadequação a esse modelo de sexualidade vigente na sociedade machista. Note-se também que a mulher bonita é, do ponto de vista dos atributos que estimulam o desejo sexual, mais apetitosa, já que possui esses atributos, legitimados pelo modelo de sociedade que prega um extremado culto ao corpo, daí a sua recategorização metafórica, na piada, como *bolo*. Por outro lado, a mulher feia, por destoar desse modelo, é considerada como um refugio, mesmo que seja fiel, justificando-se a sua recategorização como *merda*, ou seja, um corpo que não serve para ser metaforicamente “devorado” pelo homem. Compreende-se, desse modo, que o importante é ter o melhor, isto é, a mulher bonita, ainda que de forma compartilhada, admitindo-se, nesse contexto específico, a infidelidade feminina. A comicidade da piada configura-se, então, pela passagem do *script* FIDELIDADE MATRIMONIAL para o *script* ADULTÉRIO. Lembramos que essa passagem tem como gatilho as duas recategorizações metafóricas destacadas na piada.

O segundo e último exemplo tematiza a questão da virilidade masculina, fortemente relacionada ao modelo de sexualidade machista do brasileiro descrito no exemplo anterior.

(7)

Conversam um alemão, um americano e um brasileiro sobre esportes olímpicos. Diz o alemão.

— Com uma vara de três metros, eu pulo três metros e oitenta!

O americano não quer ficar atrás:

— Pois eu, com uma vara do mesmo tamanho, cubro três metros e noventa!

---

3. Aqui não podemos deixar de estabelecer relação com a metáfora conceitual O ATRAENTE É GOSTOSO, identificada por Grady (1997) como uma metáfora primária de natureza correlacional.

O brasileiro não deixa por menos:

— Pois fiquem sabendo que, com uma vara de dezoito centímetros, eu como uma morenona de um metro e oitenta! (Sarrumor, 1998, p. 167.)

No exemplo (7), identificamos três repetições da expressão referencial *uma vara*, contudo somente a última delas assume a função de uma recategorização metafórica. Nessa recategorização, o referente recategorizado (*genitália masculina*) não se explicita textualmente, sendo inferido a partir das pistas textuais que evocam o modelo cognitivo de RELACIONAMENTO SEXUAL, estando, portanto, a construção desse referente ancorada nesse modelo. Como nos demais exemplos analisados, novamente o processo de recategorização responde pelo gatilho da comicidade do texto.

Nesse contexto, o jogo que se estabelece entre a mudança de tamanho e a finalidade da *vara* do brasileiro é uma pista importante para o processamento da recategorização metafórica de *genitália masculina* como *vara*. Essa recategorização traz em sua subjacência a metáfora conceitual GENITÁLIA MASCULINA É UM OBJETO RIJO, bem condizente com o modelo cultural machista da sociedade brasileira que normalmente povoa o universo humorístico, embora haja algumas exceções. Há que se enfatizar que essa recategorização desencadeia a passagem do *script* ESPORTE OLÍMPICO, evocado no início da narrativa, para o *script* RELACIONAMENTO SEXUAL, evocado no fecho da narrativa. O cômico é que, na passagem de um *script* a outro, o brasileiro acaba saindo na vantagem, ao realizar um feito muito mais prodigioso, para a cultura machista, com uma *vara* de menor tamanho do que os desportistas alemão e americano. A tematização da etnia também pode ser vista nessa piada, pela possibilidade de construção da inferência de que os americanos e alemães possuem um baixo desempenho sexual, o que não deixa de ser uma inferência bastante depreciativa. Decerto, a relação de oposição entre os dois *scripts* descritos é também um elemento fundamental na construção do efeito cômico da piada. Mais uma vez a passagem de um *script* a outro é engatilhada por uma ocorrência do processo de recategorização metafórica.

Em todos os exemplos ora analisados não podemos deixar de ressaltar o papel dos estereótipos em torno dos quais se constroem as piadas, isto é, a sogra má, a mulher objeto sexual e o brasileiro viril. As piadas e anedotas, como afirma Possenti (2010), constituem um meio muito produtivo de abordagem da identidade estereotipada. Isso porque “esses tipos de texto sempre retomam discursos profundamente arraigados e cujos temas são sempre cruciais para a sociedade” (Possenti, 2010, p. 40). O riso deflagrado a partir do processamento das recategorizações metafóricas construídas em torno desses estereótipos não pode ser dissociado também desse contexto.

## 5. Considerações finais

Neste capítulo, defendemos a hipótese da recategorização metafórica como um gatilho para o humor na piada, a partir de uma abordagem cognitivo-discursiva desse fenômeno linguístico e dos elementos característicos do texto de humor na perspectiva de Raskin (1985). Vimos que esse mecanismo linguístico pode perfeitamente figurar como elemento deflagrador do riso na piada, pelo fato de engatilhar a passagem de um *script* a outro que caracteristicamente estão relacionados na construção da piada.

Na análise, priorizamos os ingredientes semânticos postulados por Raskin (1985) na caracterização da piada, sem perder de vista a relação desses ingredientes com os aspectos discursivos e pragmáticos que estão imbricados na constituição desse gênero humorístico. Outro aspecto a ser ressaltado é que a compreensão das relações estabelecidas entre *scripts* sobrepostos na construção da piada depende da disposição do leitor/ouvinte para comparar os elementos da situação e interpretar o significado das incongruências, fazendo emergir uma única interpretação para o texto. Certamente que, nesse processo de construção de sentidos, o leitor também deve perceber simultaneamente o propósito discursivo do texto de provocar o riso.

Esperamos que a reflexão aqui empreendida, que não teve a pretensão de ser exaustiva, possa trazer contribuições à Linguística na sua tarefa de descrever os mecanismos linguísticos que podem funcionar como gatilho na construção do efeito cômico em textos humorísticos.

## Referências

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUÉLIN, Marie-Jose. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUÉLIN, Marie-Jose (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado) — University of California, Berkeley, 1997.

KRIKMANN, Arvo. Contemporary linguistic theories of humour. *Folklore*, v. 33, 2006. Disponível em: <<http://www.folklore.ee/folklore/vol33/kriku.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEITE, Ricardo Lopes. *Metaforização textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto*. 212f. Tese (Doutorado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LIMA, Silvana Maria Calixto. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

LIMA, Silvana Maria Calixto. *Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MAGALHÃES, Maria Helena G. *Aprendendo com humor*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MATOS, J. G. *As funções discursivas das recategorizações*. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PIADAS SELECIONADAS. São Paulo: Escala, ano 3, n. 17, 2003.

POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1985.

SARRUMOR, L. *Mil piadas do Brasil*. Nova Alexandria: São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Mais mil piadas do Brasil*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

SELEÇÃO DE PIADAS. São Paulo: Escala, n. 17, 2002.

## 5

# Processo de recategorização metafórica: um gatilho para a construção do humor no gênero piada

*Silvana Maria Calixto de Lima*

## 1. Introdução

Neste capítulo, abordamos o fenômeno linguístico da recategorização metafórica como um gatilho para a construção da comicidade no gênero piada. Compreendida a recategorização numa dimensão cognitivo-discursiva, como defendemos em Lima (2009), trabalhamos ocorrências de recategorização licenciadas por metáforas. Esclarecemos que a metáfora é tratada por um viés sistematicamente cognitivo (Lakoff e Johnson, 1980), em que se extrapola a sua concepção tradicional como simples figura de linguagem usada como ornamento na linguagem poética. Em outros termos, como defendem os precursores

da abordagem da metáfora conceitual, “nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 3). Assim, a ocorrência de expressões linguísticas metafóricas somente é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano, já que a metáfora está presente, todos os dias, em nossos pensamentos e ações. Ou seja, ela faz parte da nossa linguagem do cotidiano e não apenas da linguagem poética.

Em Lima (2003), já defendemos a hipótese do processo de recategorização metafórica como um gatilho para o humor na piada, propondo também uma classificação para esse tipo de ocorrência. Entretanto, a descrição do fenômeno ainda não chega a receber um tratamento sistematicamente cognitivo-discursivo, da forma como aqui procedemos, seguindo a esteira de Lima (2009), em que refinamos a concepção do processo de recategorização.

Assim sendo, na primeira parte deste capítulo, tratamos dos pressupostos básicos do processo de recategorização, com o objetivo de configurar o quadro teórico que dá sustentação à hipótese da recategorização metafórica como um gatilho para a construção do humor. Na sequência, fazendo a ponte com o objeto teórico da recategorização metafórica, abordamos a caracterização do humor na piada, conforme o modelo de Raskin (1985), consolidando, então, a fundamentação teórica do trabalho. Por último, procedemos à análise propriamente dita das ocorrências de recategorização metafórica em exemplares do gênero textual piada, a fim de demonstrarmos a validação da hipótese assumida neste trabalho.

## 2. O processo de recategorização numa perspectiva cognitivo-discursiva

No âmbito da Linguística de Texto, o trabalho de Apothélos e Reichler-Béguelin (1995) é precursor no trato do fenômeno da recategorização lexical, tratamento este, porém, restrito a uma dimensão



textual-discursiva. Tal fato, de modo algum, significa que os autores estejam alheios aos aspectos cognitivos inerentes ao respectivo fenômeno, mas é notório o foco desses teóricos na recategorização como uma estratégia de designação materializada por expressões anafóricas correferenciais. É esse o caso, por exemplo, do referente *minha sogra*, recategorizado, na piada abaixo, como *um monte coberto* [em cima de uma mesa], como *a velha e merda*.

(1)

O caipira vai visitar um amigo, no sítio vizinho... Chegando lá, estranha um monte coberto, em cima de uma mesa, e pergunta:

— Que é isso, compadre?

— Minha sogra, sô! Tem uma semana que ela morreu!

— Virgem santa! E por que não enterrou a velha?

— Eu não... Quem enterra merda é gato! (Piadas selecionadas, 2003, p. 28.)

No exemplo (1), o enunciador retoma, por anáforas diretas recategorizadoras, o referente *minha sogra* e investe-o de um novo conteúdo informacional, tendo em vista o seu propósito de gerar a comichidade do texto. Tal referente sofre três recategorizações na progressão textual: *um monte coberto* [em cima de uma mesa], *a velha e merda*. Note-se que essas recategorizações estão imbricadas na construção do efeito cômico, mas é a última a que responde mais diretamente pela comichidade do texto. A primeira recategorização do referente sogra como *um monte coberto* [em cima de uma mesa] já sinaliza para a depreciação desse referente confirmada, na sequência, principalmente, pela sua recategorização como *merda*. Essas três ocorrências configuram tipos de recategorizações lexicais denominados pelos autores como recategorizações lexicais explícitas. Há também ocorrências do fenômeno reconhecidas por eles como casos de recategorizações lexicais implícitas, porém Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) restringem esses casos a ocorrências de pronominalização, como ilustra o exemplo seguinte apresentado por Cavalcante (2003).

(2)

*A equipe médica* continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo *eles*, o paciente não corre risco de vida. (Citado por Cavalcante, 2003, p. 114.)

Como explica a autora, no exemplo (2), há uma ocorrência de recategorização lexical implícita que transforma *a equipe médica* em *os médicos*. Observe-se que, na superfície textual, o que se explicita é a pronominalização de *os médicos* em *eles*, um processo subsequente à transformação de *a equipe médica* em *os médicos*. Nesse caso, o pronome anafórico *eles*, que marca a recategorização, não possui um antecedente textual explícito, mas esse antecedente, implícito, pode ser evocado expressamente por meio de pistas verbais reconhecíveis.

Na proposta dos autores, nota-se, ainda, uma certa tendência para que as recategorizações lexicais explícitas sejam vistas como casos mais prototípicos do que eles definem como o fenômeno da recategorização lexical. É fato incontestado que, ao longo do tempo, a abordagem da recategorização, da forma procedida por seus precursores, foi ganhando contornos mais amplos, particularmente em termos de sua descrição textual-discursiva, servindo de lastro para outros trabalhos no âmbito da Linguística de Texto, a exemplo de Cavalcante (2003), Matos (2005) e Leite (2007), dentre outros. Tal fato evidencia a importância e produtividade desse estudo seminal.

Com base nessa concepção textual-discursiva da recategorização, em Lima (2003) investigamos recategorizações metafóricas na construção dos sentidos do texto humorístico, encontrando fortes evidências de que há muito mais a se dizer do processo de recategorização, se tratado o fenômeno de uma perspectiva cognitivo-discursiva. Isso nos permitiu vislumbrar o processo muito além da proposta pioneira de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995). A identificação de ocorrências de recategorização cujo processo não necessariamente é materializado na superfície textual ilustra essa proposição, como é demonstrado do exemplo (3).

(3)

Um amigo conta pro outro:

— Minha sogra caiu do céu!

— Ela é maneira assim mesmo?

— Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa. (Piadas selecionadas, 2003, p. 10.)

Nesse exemplo, identificamos a recategorização metafórica do referente *sogra* como *bruxa*, cuja expressão recategorizadora não é homologada na superfície do texto, mas pode ser inferida a partir de pistas textuais, a exemplo do referente vassoura, que pode evocar o modelo cognitivo/cultural de sogra como *persona non grata*, daí a razão do uso da metáfora conceitual SOGRA É UM ENTE MALÉFICO,<sup>1</sup> que comumente licencia expressões metafóricas usadas na caracterização do referente sogra nos textos de humor, a exemplo da expressão bruxa, que, nesse exemplo, não se materializa textualmente. Notadamente, ocorrências de recategorização desse tipo só podem ser descritas a partir da abertura do processamento cognitivo. Em outros termos, essas recategorizações têm um menor grau de explicitude em relação aos casos típicos de recategorizações lexicais explícitas, uma vez que, a depender da situação discursiva, o referente ou a própria expressão recategorizadora, como já visto no exemplo (3), podem não se materializar na superfície do texto. Em (4), temos um exemplo em que o referente recategorizado não é homologado textualmente, sendo inferido a partir de pistas textuais que evocam o modelo cognitivo de sua ancoragem.

(4)

**Mas nem todo marido é tão ingênuo como o seu Galhardo...**

A mulher do sujeito andava muito estranha: um dia, chega em casa com uma joia caríssima! Num outro dia, aparece com um perfume

---

1. Segundo convenção da Teoria da Metáfora Conceitual, as metáforas conceituais são notadas em versaletes.

francês, da melhor marca! E vestido novo, e anel de brilhante... o marido só de butuca! Um dia, ele a encosta na parede:

— Eu quero saber como é que a senhora faz pra conseguir tanta coisa cara! Eu exijo uma explicação!

— Calma, amor!... é que... bem, é que eu compro tudo no cartão de crédito!

Nesse mesmo dia, a mulher está tomando banho, a água do chuveiro acaba bem na hora em que ela está toda ensaboada. Ela chama o marido:

— Amor, traz um balde com água pra eu terminar meu banho?...

Daí a pouco ele volta com uma canequinha de água. A mulher chia:

— O que é isso, amor? Só esse tantinho de água não dá!

— Lava só o cartão de crédito!... (Sarrumor, 1999, p. 93.)

No exemplo (4), identificamos a recategorização do referente *genitália feminina* como *cartão de crédito*, lembrando que o respectivo referente não é homologado na superfície textual por meio de uma expressão referencial, fato que não impede a confirmação do processo de recategorização referido. Nesse texto, inicialmente, há a introdução do referente *cartão de crédito*, categorizando um documento utilizado para transações financeiras. Em seguida, há uma nova ocorrência dessa expressão, porém agora homologando a recategorização metafórica do referente *genitália feminina* como *cartão de crédito*. Tal referente não se explicita textualmente, mas, como dissemos, pode ser inferido a partir de pistas textuais que evocam essa construção, tais como a quantidade de água oferecida pelo marido para o banho da esposa e a intempestiva injunção *Lava só o cartão de crédito!* É fato também que toda a situação enunciativa já colabora para a evocação do modelo cognitivo de MULHER ADÚLTERA, por exemplo quando o marido é apresentado como ingênuo e sob a alcunha de Galhardo, numa clara alusão a galha ou chifre,<sup>2</sup> assim como a informação de que a mulher costumeiramente chegava em casa com presentes caros, justificando, pela desconfiança do marido, que os presentes eram comprados com o cartão de crédito. O interessante é que a recategorização

2. Na cultura popular, esses termos simbolizam a infidelidade amorosa sofrida por alguém.

da *genitália feminina* como *cartão de crédito* propicia o efeito cômico do texto exatamente pela quebra da expectativa inicial de que o marido estava alheio ao comportamento promíscuo da esposa, como detalhamos na seção da análise.

Assim sendo, situações como as descritas nos dois últimos exemplos serviram de motivação para que aprofundássemos, em Lima (2009), a investigação de processos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias. No referido trabalho, a partir de uma proposta de interface com a Linguística Cognitiva, particularmente com a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff, 1987 e colaboradores), propomos um redimensionamento da concepção de recategorização, caracterizando esse processo nos termos seguintes:

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais. (Lima, 2009, p. 57.)

A nosso ver, esse redimensionamento da concepção de recategorização traz duas importantes consequências para a compreensão do fenômeno, sendo a segunda derivada da primeira: i) a passagem da concepção de recategorização como um fenômeno de natureza meramente textual-discursiva para um fenômeno de natureza essencialmente cognitivo-discursiva; ii) o entendimento de que o processo de recategorização pode, ou não, revelar-se por, e concentrar-se em, expressões referenciais, pela admissão de que a sua construção não se restringe a uma relação entre um referente e uma expressão recategorizadora necessariamente materializados na superfície textual. Em outros termos, a segunda consequência significa que, por ter diferentes graus de explicitude, o processo de recategorização pode estar ancorado em elementos fora da materialidade do texto, ou seja,

elementos que fazem parte de modelos cognitivos evocados a partir das próprias expressões linguísticas. Não obstante, é importante enfatizar que a (re)construção desses elementos só é possível no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, como é o caso das recategorizações descritas nos exemplos (3) e (4). Ademais, um outro aspecto importante quanto ao redimensionamento da concepção de recategorização, proposto em Lima (2009), diz respeito ao entendimento do fenômeno como um processo que se configura não apenas na linearidade do texto, pois as recategorizações podem acontecer numa espécie de cadeia que exige um movimento circular, no processamento do texto, para a sua (re)construção.

Conforme dito na introdução, assumimos, neste capítulo, a concepção cognitivo-discursiva da recategorização ora apresentada. Ressaltamos que tal concepção amplia as possibilidades de identificação e descrição do mecanismo linguístico da recategorização, conjecturado como um gatilho para a construção da comicidade na piada, hipótese essa melhor desenvolvida na seção dedicada à análise. Antes, porém, tratamos da caracterização do humor na piada que norteia este trabalho, dando continuidade à apresentação dos fundamentos teóricos que lhe servem como alicerce.

### 3. O humor na perspectiva de Raskin (1985)

No contexto da aceção de humor como a qualidade do que é risível ou cômico, Raskin (1985, p. 2) afirma que “a capacidade de valorizar e apreciar o humor é universal e compartilhada por todas as pessoas, mesmo que as preferências de cada uma sobre os tipos de humor possam diferir largamente”. Para o autor, esse princípio da universalidade do humor é reforçado pelo fato de que, de forma surpreendente, muitas piadas ou situações são vistas por muitas ou todas as pessoas como engraçadas. O teórico explica que “independente de sua idade, sexo, *status* econômico ou social, cultura ou época, as pessoas são capazes de descobrir coisas engraçadas e delas

sorrir" (Raskin, 1985, p. 2). Entretanto, pondera que pessoas diferentes não necessariamente devem achar as mesmas coisas engraçadas.

Na literatura contemporânea, é fato que o humor é estudado sob o lastro de diferentes teorias. Vemos em Raskin (1985), na sua proposta de uma teoria do humor verbal baseada na oposição de *script*, como detalhamos adiante, uma certa compatibilidade com as teorias do humor baseadas na incongruência, apresentadas por Krikmann (2006) como teorias de natureza essencialmente cognitiva, que envolvem necessariamente dois planos de conteúdo ou linhas de pensamento (i.e., os chamados quadros de referência, esquemas, *script* etc.). Esses dois planos de conteúdo são mutuamente incompatíveis, porém guardam entre si alguma relação que torna possível a transição de um para o outro plano.

É no bojo do modelo raskiniano que também se encontra a premissa de um gatilho responsável pela deflagração da comicidade na piada, para onde converge mais diretamente o nosso interesse neste capítulo. Dessa forma, Raskin (1985, p. 99) propõe, a princípio, duas condições necessárias para que um texto seja caracterizado como uma piada: i) a compatibilidade (parcial ou total) do texto com dois diferentes *scripts*; ii) uma relação de oposição entre os dois *scripts* com os quais o texto é compatível; os dois *scripts* compatíveis com o texto se sobrepõem completamente ou em parte. Some-se a esse conjunto dois outros traços da piada postulados por Raskin (1985, p. 100, 114): iii) uma comunicação de modo de não boa-fé; iv) a presença de um gatilho que deflagra a passagem de um para outro *script*. O clássico exemplo do autor, na sequência, ilustra essa sua hipótese.

(5)

— O doutor está em casa? — pergunta o paciente com voz rouca.

— Não — sussurra em resposta a jovem e bela esposa do médico. —  
Entre depressa. (Raskin, 1985, p. 100.)

Na descrição do exemplo (5), o autor afirma que há dois *scripts*, parcialmente sobrepostos, compatíveis com a piada: o de MÉDICO e

o de AMANTE. O primeiro é evocado, logo no início do texto, pelas expressões *médico*, *paciente* e *voz rouca*. Esse *script* é confirmado pela pergunta usual na situação (*O doutor está em casa?*), proferida no contexto de uma época remota em que os médicos atendiam aos pacientes em casa quando eles precisavam. O segundo *script* é configurado a partir da segunda sentença (*— Não — sussurra em resposta a jovem e bela esposa do médico*), que perde sua compatibilidade com o primeiro *script* quando é feito o convite para o paciente entrar na ausência do médico, além da resposta em forma de sussurro da jovem e bela esposa. Raskin defende que “os dois *scripts* sobrepostos, de uma certa maneira, são percebidos como opostos, e é essa oposição que cria a piada” (Raskin, 1985, p. 100). Em outros termos, no primeiro *script*, explica o autor que o paciente certamente deseja ver o médico, sendo incongruente o convite da jovem esposa para ele (o paciente) entrar na casa quando o marido estava ausente. Ao invés do convite, o esperado seria que a resposta da jovem fosse algo do tipo *Ele voltará logo* ou *Você pode esperar se quiser*. O convite descrito na piada, porém, passa a ser altamente congruente se tomarmos o segundo *script*, o de AMANTE. Como bem adverte o autor, uma sobreposição de *scripts* “não é uma condição suficiente para um texto ser cômico — de fato, qualquer texto ambíguo é compatível com dois ou mais *scripts*, mas certamente nem todo texto ambíguo é cômico” (idem, p. 99).

Na construção da comicidade da piada do exemplo (5), é importante dizer ainda da importância do gatilho que permite a passagem de um *script* a outro, materializado na fala final da esposa do médico, sem deixar de considerar a construção de outras inferências no texto que também corroboram para a consolidação desse gatilho. Além disso, a construção cômica do texto acontece no modo de comunicação de não boa-fé, que implica a intencionalidade do humor.

A despeito do gatilho proposto por Raskin (1985) na caracterização da piada, lembramos, por oportuno, a assertiva de Possenti (1998) de que há vários mecanismos linguísticos nos níveis fonológico, morfológico, sintático e lexical, dentre outros, que podem ser acionados para a construção do efeito cômico na piada. Para esse autor, a



linguística, no campo do humor, deveria ocupar-se da tarefa de “descrição dos gatilhos e das razões que fazem um texto ser compatível com mais de um *script*” (Possenti, 1998, p. 23).

Considerando a noção de gatilho como uma das grandes contribuições de Raskin (1985) ao universo semântico, Magalhães (2010, p. 29) explica que o papel do gatilho é “estabelecer a relação entre os dois [*scripts*] impondo uma interpretação diferente da do primeiro [*script*] e que provoque o riso espontâneo”. Reiteramos que, neste capítulo, estamos advogando pelo processo de recategorização metafórica como um gatilho para a construção do efeito cômico na piada. Passemos, então, a uma melhor explicitação dessa conjectura, iniciando pela retomada dos exemplos (1), (3) e (4).

#### 4. A construção do efeito cômico engatilhado por processos de recategorização metafórica

No exemplo (1), como visto, identificamos três ocorrências do processo de recategorização metafórica na construção do referente *sogra*, homologadas pelas expressões referenciais *um monte coberto* [em cima de uma mesa], *a velha* e *merda*. Chamamos a atenção para o fato de que, embora as três recategorizações mantenham uma estreita relação na deflagração do efeito cômico da piada, é a recategorização de *sogra* como *merda* que concentra mais precisamente a função de gatilho para o humor. Vimos que, na perspectiva de Raskin (1985), o humor é gerado a partir de uma relação de oposição entre dois *scripts* sobrepostos e compatíveis com o texto, sendo necessário um gatilho que permita a passagem de um *script* a outro. Com base nessa caracterização, é possível identificar, no exemplo (1), dois *scripts*: o de ENTERRO DOS MORTOS e o de ENTERRO DE EXCREMENTOS, relacionados, respectivamente, aos domínios dos seres racional e irracional. Observe-se que, na narrativa da piada, a passagem para o segundo *script* ocorre exatamente no fecho da piada, quando o amigo, em resposta à arguição do caipira sobre as razões que o levaram a não

enterrar a sogra depois de passados dias de sua morte, defende-se com a súbita exclamação *Quem enterra merda é gato!* Em outros termos, é esse o momento em que se processa a recategorização metafórica do referente *sogra* como *merda*, a qual funciona como um gatilho para a comicidade do texto. É fato que, no universo humorístico, a sogra é um personagem frequentemente tematizado de forma depreciativa, não sendo raro o uso de expressões metafóricas altamente pejorativas na caracterização desse referente, caso da recategorização metafórica de *sogra* como *bruxa*, que engatilha a comicidade no exemplo (3), conforme descrevemos adiante.

A incongruência dessa primeira piada, portanto, está no fato de que o esperado era que a sogra, como é próprio da nossa cultura, tivesse sido enterrada, daí a estranheza do amigo quando soube que aquele *monte coberto* [em cima da mesa] era uma pessoa. Some-se a isso a informação de que o corpo da sogra estava nessa situação há dias. Assim, a súbita passagem para um *script* relacionado ao universo de animais irracionais (o *enterro de excrementos*), engatilhada pela recategorização da *sogra* como *merda*, quebra toda essa expectativa inicial gerada nessa narrativa cômica, fugindo totalmente do modelo de referência que se tem de enterro dos mortos em nossa cultura. O riso decorre precisamente da passagem para o segundo *script* em que a sogra jocosamente é metaforizada como um excremento do animal gato, além da recusa do genro em enterrá-la por não admitir tomar parte nesse segundo *script* (ele não é um animal irracional). Como bem pontua Magalhães (2010, p. 29), o gatilho na piada pode ser compreendido “como o elemento capaz de introduzir o segundo discurso à sombra do primeiro”.

Já foi dito que a recategorização metafórica de *sogra* como *bruxa*, descrita no exemplo (3), cujo grau de explicitude é menor, só pode ser reconstruída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo. Interessa-nos destacar, nesse momento, o papel dessa recategorização como gatilho para o humor. Como é característico do texto anedótico, no referido exemplo, novamente temos uma relação/oposição entre dois *scripts* compatíveis no texto: o de SOGRA COMO UMA PESSOA BOA e o de SOGRA COMO UMA PESSOA MÁ. O primeiro

é evocado pela expressão *Minha sogra caiu do céu*, a qual presume a construção do referente sogra de forma positiva, fato também corroborado pela interrogação *Ela é maneira assim mesmo?* Porém, a resposta a essa indagação já evoca o segundo *script*, quando o primeiro enunciador responde categoricamente que a vassoura [da sogra] quebrou quando ela voava sobre a casa dele. É a passagem para esse segundo *script*, desencadeada pela recategorização metafórica de *sogra* como *bruxa*, que provoca o efeito cômico do texto. Essa recategorização confere uma significação literal à expressão *Minha sogra caiu do céu*, rompendo com a expectativa do sentido figurado que lhe é atribuída no primeiro *script*, em que a sogra é inferida como uma pessoa agradável. Desse modo, *a sogra caiu do céu* porque é uma bruxa que tem a vassoura quebrada e não porque é uma pessoa agradável e desejada pelo genro. Fica clara aí a oposição entre *real* e *irreal*, estabelecida na relação entre os *scripts*.

No exemplo (4), os dois *scripts* relacionados são o de COMÉRCIO e o de ADULTÉRIO. A comicidade é gerada exatamente pela quebra do *script* inicial de que o cartão de crédito estaria sendo usado pela mulher para adquirir os presentes de valor que trazia para casa. Tal ruptura acontece, ou é engatilhada, pela recategorização metafórica do referente *cartão de crédito* como *genitália feminina*, pela qual também se infere que o marido, aparentemente enganado pela esposa, não dava crédito ao discurso configurado no primeiro *script*. O cômico da situação é a genitália feminina metaforizada como cartão de crédito, que traz, em sua subjacência, a comprovação do comportamento promíscuo da esposa. É claro que os dois *scripts* descritos são compatíveis no texto porque ambos estabelecem uma relação de compra/venda, porém em duas instâncias diferentes: a de objetos do mundo material e a de corpo como objeto sexual, respectivamente.

Reiteramos que, nesses primeiros três exemplos analisados, não podemos perder de vista o papel da recategorização metafórica como gatilho para a passagem de um *script* a outro nas piadas analisadas. Certamente que não estamos desconsiderando outras pistas linguísticas que podem colaborar para a construção dessa passagem. Entretanto, cremos que seja o processo de recategorização metafórica o

gatilho mais forte para a construção do efeito cômico dos textos analisados. É preciso ter claro que, obviamente, se o leitor não recuperar a construção das recategorizações metafóricas presentes nos textos, a criação do efeito de comicidade fica seriamente comprometida.

Passemos, então, à apresentação de mais dois exemplos, que fecham essa seção de análise. O primeiro deles novamente tematiza a mulher como objeto sexual.

(6)

Conversa de bar. Um cara pergunta pra outro:

— Quem é melhor pra ter como esposa: uma mulher feia mas fiel, ou uma [mulher] bonita mas puta?

— Melhor comer bolo em grupo do que merda sozinho. (Seleção de piadas, 2002, p. 16.)

De início, destacamos, no exemplo (6), duas ocorrências textualmente explícitas do processo de recategorização metafórica: a do referente *mulher feia* [mas fiel] como *merda* e a do referente *mulher bonita* [mas puta] como *bolo*. Essas duas recategorizações podem ser ditas como licenciadas, respectivamente, pelas metáforas conceituais O CORPO DA MULHER É COMIDA e O CORPO DA MULHER É UM EXCREMENTO, ancoradas num modelo cognitivo/cultural de sexualidade que cultua um determinado padrão de beleza feminina, sem deixar de mencionar também o aspecto da cultura machista que toma a mulher como um objeto meramente sexual. Tais recategorizações metafóricas, portanto, são essenciais para engatilhar a incongruência estabelecida entre os dois *scripts* relacionados na narrativa, responsável pela sua comicidade.

Seguindo essa linha de raciocínio, é perceptível, nessas duas (re)categorizações, a incongruência que se estabelece entre o modelo cognitivo de fidelidade matrimonial e a posição de um dos interlocutores do texto, que rompe com esse modelo, admitindo a promiscuidade feminina, em nome de um outro modelo que, para ele, se mostra mais significativo. Ou seja, o modelo vigente, na sexualidade,

de que aquilo que é atraente, do ponto de vista dos atributos físicos, é mais prazeroso.<sup>3</sup> Reiteramos que esse modelo cognitivo/cultural está na subjacência da (re)categorização metafórica de *mulher bonita* como *bolo*, bem como o contrário, de *mulher feia* como *merda*, essa última que se configura como uma inadequação a esse modelo de sexualidade vigente na sociedade machista. Note-se também que a mulher bonita é, do ponto de vista dos atributos que estimulam o desejo sexual, mais apetitosa, já que possui esses atributos, legitimados pelo modelo de sociedade que prega um extremado culto ao corpo, daí a sua recategorização metafórica, na piada, como *bolo*. Por outro lado, a mulher feia, por destoar desse modelo, é considerada como um refugio, mesmo que seja fiel, justificando-se a sua recategorização como *merda*, ou seja, um corpo que não serve para ser metaforicamente “devorado” pelo homem. Compreende-se, desse modo, que o importante é ter o melhor, isto é, a mulher bonita, ainda que de forma compartilhada, admitindo-se, nesse contexto específico, a infidelidade feminina. A comicidade da piada configura-se, então, pela passagem do *script* FIDELIDADE MATRIMONIAL para o *script* ADULTÉRIO. Lembramos que essa passagem tem como gatilho as duas recategorizações metafóricas destacadas na piada.

O segundo e último exemplo tematiza a questão da virilidade masculina, fortemente relacionada ao modelo de sexualidade machista do brasileiro descrito no exemplo anterior.

(7)

Conversam um alemão, um americano e um brasileiro sobre esportes olímpicos. Diz o alemão.

— Com uma vara de três metros, eu pulo três metros e oitenta!

O americano não quer ficar atrás:

— Pois eu, com uma vara do mesmo tamanho, cubro três metros e noventa!

---

3. Aqui não podemos deixar de estabelecer relação com a metáfora conceitual O ATRAENTE É GOSTOSO, identificada por Grady (1997) como uma metáfora primária de natureza correlacional.

O brasileiro não deixa por menos:

— Pois fiquem sabendo que, com uma vara de dezoito centímetros, eu como uma morenona de um metro e oitenta! (Sarrumor, 1998, p. 167.)

No exemplo (7), identificamos três repetições da expressão referencial *uma vara*, contudo somente a última delas assume a função de uma recategorização metafórica. Nessa recategorização, o referente recategorizado (*genitália masculina*) não se explicita textualmente, sendo inferido a partir das pistas textuais que evocam o modelo cognitivo de RELACIONAMENTO SEXUAL, estando, portanto, a construção desse referente ancorada nesse modelo. Como nos demais exemplos analisados, novamente o processo de recategorização responde pelo gatilho da comicidade do texto.

Nesse contexto, o jogo que se estabelece entre a mudança de tamanho e a finalidade da *vara* do brasileiro é uma pista importante para o processamento da recategorização metafórica de *genitália masculina* como *vara*. Essa recategorização traz em sua subjacência a metáfora conceitual GENITÁLIA MASCULINA É UM OBJETO RIJO, bem condizente com o modelo cultural machista da sociedade brasileira que normalmente povoa o universo humorístico, embora haja algumas exceções. Há que se enfatizar que essa recategorização desencadeia a passagem do *script* ESPORTE OLÍMPICO, evocado no início da narrativa, para o *script* RELACIONAMENTO SEXUAL, evocado no fecho da narrativa. O cômico é que, na passagem de um *script* a outro, o brasileiro acaba saindo na vantagem, ao realizar um feito muito mais prodigioso, para a cultura machista, com uma *vara* de menor tamanho do que os desportistas alemão e americano. A tematização da etnia também pode ser vista nessa piada, pela possibilidade de construção da inferência de que os americanos e alemães possuem um baixo desempenho sexual, o que não deixa de ser uma inferência bastante depreciativa. Decerto, a relação de oposição entre os dois *scripts* descritos é também um elemento fundamental na construção do efeito cômico da piada. Mais uma vez a passagem de um *script* a outro é engatilhada por uma ocorrência do processo de recategorização metafórica.

Em todos os exemplos ora analisados não podemos deixar de ressaltar o papel dos estereótipos em torno dos quais se constroem as piadas, isto é, a sogra má, a mulher objeto sexual e o brasileiro viril. As piadas e anedotas, como afirma Possenti (2010), constituem um meio muito produtivo de abordagem da identidade estereotipada. Isso porque “esses tipos de texto sempre retomam discursos profundamente arraigados e cujos temas são sempre cruciais para a sociedade” (Possenti, 2010, p. 40). O riso deflagrado a partir do processamento das recategorizações metafóricas construídas em torno desses estereótipos não pode ser dissociado também desse contexto.

## 5. Considerações finais

Neste capítulo, defendemos a hipótese da recategorização metafórica como um gatilho para o humor na piada, a partir de uma abordagem cognitivo-discursiva desse fenômeno linguístico e dos elementos característicos do texto de humor na perspectiva de Raskin (1985). Vimos que esse mecanismo linguístico pode perfeitamente figurar como elemento deflagrador do riso na piada, pelo fato de engatilhar a passagem de um *script* a outro que caracteristicamente estão relacionados na construção da piada.

Na análise, priorizamos os ingredientes semânticos postulados por Raskin (1985) na caracterização da piada, sem perder de vista a relação desses ingredientes com os aspectos discursivos e pragmáticos que estão imbricados na constituição desse gênero humorístico. Outro aspecto a ser ressaltado é que a compreensão das relações estabelecidas entre *scripts* sobrepostos na construção da piada depende da disposição do leitor/ouvinte para comparar os elementos da situação e interpretar o significado das incongruências, fazendo emergir uma única interpretação para o texto. Certamente que, nesse processo de construção de sentidos, o leitor também deve perceber simultaneamente o propósito discursivo do texto de provocar o riso.

Esperamos que a reflexão aqui empreendida, que não teve a pretensão de ser exaustiva, possa trazer contribuições à Linguística na sua tarefa de descrever os mecanismos linguísticos que podem funcionar como gatilho na construção do efeito cômico em textos humorísticos.

## Referências

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUÉLIN, Marie-Jose. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUÉLIN, Marie-Jose (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado) — University of California, Berkeley, 1997.

KRIKMANN, Arvo. Contemporary linguistic theories of humour. *Folklore*, v. 33, 2006. Disponível em: <<http://www.folklore.ee/folklore/vol33/kriku.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEITE, Ricardo Lopes. *Metaforização textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto*. 212f. Tese (Doutorado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LIMA, Silvana Maria Calixto. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.



LIMA, Silvana Maria Calixto. *Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MAGALHÃES, Maria Helena G. *Aprendendo com humor*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MATOS, J. G. *As funções discursivas das recategorizações*. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PIADAS SELECIONADAS. São Paulo: Escala, ano 3, n. 17, 2003.

POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1985.

SARRUMOR, L. *Mil piadas do Brasil*. Nova Alexandria: São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Mais mil piadas do Brasil*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

SELEÇÃO DE PIADAS. São Paulo: Escala, n. 17, 2002.

## A CONSTRUÇÃO DE REFERENTES EM TEXTOS VERBO-VISUAIS: UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Silvana Maria Calixto de LIMA<sup>17</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, investigamos as estratégias de referenciação utilizadas na construção de referentes em textos verbo-visuais, partindo da hipótese da homologação e evocação de referentes via semiose imagética. Para tanto, analisamos quatro exemplares de textos verbo-visuais, conforme os seguintes passos: i) identificação dos referentes tematizados e descrição dos processos referenciais envolvidos na construção desses referentes; ii) análise do papel das semioses verbal e imagética no processo de referenciação. Os resultados da análise são sugestivos para a validação da hipótese assumida, constatando-se que o processo de recategorização é uma estratégia de referenciação bastante produtiva para a construção de referentes em textos verbo-visuais.

**Palavras-chave:** Sociocognição. Referenciação. Multimodalidade.

**Abstract:** *In this paper, we investigate the referenciation strategies used for elaborating referents in verbal-imagistic texts. We start from the assumption that speech referents can also be approved and evoked via imagery semiosis. This way, we analyze a sample composed by four verbal-imagistic texts, according to the following steps: i) identification of thematized referents and description of referential processes involved in the construction of these referents; ii) analysis of the role of verbal and imagery semiosis in the referenciation process. The analysis results are suggestive for the validation of the assumed hypothesis, noting that recategorization process is a very productive strategy for building referents in verbal-imagistic texts.*

**Keywords:** *Sociocognition. Referentiation. Multimodality.*

---

<sup>17</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Piauí. Bolsista do PNPd/CAPES-UFC. Teresina, Piauí, Brasil. scalixto2003@yahoo.com.br.

## **Introdução**

No quadro da perspectiva sociocognitiva (SALOMÃO, 1999; KOCH; CUNHA-LIMA, 2006), assumida por um considerável número de pesquisadores filiados à área da Linguística de Texto (doravante LT), emerge a abordagem da referenciação (MONDADA; DUBOIS, 1995), a qual tem servido de lastro para estudos que têm permitido avanços significativos em termos da descrição do processo de construção de sentidos do texto. Tal abordagem volta-se para a compreensão da atividade da referência não como um espelhamento dos objetos do mundo, como preconiza a visão clássica, mas como um processo dinâmico que envolve aspectos linguísticos e cognitivos que não estão dissociados do mundo (re)construído pelos sujeitos em interação no curso das práticas discursivas. A referenciação é, portanto, uma atividade de reelaboração do real que resulta de um trabalho sociocognitivo, como bem afirma Custódio Filho (2011).

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é investigar as estratégias de referenciação utilizadas na construção de referentes em textos verbo-visuais, tendo em vista que há muito ainda o que se explorar nesse terreno, uma vez que o foco dos estudos da referenciação por muito tempo esteve voltado para os textos verbais. De fato, um dos grandes desafios da LT, na atualidade, tem sido a extensão de suas categorias de análise de forma a abarcar também a construção de sentidos de textos que mesclam mais de uma semiose em sua constituição. É inegável a grande circulação dessa modalidade textual nas esferas comunicativas do cotidiano, principalmente com o advento da internet e suas redes sociais, o que configura um campo fértil para a pesquisa.

Nessa empreitada, partimos da hipótese da homologação e evocação de referentes via semiose imagética, a qual emerge da consolidação de uma perspectiva mais ampla da referenciação a partir do posicionamento por nós assumido de que a concepção de referente não está atrelada à condição de uma necessária materialidade por meio de uma expressão referencial. Para tanto, analisamos uma amostra constituída por quatro exemplares de textos verbo-visuais coletados de sites da internet, tendo como passos basilares os seguintes: i) identificação dos referentes tematizados e descrição dos processos referenciais envolvidos na construção desses referentes; ii) análise do papel das semioses verbal e imagética no processo de referenciação e consequente construção de sentidos dos textos constituintes da amostra de investigação.

Em termos estruturais, dividimos o artigo em duas grandes partes. A primeira diz respeito aos fundamentos teóricos que dão base à proposta de análise empreendida, os quais compreendem, dentre outros, os estudos de Mondada e Dubois (1995), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Lima (2009), Cavalcante e Custódio Filho (2010), Cavalcante (2012), Custódio Filho (2011), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Lima e Cavalcante (2015). Nesse primeiro momento, partimos da apresentação da concepção sociocognitiva de texto, assumida neste trabalho, para chegarmos à perspectiva da referenciação e seus desdobramentos no que concerne ao tratamento dos textos verbo-visuais. Na segunda parte, apresentamos a análise propriamente dita dos textos verbo-visuais que constituem a amostra de investigação, seguida das considerações finais e das referências.

### **A concepção sociocognitiva de texto**

Koch (2004) apresenta um quadro evolutivo da trajetória da LT quanto à concepção de seu objeto de estudo, ou seja, o texto. Numa escala ascendente, a concepção desse objeto evolui de uma base gramatical para uma base sociocognitiva-interacionista, esta última que tem sido basilar para uma parte significativa dos estudos desenvolvidos na contemporaneidade pela referida área.

O que significa, então, para a LT assumir critérios de natureza sociocognitiva<sup>18</sup> na concepção de seu objeto de estudo? Uma resposta a essa questão demanda inicialmente a exposição dos pressupostos que dão fôlego a essa abordagem, sendo necessário antes que se exponha minimamente o caminho percorrido para a sua estabilização no âmbito desse campo de investigação.

Assim sendo, é fato que a LT, desde a década de 1980, fazendo jus à sua natureza interdisciplinar, já mantém um diálogo bastante produtivo com a área de estudo da cognição, o que lhe possibilitou avanços significativos para uma descrição mais substancial de seu objeto de estudo. A esse respeito, Koch (2004) relata que, a partir da referida década, ocorreu, na trajetória da LT, a chamada *virada cognitivista*. A obra, de Beaugrande e Dressler, *Introduction to Text Linguistics*, lançada em 1981, representa um dos marcos dessa fase. Nela, os autores, convictos de que o texto é “um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação”

---

<sup>18</sup> Optamos por abreviar a nomenclatura usada em Koch (2004), pelo entendimento de que a interação já é uma parte essencial da cognição, posição também assumida pela autora em trabalhos posteriores.

(BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981, p. 74), advogam por uma abordagem procedural do texto em que passam a ter lugar, dentre outras, as operações de ordem cognitiva envolvidas na sua produção e recepção. Segundo eles, cabe à LT desenvolver modelos procedurais capazes de refletir “as operações responsáveis pela forma como os textos são criados e utilizados” (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981, p. 85). Podemos dizer que, a partir dessa fase, os aspectos cognitivos se veem chamados com maior força a compor o quadro da LT, porque se tornam pressupostos na descrição do processamento textual, viabilizado por diferentes estratégias.

Apesar desse salto para uma concepção de texto de base cognitivista, é somente numa fase posterior que a LT, acompanhando a evolução das Ciências Cognitivas para uma visão de mente corpórea, perfila uma concepção de texto mais abrangente, em que, além dos aspectos cognitivos, procura conjugar, à construção do significado linguístico, aspectos sociais e culturais. Referimo-nos à concepção de texto de base sociocognitiva de que estamos tratando neste item.

De forma mais pontual, recorreremos a Custódio Filho (2011) no intuito de prover uma descrição mais objetiva dessa concepção de texto a qual nos filiamos.

Temos, então, que o caráter do texto, no estágio atual dos estudos em LT, fala em favor de um objeto funcional, dinâmico, multifacetado, resultante de uma atividade linguístico-sociocognitiva orientada por parâmetros discursivos. A partir dos usos em interação, as propostas explicativas são construídas, as incompletudes são sinalizadas e as novas configurações teóricas são solicitadas. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 62)

Compreendemos que a definição de Custódio Filho (2011) pode encontrar reforço na afirmação de Salomão (1999, p. 67) – que muito bem descreve a hipótese sociocognitivista da linguagem –, de que “as significações resultam do trabalho local da interpretação, guiada pelo sinal linguístico e pelos outros sinais que o refinam e complementam”. Na verdade, a linguagem guia o sentido, conforme adverte Fauconnier ([1985] 1994), ficando patente a compreensão de que se deve “postular a linguagem como operadora da conceptualização socialmente localizada através de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais a serem sancionadas no fluxo interativo” (SALOMÃO, 1999, p. 64).

Fica claro, portanto, que a concepção de texto não pode estar restrita à sua materialidade como um artefato estático, considerando todos os aspectos que estão envolvidos na construção dos seus sentidos. Como podemos depreender da afirmação de Fauconnier ([1985] 1994) e

Salomão (1999), a materialidade textual é apenas um dos sinais que guia a significação nesse processo. A ela se somam outros que, por simplificação, podemos dizer que estão no entorno sociocognitivo do texto, envolvendo a integração de todos os elementos citados por Salomão (1999) na configuração da hipótese sociocognitiva da linguagem, conforme aprofundaremos no prolongamento deste estudo.

O pensamento de Cavalcante (2011b) também reforça essa assertiva:

O texto não representa a materialidade do cotexto, nem é somente o conjunto de elementos que se organizam numa superfície material suportada pelo discurso; o texto é uma construção que cada um faz a partir da relação que se estabelece entre enunciador, sentido/referência e coenunciador, num dado contexto sociocultural. Por isso está inevitavelmente atrelado a uma enunciação discursiva. (CAVALCANTE, 2011b, p. 17).

Nos termos apresentados, compreendemos que a concepção sociocognitiva do texto não se sustenta pela clássica dicotomia cotexto/contexto, uma vez que todos os elementos presentes na configuração textual, sejam eles materializados ou inferidos, estão imbricados numa composição que não permite traçar uma linha divisória tão exata entre o que é interno e externo ao texto. Ademais, já é consensual na LT que “o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação” (KOCH, 2004, p. 32), sendo esse também mais um argumento válido contra a rigidez promovida por tal dicotomia.

Como, então, tratar dessa composição nessa perspectiva? Retomando a fala de Custódio Filho (2011, p. 62), se concebemos o texto como “um objeto funcional, dinâmico, multifacetado, resultante de uma atividade linguístico-sociocognitiva orientada por parâmetros discursivos”, não é difícil encontrar uma resposta satisfatória para tal indagação. A princípio, temos que toda manifestação textual é gestada num ato de interação mediado pela linguagem (verbal ou não verbal). A demarcação entre o que é interno e externo a esse processo vai de encontro à própria natureza dinâmica do texto.

Por essa razão, dizer do entorno sociocognitivo do texto parece ser uma orientação mais razoável, considerando que esse entorno pode recobrir tanto os elementos que estão materializados na superfície textual quanto aqueles que são inferidos a partir dessa materialidade pela ancoragem em modelos cognitivos/culturais<sup>19</sup>, naturalmente evocados pelos interlocutores no curso das práticas discursivas. É fato que todo esse processo também fica na

---

<sup>19</sup> Remetemos ao trabalho de Lima (2009) para um maior detalhamento desses modelos.

dependência da (re)ativação dos sistemas de conhecimento partilhados<sup>20</sup> pelos interlocutores na atividade discursiva. Desse modo, o rótulo entorno sociocognitivo parece-nos ser mais útil para dar conta dessa visão processual do texto em que igualmente se conjugam elementos de ordem linguística, cognitiva, social e discursiva, sem que se necessite de uma fronteira demarcatória entre esses componentes.

Em face do delineamento da concepção de texto de base sociocognitiva, não é difícil ver que esta traz em seu bojo um maior poder descritivo para dar conta das novas configurações textuais que emergem no cotidiano por força das interações nas redes sociais. É esse o caso da amostra analisada neste trabalho. De igual modo, isso se aplica a qualquer uma das mais diversificadas manifestações textuais, sejam elas verbais ou não verbais.

Considerando o estatuto sociocognitivo do texto aqui assumido, passemos ao trato do fenômeno da referenciação que, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), desponta como um dos mecanismos mais eficazes para explicitar essa tendência.

### **A perspectiva da referenciação e seus desdobramentos**

Com base em Koch (2004) e Cavalcante (2011a), a referenciação pode ser definida sumariamente como uma atividade textual-discursiva de construção e reconstrução de referentes ou objetos de discurso, sendo esta fundamental para a recuperação da coerência textual. É preciso enfatizar também que “o ato de referir é sempre uma ação conjunta” (CAVALCANTE, 2011b). Decerto, a partir do estudo pioneiro de Mondada e Dubois (1995) sobre essa matéria, muitas considerações poderiam ser feitas em termos de seus fundamentos que questionam a visão clássica da referência, mas vamos aqui nos eximir dessa tarefa para não perder o foco do objetivo delineado para este estudo. Porém, tal posicionamento não significa uma abordagem rasa. Apenas vamos nos limitar a fazer um recorte de aspectos desse processo que julgamos relevantes para levar a cabo o propósito de investigar a construção de referentes em textos verbo-visuais.

Encontramos em Cavalcante (2012) um caminho viável para tal fim. A autora aponta três características básicas da atividade de referenciação: i) elaboração da realidade; ii)

---

<sup>20</sup> Segundo Koch (2004, p. 22), “Heinemann e Viehweger (1991) postulam que, para o processamento textual, concorrem quatro grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico, o interacional e o referente a modelos textuais globais”.

negociação entre interlocutores e iii) trabalho sociocognitivo. Essas características permitem que esse fenômeno seja assim globalmente definido:

O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção dos sentido(s). (CAVALCANTE, 2012, p. 113).

Assim compreendido o processo de referenciação, é importante ainda focalizar a concepção de referentes ou objetos de discurso como “entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio da interação (MONDADA, 2001, p. 34), daí que os referentes não podem ser confundidos com as próprias expressões referenciais que podem lhes homologar na dinâmica discursiva. Desse modo, referente e expressão referencial são conceitos relacionados, porém distintos. E isso precisa ficar claro para que seja viabilizada a hipótese assumida de que os referentes podem ser homologados e evocados também pela semiose imagética.

Não obstante, via de regra, os referentes e suas recategorizações ao longo da progressão textual são homologados por expressões referenciais. Porém, essa regra não se mostra como categórica, pois há muitas situações em que tanto os referentes, quanto às suas recategorizações, podem ser inferidos, mas não confirmados lexicalmente, a partir de pistas sinalizadas pelo entorno sociocognitivo do texto, conforme demonstramos na seção de análise deste trabalho.

Nesse contexto, emerge também a hipótese assumida neste estudo de que os objetos de discurso podem ser homologados e evocados via semiose imagética, o que representa um desdobramento importante na aplicação dos pressupostos da referenciação, já assumido por Ramos (2007), Custódio Filho (2011), Capistrano Júnior (2011) e Lima e Cavalcante (2015), só para citar alguns. Aliás, Mondada (2005) já sinaliza para tal extensão quando, ao analisar a construção interativa da referência durante um procedimento cirúrgico, admite que a sua manifestação não está condicionada às práticas da linguagem verbal, mas pode envolver também outras práticas tais como o gesto e a direção do olhar. Daí a afirmação da autora de que essas práticas interativas diversas, necessariamente,

obrigam a Linguística a não se limitar a dar conta de atividades dos interlocutores que seriam exclusivamente verbais e, assim, relegar os outros processos ao domínio da cognição. Elas obrigam, ao contrário, a levar em consideração as situações – numerosas – em que a palavra está imbricada na ação não-verbal, na materialidade do contexto e na manipulação de objetos.



Isto nos parece fundamental para uma reflexão sobre a produção da referência – que se faz por meio de práticas sociais multimodais e não somente linguísticas. (MONDADA, 2005, p. 15-16).

Como vimos defendendo, urge que se volte o olhar para o trato do fenômeno da referenciação na construção de textos que mesclam mais de uma semiose na sua constituição, aqui, mais especificamente, os verbos-visuais. Aprofundamos essa questão no tópico seguinte.

### **Referenciação e multimodalidade**

Embora compreendamos que todo texto se constitui de recursos multimodais, inclusive aqueles materializados por meio da linguagem verbal (oral e escrita), como enfatiza Dionísio (2011), o que aqui estamos tratando como texto multimodal diz respeito às manifestações discursivas que, de forma interdependente, mesclam mais de uma semiose em sua constituição, conforme definem Kress e van Leeuwen (2001). Para os autores, a linguagem verbal é apenas um dos modos semióticos disponíveis para a comunicação. Além dela, outros modos semióticos como a imagem, a cor, o som e o gesto, têm potencial para servir à comunicação e à representação. Particularmente, vamos nos deter na análise de textos verbo-visuais (ou verbo-imagéticos), considerando que os gêneros analisados, neste trabalho, apresentam em sua composição material esses dois modos semióticos.

Demarcado o terreno da multimodalidade em que estamos operando, passemos a um breve relato do estado da arte no que concerne à temática da referenciação e multimodalidade desenvolvida nesta seção. A nosso ver, Custódio Filho (2011) é o primeiro a tratar dessa questão de forma mais propositiva, quando, dentre outros pontos, questiona o verbocentrismo da LT no trato de seu objeto de estudo e argumenta pela necessidade de novas configurações teóricas para abarcar também os textos multimodais. Particularmente no que tange à referenciação, o autor oferece relevantes contribuições que resultam da análise da construção de referentes em textos verbo-áudio-visuais, inaugurando, por assim dizer, um trabalho mais sistemático com esse tipo de texto no âmbito das pesquisas brasileiras sob o lastro da referenciação. Dessas contribuições, interessa-nos mais de perto a categoria da *recategorização sem menção referencial*, que se alinha perfeitamente com a visão sociocognitiva de texto também assumida pelo autor, bem como a hipótese levantada neste estudo.

É fato que os referentes instaurados numa dada configuração discursiva podem sofrer constantes transformações ou remodulações motivadas pelos propósitos comunicativos dos

interlocutores envolvidos na interação. Essa estratégia, designada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) como recategorização, promove a progressão referencial, sendo, o mais das vezes, concretizada pelos mecanismos referenciais da anáfora direta e da anáfora indireta. Entretanto, pode ocorrer também ancorada nas estruturas e no funcionamento cognitivo, conforme Lima e Feltes (2013), isto é, sem a dependência de sua homologação por uma expressão referencial, da forma como Custódio Filho (2011) originalmente concebeu a categoria da *recategorização sem menção referencial*.

Em Lima e Cavalcante (2015), porém, optamos por rotular tal categoria como *recategorização sem menção de expressão referencial*, porque, assim, como veremos adiante, ela passa a recobrir tanto os textos verbais quanto os verbo-visuais. Para um melhor detalhamento dessa posição, retomamos um exemplo de texto verbo-visual apresentado por nós no referido trabalho.

(1)



(Disponível em: <https://www.facebook.com/ConselhosDaMaePretaa?fref=ts>. Acesso em: 13 mar. 2015. Citado por LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 311.)

Em (1), uma postagem *meme* do Facebook, identificamos dez ocorrências do processo de recategorização desencadeadas a partir da definição do referente *Congresso Brasileiro*, introduzido verbalmente e também homologado pela semiose imagética. Num plano mais explícito, porque o processo é (re)construído a partir de pistas manifestas na materialidade textual, temos a recategorização desse referente, na mesma ordem das definições apresentadas no texto, como *um zoológico*, *um presídio*, *um circo*, *uma zona (puteiro)* e *um vaso sanitário*. Num plano menos explícito ou mais inferencial, porque ancoradas nos *frames* evocados a partir das definições do referente *Congresso Brasileiro*, identificamos as outras cinco recategorizações assim descritas:

Temos, assim, por um processo metonímico de PARTE PELO TODO, em que os políticos são tomados pelo Congresso Brasileiro, as seguintes recategorizações: 1. a de políticos brasileiros como animais irracionais; 2. a de políticos brasileiros como ladrões; 3. a de políticos brasileiros como palhaços; 4. a de políticos brasileiros como prostitutas; 5. a de políticos brasileiros como excrementos. (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 312)

Por ocasião da análise desse exemplo em Lima e Cavalcante (2015), defendemos que o segundo grupo de recategorizações fosse abrigado sob o rótulo de *recategorização sem menção de expressão referencial*, compreendido este como adequado para dar conta dos casos de recategorização em que “nem o referente nem a sua recategorização são homologados na superfície textual, mas ambos os elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos

cognitivos evocados pelas pistas textuais” (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 312). Assim, confirma-se o postulado por nós assumido naquele e neste artigo de que a construção de referentes não está condicionada por sua homologação via expressão referencial e, ao mesmo tempo, o processo de recategorização também não está condicionado por um grau de explicitude absoluta.

Entendemos, portanto, que esse reenquadramento da categoria erigida por Custódio Filho (2011) pode ser uma estratégia produtiva, em termos descritivos, para o trato da construção referencial em textos verbo-visuais. Entretanto, há um outro ponto que se faz crucial nessa dimensão: a hipótese de que os referentes podem ser homologados e evocados por meio da semiose imagética, assumida neste trabalho, que, como veremos na seção seguinte, se desdobra também para o alcance do processo de recategorização.

Nessa conjuntura, não podemos deixar de referir ainda outros trabalhos que já se alinham com essa hipótese, embora com um foco diferenciado do objetivo traçado para este estudo, a exemplo de Ramos (2007), Capistrano Júnior (2011) e Lima (2013). Assim, temos por certo que já há um esforço conjunto dos pesquisadores da LT no sentido de tornar mais estreitos os laços entre a perspectiva da referenciação e a multimodalidade.

No próximo item, apresentamos uma amostra de como essa relação pode ser concretizada de forma mais sistemática em prol da construção dos sentidos do texto.

### **A construção de referentes em textos verbo-visuais**

Nesta seção, apresentamos a análise de quatro textos verbo-visuais pertencentes aos gêneros charge e postagem *meme*. Lembramos que o nosso objetivo é descrever a forma como se dá a construção dos referentes tematizados nos respectivos textos, partindo da hipótese de que estes também podem ser homologados e evocados pela semiose imagética. Assim, cumprimos o nosso intuito de investigar o processo de referenciação para além das fronteiras do verbal, tendo em vista o entendimento de que, em textos verbo-visuais, a construção de sentidos é viabilizada pela conjunção de elementos de ambas as semioses, havendo uma espécie de interdependência entre as duas linguagens que precisa ser considerada.

Iniciemos pela análise da charge seguinte produzida por ocasião do Dia de Finados, cuja celebração no calendário católico é feita no dia 2 de novembro. O cenário motivador da produção da charge é a crise político-econômica instalada no governo brasileiro no ano de 2015.

(2)



Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=charges+dia+de+finadosetbm=ischetbo=uesource=univesa=/>. Acesso em 03/11/2015.

Observamos que a charge do exemplo (2) conjuga elementos das linguagens verbal e imagética para fazer uma crítica oportuna à difícil situação de governabilidade por que passa o Brasil no ano de 2015. O cenário de um cemitério convencional pode ser visto como o pano de fundo desse texto verbo-visual, o que colabora para a construção de seus sentidos principalmente pela evocação de um referente que não é homologado textualmente, ou seja, o *governo brasileiro*, mas que pode ser reconstruído pelo conjunto de pistas textuais, sejam elas verbais ou imagéticas, presentes no entorno sociocognitivo do texto.

Nesse conjunto, os referentes *ética*, *educação*, *segurança* e *saúde* são simultaneamente homologados por expressões referenciais e recategorizados imageticamente como *sepulturas*. Note-se que esses referentes também podem ser tomados metonimicamente pelo referente *Governo brasileiro*, numa relação de parte pelo todo. Num enquadre global da charge, há uma segunda recategorização desses mesmos referentes como *finados*, configurando de forma mais contundente o efeito irônico por ela promovido, tanto é que essa expressão referencial recategorizadora aparece numa posição de saliência maior expressa pelo tamanho, forma e cor de seus caracteres.

É importante dizer que tal descrição, assim como as demais que procederemos na sequência, só se sustenta se tomarmos a construção de sentidos do texto de uma perspectiva não

necessariamente linear, como vimos sustentando também em outros trabalhos como Lima (2009) e Lima e Cavalcante (2015). Não faz sentido, por exemplo, rotular a expressão “finados” como uma introdução referencial simplesmente pelo fato de que aparece numa posição de destaque semelhante a um título. Entendemos que o leitor possa até visualizar primeiro essa expressão, pela sua posição de saliência. Entretanto, ele só reconstruirá o seu sentido quando passar por todo o texto e compreender a sua função recategorizadora. Tal função é construída pela mobilização de todas as pistas que citamos inicialmente.

Cumpramos ressaltar mais uma vez a importância de se compreender a construção de referentes não apenas atrelada à materialidade linguística ou imagética, como é o caso dos referentes *Governo brasileiro e Brasil*. O processo de referenciação como uma atividade sociocognitiva permite que mobilizemos, a partir das pistas textuais que podem evocar modelos cognitivos, uma gama de outros referentes que não são explicitados textualmente, mas que também podem colaborar para a construção de outras inferências essenciais para a construção de sentidos do texto. Da charge em análise, cuja configuração vimos que evoca um *frame* de cemitério, podemos inferir mais duas outras ocorrências do processo de recategorização. Dessa feita, a materialização dessas ocorrências só é possível pela sua ancoragem em modelos cognitivos, constituindo o que designamos em Lima e Cavalcante (2015) como recategorizações sem menção de uma expressão referencial. Assim, temos a recategorização metafórica do referente *Governo brasileiro* como um *defunto enterrado*, numa clara alusão à falência das instituições que o compõem. Pelo mesmo processo, podemos inferir a construção do referente *morte* e a sua conseqüente recategorização metafórica como *escuridão*, iniciada pelo *frame* CEMITÉRIO e pelas cores cinza, marrom e preto predominantes na composição do texto. Essa última recategorização traz em seu bojo a inferência de que o Brasil está sem luz para resolver os seus problemas e, por isso mesmo, está morto e enterrado, razão pela qual vivenciamos um processo de luto que é exaltado pelo chargista por ocasião da passagem do Dia de Finados.

A próxima charge também tematiza esse “enterro” do governo brasileiro.

(3)



Disponível em <http://www.chargeonline.com.br/>. Jornal o Popular. Acesso em 03/11/2015.

A charge do exemplo (3) tem novamente como foco o referente *Governo brasileiro*, introduzido verbo-imageticamente pela logomarca adotada no atual governo da presidente Dilma Rousseff. Mas, dessa feita, esse referente vem recategorizado de forma mais explícita como *um defunto enterrado*, como se pode ver pela imagem de uma sepultura que aparece em posição saliente na charge, em cuja lápide se encontra a referida logomarca que representa o referente em evidência.

Da mesma forma que no exemplo (2), o conjunto de elementos verbais e imagéticos propicia a evocação do *frame* de um cemitério, que é fundamental para a ancoragem dessa e de outra recategorização importante para a construção de sentidos do texto. Trata-se da recategorização do referente *governo brasileiro* como *um dos finados do ano de 2015*, explicitada verbalmente e confirmada pelo cenário do cemitério. A cena do cemitério representada à noite, pela presença dos referentes imagéticos *nuvens negras* e *lua* também pode evocar o referente *morte* recategorizado como *escuridão*, se tomarmos um nível mais complexo de construção de inferências que subjazem à construção dos sentidos da charge. Assim, podemos inferir o mesmo sentido da charge do exemplo (2), em que a morte do referente *governo brasileiro* é uma metáfora da situação nebulosa por que passa o país em meio à crise política e econômica que se instaurou no ano de 2015. Desse modo, a recategorização do

referente *governo brasileiro* como *um cadáver morto e enterrado* novamente engatilha a crítica própria do gênero charge.

Notadamente, todas as inferências sugeridas na análise desses dois primeiros textos verbo-visuais e dos dois outros que apresentamos na sequência estão na dependência do acionamento de uma bagagem sociocognitiva de seus presumidos interlocutores, evocada a partir das pistas verbais e imagéticas que vimos descrevendo. Assim, não se pode trabalhar essas duas semioses de forma desconectada sob pena de não alcançarmos os sentidos dos textos analisados. Além disso, é preciso considerar ainda que o modelo cognitivo/cultural de morte adotado na sociedade ocidental também está na base das recategorizações metafóricas descritas nas duas charges. Nesse modelo, a morte é compreendida como um estágio inevitável da condição humana que via de regra deveria ocorrer apenas pelo envelhecimento do corpo. Porém, a morte do referente *governo brasileiro* significa metaforicamente a sua deterioração pela ambição e falta de escrúpulos de uma parcela significativa de seus dirigentes. É por isso que ambas as charges recategorizam o referente *governo brasileiro* como *um finado*, o que evidencia uma certa falta de crédito num futuro promissor para o país.

O próximo texto verbo-visual consiste numa postagem *meme* viralizada nas redes sociais Facebook e Whatsapp. Lembramos que essa modalidade extual normalmente tem como evento deflagrador situações ou fatos do cotidiano que envolvem comportamentos dignos de críticas, quase sempre bem-humoradas, considerando o seu propósito cômico-irônico.



(4)



Disponível em: <http://www.whatstube.com.br/categoria/imagens- whatsapp/engracadas/page/4/>. Acesso em 03/11/15.

Como podemos notar no exemplo (4), o texto verbo-visual alude a uma situação que requer a evocação do *frame* FOFOCA À MODA ANTIGA, a fim de que se reconstrua o seu efeito de sentido cômico-irônico. Neste, o referente imagético *quatro mulheres idosas* é recategorizado verbalmente como *quatro câmeras de vigilância modelo antigo*. Mais uma vez, é na conjunção das semioses verbal e imagética que o referente tematizado evolui na cadeia textual-discursiva de uma perspectiva reticular. O cenário em que esse referente é instaurado na postagem se revela como característico de um comportamento comum entre as pessoas de mais idade que costumavam se reunir nas praças e calçadas das cidades interioranas, para ver e comentar o movimento dos transeuntes com um certo ar de maledicência. Hoje, com a evolução das tecnologias da informação e comunicação, essa estratégia de bisbilhotar a vida alheia tornou-se obsoleta, sendo incrementada pela rapidez e recursos dos meios digitais via redes sociais. Temos assim, nessa postagem, um contraste entre o velho e o novo em que este último se sobressai.

A intergenericidade com o classificado de jornal presente na constituição da postagem também é um ponto interessante que contribui para construir essa relação descrita. O propósito cômico-irônico da postagem desencadeado pela recategorização do referente tematizado evidencia-se muito mais quando há a oferta de venda pela condição da antiguidade. O processo de recategorização, portanto, é fundamental para o alcance do propósito comunicativo da postagem.

O próximo e último texto verbo-visual a ser analisado é uma postagem *meme* de uma configuração muito mais complexa pelo grau de implicitude das recategorizações que respondem mais diretamente pela construção de seu propósito comunicativo.

(5)



Disponível em: <http://www.whatstube.com.br/categoria/imagens-whatsapp/engracadas/page/4/> Acesso em 10/10/15.

A postagem do exemplo (5) tem em sua base a colagem de duas imagens contíguas que representam a tela de inicialização de aparelhos celulares do tipo *smartphone*. Nessa composição, o papel da linguagem verbal também é fundamental para que se reconstrua os sentidos da referida postagem *meme*. Ou seja, os referentes *[homem] casado* e *[homem] solteiro* são homologados verbalmente ao tempo em que são recategorizados imagetivamente a partir da representação do traçado da senha de acesso a um aparelho celular digital. Assim, a partir da configuração desse traçado de forma menos ou mais complexa, as recategorizações responsáveis pela construção do efeito cômico-irônico da postagem podem ser recuperadas. Nesse contexto, é importante observar que o conjunto de elementos da postagem evoca um *frame* de relacionamento amoroso em que o adultério é praticado pela sociedade machista. Assim, o referente *[homem] casado* é recategorizado imagetivamente como *amante infiel*, inferência que se constrói pelo grau de dificuldade de acesso a sua senha do aparelho celular,

dada a complexidade do traçado. A dificuldade da senha revela que, muito provavelmente, há algo a esconder nesse universo dos homens casados que põe em xeque a sua fidelidade.

Por outro lado, o referente [*homem*] *solteiro* é recategorizado como *amante fiel*, uma vez que, hipoteticamente, não teria nada a esconder, considerando a simplicidade do traçado de sua senha revelada pela imagem da postagem. Essa última recategorização assim se conforma pela oposição que se estabelece na construção da postagem entre *solteiro* e *casado*, conforme apresentado, elemento fundamental para que os sentidos aqui inferidos sejam validados. Assim, essas recategorizações promovem uma ruptura do modelo cognitivo CASAMENTO quanto ao comportamento dos cônjuges. O esperado seria que o referente [*homem*] *casado* fosse recategorizado como *fiel*, e não o contrário, prevalecendo na construção dos sentidos da postagem o modelo cognitivo ADULTÉRIO.

Por fim, ratificamos que as linguagens verbal e imagética são complementares ou interdependentes na construção dessa postagem e dos demais textos já analisados. Cumpre-nos referendar, por oportuno, a importância do entorno sociocognitivo que precisa ser mobilizado para a construção dos sentidos dos quatro textos ora analisados. Nesse entorno, destacamos que todos os elementos evocados estão imbricados numa relação de interdependência que congrega aspectos de ordem semiótica, cognitiva, social e cultural, sempre sinalizados *no e pelo* texto, em conformidade com a concepção sociocognitiva de texto que adotamos neste trabalho. Assim, a separação desses elementos na descrição do processo, da forma como aqui procedemos, se deu necessariamente em benefício da explicação. Compreendemos, portanto, que todos os componentes da dinâmica tessitura do texto convergem sempre para uma unidade de sentido.

### **Considerações finais**

A natureza do textos verbo-visuais demanda outros desdobramentos no que diz respeito à construção dos referentes, considerando a mescla das semioses no processo de construção de sentidos desses textos, conforme vimos na proposta de análise deste artigo. A existência de referentes homologados no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo – mas sempre sinalizados por pistas linguísticas (verbais ou imagéticas) –, bem como a existência de referentes homologados e/ou recategorizados pela semiose imagética, é uma evidência clara desses desdobramentos.

Assim, o tratamento dos textos verbo-visuais exige uma expansão das categorias de análise da LT, particularmente no que tange à atividade de referenciação, a fim de (re)configurá-las para a aplicação em novos contextos que envolvem necessariamente a multimodalidade.

Nessa direção, os resultados da análise empreendida neste estudo põem em relevo o papel do processo de recategorização, homologado nas formas verbal e imagética e/ou ancorado em estruturas cognitivas, para a evolução dos referentes tematizados nos textos, bem como para a construção do efeito cômico-irônico que neles é determinante. Tal fato permite-nos constatar que o processo de recategorização se afigura como uma estratégia de referenciação bastante produtiva para engatilhar a construção de sentidos em textos verbo-visuais.

## Referências

APOTHÉLOZ D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Org.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-71.

BEAUGRANDE, R.-A.; DRESSLER, W. **Introduction to Text Linguistics**. Londres e Nova York: Longman, 1981.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 227-235.

CAVALCANTE, M. M. Leitura, referenciação e coerência. In: ELIAS, V. M. (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011a, p. 183-195.

\_\_\_\_\_. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**. Teresina, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 329 f. (Tese de Doutorado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2011.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge, MA: MIT Press, [1985] 1994.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. v.3. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 251-300.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. Londres: Arnold, 2001.
- LIMA, J. S. **O processo de recategorização no gênero charge**: um estudo à luz da perspectiva sociocognitiva. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.
- LIMA, S. M. C. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia**: um estudo de processos de recategorização. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- LIMA, S. M. C.; FELTES, H. P. M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Org.). **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIMA, S. M. C.; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVEL**, v. 13, n. 25, p. 295-315, 2015 [www.revel.inf.br].
- MONDADA, L. Gestion du topic et organization de la conversation. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, IEL/UNICAMP, n. 41, p. 7-36, 2001.
- \_\_\_\_\_. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-31.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. **TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)**, n. 23, p. 273-302, 1995.
- RAMOS, P. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.